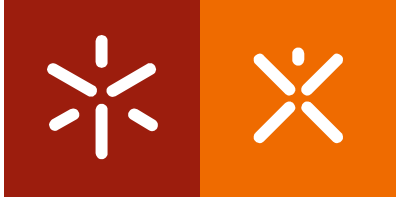




Ser, conectar e aprender: uma trajetória guiada pela mediação escolar para a promoção do sucesso educativo a partir de uma cultura de paz

Cláudia Weyne Melo de Castro

Universidade do Minho
Instituto de Educação





Universidade do Minho
Instituto de Educação

Cláudia Weyne Melo de Castro

**Ser, conectar e aprender: uma trajetória
guiada pela mediação escolar para a
promoção do sucesso educativo a partir de
uma cultura de paz**

Relatório de Estágio
Mestrado em Educação
Área de Especialização em Mediação Educacional

Trabalho Efetuado sob a orientação da
Professora Doutora Isabel Maria da Torre Carvalho Viana

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

Licença concedida aos utilizadores deste trabalho



Atribuição-NãoComercial-SemDerivações

CC BY-NC-ND

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Agradecimentos

Ao meu marido, *Marcelo Bedê*, toda a gratidão do mundo, por estar fisicamente ao meu lado durante todo o curso do mestrado, me dando o suporte emocional e o apoio logístico para superar os desafios de estar em um país desconhecido e culturalmente diverso ao meu de origem, me ajudando a encontrar forças para continuar quando essas já não existiam mais.

Meus mais sinceros e fortes agradecimentos ao *meu filho, João Pedro de Castro*, que aceitou a aventura de ir morar em Portugal para que eu pudesse cursar o mestrado. Meu companheirinho inseparável há doze anos, que me ensina sobre a vida desde que nasceu, não tendo sido diferente dessa vez. Todos os dias conversávamos sobre as experiências que eu vivia no contexto do estágio e eu podia compreender, a partir da sua visão de mundo, o comportamento das crianças e dos adolescentes com os quais eu trabalhava naquele momento.

Agradeço à minha família, que é meu alicerce e meu porto seguro. Que sempre me fortaleceu para a liberdade, mas esteve sempre pronta para me acolher na necessidade do retorno, mesmo que temporário. Ao *meu pai, Hudson de Castro*, e à *minha mãe, Zeza Weyne*, os responsáveis pela minha educação e meus primeiros e maiores professores, que me ensinaram sobre ética, solidariedade e amor ao próximo. Minha mãe é o meu exemplo da busca pelo constante aprimoramento através da educação e meu pai é meu guia na vida através da sua imensa sabedoria sobre as coisas do mundo. Aos *meus irmãos, Carla Weyne e Caco de Melo Neto*, um grande e forte agradecimento por terem cuidado com primazia de nossa mãe, enquanto eu não pude estar perto, e por terem me trazido força, clareza e apoio para a permanência e conclusão do mestrado quando foi preciso. Sem vocês eu nada seria.

À *Professora Isabel*, minha orientadora, meu muito obrigada por todas as orientações e ensinamentos, pela paciência e atenção concedidas durante todo o processo de investigação/intervenção.

Meus agradecimentos à toda a *equipe do Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família da escola*, que me acolheu tão carinhosamente desde o primeiro dia em que estive no contexto. Um agradecimento especial à minha *acompanhante do estágio*, que sempre foi solidária e atenciosa em suas orientações e respeitosa ao exprimir suas opiniões sobre o projeto, e que não exitou em apoiar as atividades propostas, criando estratégias para torná-las possíveis de serem realizadas.

Por fim, agradeço aos *alunos e às alunas do contexto*, que fizeram parte do desenvolvimento da investigação/intervenção realizada. Crianças e adolescentes que participaram das atividades propostas de forma entusiástica. Sem a adesão deles, nada do que havia sido planejado teria feito sentido.

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

SER, CONECTAR E APRENDER: UMA TRAJETÓRIA GUIADA PELA MEDIAÇÃO ESCOLAR PARA A PROMOÇÃO DO SUCESSO EDUCATIVO A PARTIR DE UMA CULTURA DE PAZ

RESUMO

O presente trabalho retrata o projeto de investigação/intervenção desenvolvido no âmbito do estágio profissional do curso de Mestrado em Educação, área de especialização mediação educacional, do Instituto de Educação da Universidade do Minho. A investigação/intervenção procurou compreender qual o impacto da mediação escolar na prevenção, gestão e resolução de conflitos na escola, bem como, de que forma a mediação escolar contribui para promover o sucesso educativo dos alunos a partir de uma cultura de paz na instituição. Para encontrar essas respostas foram realizadas diversas ações que tiveram como público-alvo os 185 alunos das turmas do sexto ano de uma escola sede de um agrupamento vertical, localizado no norte de Portugal. A investigação caracteriza-se por uma abordagem qualitativa. Os métodos escolhidos para a intervenção/investigação foram: a pesquisa bibliográfica, a pesquisa documental e a investigação-ação. A análise dos dados coletados foi realizada através da análise de conteúdo. As técnicas de investigação utilizadas foram a observação direta, o inquérito por entrevista, o inquérito por questionário, a análise de documentos e a escuta informal. Os resultados encontrados mostraram que a mediação escolar é um método indicado para a prevenção, gestão e resolução de conflitos na escola, contribuindo, assim, para um clima escolar pacífico e positivo, que está intrinsecamente relacionado ao sucesso educativo dos alunos.

Palavras-chave: Clima escolar; Conflito; Cultura de paz; Mediação escolar; Sucesso educativo.

BEING, CONNECTING AND LEARNING: A TRAJECTORY GUIDED BY SCHOOL MEDIATION FOR THE PROMOTION OF EDUCATIONAL SUCCESS BASED ON A CULTURE OF PEACE

ABSTRACT

This study depicts the research/intervention project developed during the professional internship of the Master's in Education program, with a specialization in educational mediation, at the Institute of Education of the University of Minho. The research/intervention aimed to understand the impact of school mediation on the prevention, management, and resolution of conflicts in schools, as well as how school mediation contributes to promoting students' educational success through a culture of peace within the institution. To find these answers, various actions were implemented targeting 185 students from the sixth-grade of a chosen school in northern Portugal (a “escola sede”, or main school, of the vertical group). The research is characterized as qualitative. The chosen methods for the intervention/research included bibliographic research, document analysis, and action research. Data analysis was performed through content analysis. The investigative techniques employed were direct observation, interview surveys, questionnaire surveys, document analysis, and informal listening. The results indicated that school mediation is an effective method for the prevention, management, and resolution of conflicts in schools, thereby contributing to a peaceful and positive school climate that is intrinsically related to students' educational success.

Keywords: Conflict; Culture of peace; Educational success; School climate; School mediation.

Índice geral

AGRADECIMENTOS.....	iii
RESUMO.....	v
ÍNDICE GERAL.....	vii
CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO II – ENQUADRAMENTO CONTEXTUAL DO ESTÁGIO.....	4
2.1 Caracterização do contexto de estágio.....	4
2.2 Área de investigação/intervenção	5
2.3 Caracterização do público-alvo.....	6
2.4 Diagnóstico de necessidades, motivações e expectativas.....	7
CAPÍTULO III - ENQUADRAMENTO TEÓRICO DA PROBLEMÁTICA DO ESTÁGIO.....	8
3.1 O histórico da mediação como método alternativo de resolução de conflitos.....	8
3.2 A mediação por ela mesma.....	9
3.3 A mediação para além da resolução de conflitos.....	10
3.4 Para aprender sobre a mediação, conheçamos primeiramente o conflito.....	12
3.5 O conflito escolar como uma estratégia educativa nas escolas.....	17
3.6 A mediação escolar para além da resolução de conflitos na escola.....	20
3.7 Os programas de mediação escolar na promoção da mediação nas escolas.....	28
CAPÍTULO IV - ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO DO ESTÁGIO.....	32
4.1 Apresentação da metodologia de investigação/intervenção.....	32
4.1.1 <i>Questão, finalidades e objetivos da investigação/intervenção</i>	32
4.1.2 <i>A escolha da abordagem qualitativa</i>	34
4.1.3 <i>Métodos e técnicas de investigação/intervenção</i>	35
4.1.4 <i>Tratamento e análise dos dados coletados</i>	36
4.2 Recursos mobilizados no processo de investigação/intervenção.....	37

4.3 Limitações da investigação/intervenção.....	37
4.4 Questões éticas da investigação/intervenção.....	39
CAPÍTULO V - APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DO PROCESSO DE INVESTIGAÇÃO/INTERVENÇÃO.....	41
5.1. Investigação.....	41
5.2. Intervenção.....	45
5.2.1 Mediando conflitos no gabinete de mediação.....	47
5.2.2 Sensibilização dos assistentes operacionais.....	54
5.2.3 Conectando as Diretoras de Turma ao projeto.....	59
5.2.4 Ação para pais e encarregados de educação dos alunos.....	63
5.2.5 Ações para os alunos das turmas do 6º ano	69
5.2.6 Círculo de construção de paz com a equipe do GAAP.....	78
5.2.7 Ação de curta duração para professores e professoras.....	83
5.3. Avaliação Global.....	85
CAPÍTULO VI - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	94
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	97
APÊNDICE 1 - ENTREVISTA COM MEDIADORA DA ESCOLA	101
APÊNDICE 2 - QUESTIONÁRIO DE SATISFAÇÃO DIRECIONADO AOS ALUNOS QUE ESTIVERAM NO GABINETE DE MEDIAÇÃO	102
APÊNDICE 3 - QUESTIONÁRIO DIRECIONADO AOS ASSISTENTES OPERACIONAIS	103
APÊNDICE 4 - CARTILHA DISTRIBUÍDA PARA AS DIRETORAS DE TURMA DAS TURMAS DO 6º ANO	104
APÊNDICE 5 - PLANEJAMENTO DO CÍRCULO DE CONSTRUÇÃO DE PAZ DIRECIONADO ÀS DIRETORAS DE TURMA	106
APÊNDICE 6 - QUESTIONÁRIO DIRECIONADO ÀS DIRETORAS DE TURMA	107
APÊNDICE 7 - PLANEJAMENTO DA PRIMEIRA SESSÃO NAS TURMAS DO SEXTO ANO..	108
APÊNDICE 8 - ATIVIDADE DA PRIMEIRA SESSÃO DAS TURMAS DO 6º ANO	109

APÊNDICE 9 - APRESENTAÇÃO DA PRIMEIRA SESSÃO NAS TURMAS DO SEXTO ANO...	110
APÊNDICE 10 - PLANEJAMENTO DA SEGUNDA SESSÃO NAS TURMAS DO SEXTO ANO..	112
APÊNDICE 11 - APRESENTAÇÃO DA SEGUNDA SESSÃO NAS TURMAS DO SEXTO ANO..	113
APÊNDICE 12 - ATIVIDADE DA SEGUNDA SESSÃO DAS TURMAS DO 6º ANO.....	115
APÊNDICE 13 - PRIMEIRO QUESTIONÁRIO DIRECIONADO AOS ALUNOS DAS TURMAS DO 6º ANO.....	116
APÊNDICE 14 - PLANEJAMENTO DA TERCEIRA SESSÃO NAS TURMAS DO SEXTO ANO..	117
APÊNDICE 15 - APRESENTAÇÃO DA TERCEIRA SESSÃO NAS TURMAS DO SEXTO ANO..	118
APÊNDICE 16 - SEGUNDO QUESTIONÁRIO DIRECIONADO AOS ALUNOS DAS TURMAS DO 6º ANO.....	119
APÊNDICE 17 - PLANEJAMENTO DO CÍRCULO DE CONSTRUÇÃO DE PAZ DIRECIONADO À EQUIPE DO GAAF.....	120
APÊNDICE 18 - QUESTIONÁRIO DIRECIONADO PARA AS PROFISSIONAIS DA EQUIPE DO GAAF.....	123
APÊNDICE 19 - DIÁRIO DE BORDO DO CÍRCULO DE CONSTRUÇÃO DE PAZ DIRECIONADO PARA AS PROFISSIONAIS DA EQUIPE DO GAAF.....	124
APÊNDICE 20 - QUESTIONÁRIO DA AVALIAÇÃO GLOBAL	125

LISTA DE SIGLAS

TEIP	Território Educativos de Intervenção Prioritária
REEI	Rede de Escolas para a Educação Intercultural
GAAF	Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família
CNV	Comunicação Não-Violenta

Índice de tabelas

Tabela 1 -	Alunos participantes do estudo por turma do 6º ano	6
Tabela 2 -	Percepções dos alunos do 6º ano que passaram pelo Gabinete de Mediação.....	50
Tabela 3 -	Percepções dos assistentes operacionais.....	57
Tabela 4 -	Percepções das Diretoras de Turma.....	62
Tabela 5 -	Avaliação turmas 1.....	74
Tabela 6 -	Avaliação turmas 2.....	76
Tabela 7 -	Percepções da equipe do GAAF.....	81
Tabela 8 -	Avaliação Global Sobre o Impacto do Projeto – Percepções das Diretoras de Turma.....	85

Índice de figuras

Figura 1 -	Folha modelo do diário de bordo.....	43
Figura 2 -	Logomarca do projeto.....	46
Figura 3 -	Cartaz da Ação Realizada para os Assistentes Operacionais.....	56
Figura 4 -	Capa e página da cartilha oferecida às diretoras de turma.....	59
Figura 5 -	Momentos do círculo de construção de paz direcionado para as diretoras de turma.....	61
Figura 6 -	Cartazes da ação de sensibilização direcionada aos pais e encarregados de educação dos alunos envolvidos no Projeto.....	67
Figura 7 -	Panfletos oferecidos aos pais e encarregados de educação dos alunos envolvidos no Projeto durante a ação de sensibilização	68
Figura 8 -	Cartazes criados pelos alunos com o acordo de convivência elaborado pelos próprios em sala de aula.....	72
Figura 9 -	Preparação do círculo de construção de paz direcionado para a equipe do GAAF.....	80
Figura 10 -	Preparação de uma das etapas do círculo de construção de paz direcionado para a equipe do GAAF.....	80
Figura 11 -	Momento do círculo de construção de paz com a equipe do GAAF.....	81

Índice de gráficos

Gráfico 1 - Factos geradores do comparecimento dos alunos ao Gabinete de Mediação.....	50
Gráfico 2 - Potencialidade da mediação.....	51
Gráfico 3 - Acordo/reflexão feita no gabinete de mediação.....	52
Gráfico 4 - Resultados do processo de mediação.....	52
Gráfico 5 - Perceção dos alunos do 6º ano que estiveram no gabinete de mediação.....	53
Gráfico 6 - Perceção dos assistentes operacionais.....	58
Gráfico 7 - Perceções das diretoras de turma.....	63
Gráfico 8 - Avaliação turmas 1.....	75
Gráfico 9 - Importância do tema abordado para os alunos e para a turma.....	76
Gráfico 10 Importância da elaboração do acordo de convivência e a pretensão de cumpri-lo.....	77
Gráfico 11 - Recomendação da atividade.....	78
Gráfico 12 - Perceções da equipe do GAAP.....	82
Gráfico 13 - Disciplina e conflituosidade da turma.....	87
Gráfico 14 - Melhoria da disciplina e conflituosidade da turma.....	88
Gráfico 15 - Mudança de comportamento.....	89
Gráfico 16 - Clima escolar.....	90
Gráfico 17 - Benefícios das intervenções para os alunos.....	90
Gráfico 18 - Impacto da intervenção no sucesso educativo.....	91

Capítulo I - Introdução

A investigação/intervenção, que será apresentada no presente relatório, teve como tema a mediação escolar como um caminho possível para a promoção do sucesso educativo dos alunos a partir de uma cultura de paz, a qual proporciona condições seguras e saudáveis para os alunos desenvolverem sua personalidade e suas habilidades cognitivas, emocionais e sociais.

O contexto escolhido para o desenvolvimento da investigação/intervenção foi uma escola básica localizada a norte de Portugal, abrange o segundo e terceiro ciclos do ensino básico. Essa instituição integra o programa Território Educativo de Intervenção Prioritária do governo de Portugal, caracterizando-se, por isso, como uma escola TEIP. Localiza-se em uma região de periferia da cidade, com bairros sociais no seu entorno. A investigação/intervenção teve como público-alvo os alunos do 6º ano, os quais estavam distribuídos em oito turmas deste nível escolar. Durante o estágio, houve, ainda, a participação indireta de certos atores da comunidade escolar, que se relacionavam com esses alunos no seu dia a dia.

A problemática de investigação/intervenção foi consubstanciada em duas questões nucleares, quais sejam: 1. Qual o impacto da mediação escolar na prevenção, gestão e resolução de conflitos na escola? 2. De que forma a mediação escolar contribui para promover o sucesso educativo dos alunos a partir de uma cultura de paz na instituição?

Perceber como a mediação escolar interfere nos conflitos que acontecem nas instituições educacionais é de extrema relevância para a identificação de possíveis formas de prevenir e solucionar os conflitos que ocorrem nesses contextos. Também é de extrema importância investigar a influência da cultura de paz e do bom clima escolar, que surgem como consequência do trabalho desenvolvido através da mediação, no sucesso educativo dos alunos e na diminuição da evasão escolar, pois, assim, interpreta-se a contribuição da mediação para a conquista desses objetivos.

Esclarecemos, desde o início, que o termo “sucesso educativo”, que utilizamos no título do relatório e no tema da investigação, engloba a educação do ser humano como um todo e não só o aprendizado dos conteúdos das disciplinas, que se refletem nas notas escolares alcançadas pelos alunos. Isso quer dizer que a investigação-intervenção teve como objetivo entender as contribuições da mediação escolar na formação do aluno enquanto ser humano sistêmico que é, ou seja, um indivíduo que faz parte de uma comunidade, de uma sociedade, de um planeta e todo o seu ecossistema.

O tema abordado no estágio é de grande importância na atualidade, tendo em vista a progressiva percepção da importância do socioemocional da criança e do adolescente para o aprendizado cognitivo.

Para que eles se possam desenvolver e atingir a sua máxima potencialidade, no que diz respeito à educação, é necessário que os alunos estejam bem e se sintam seguros no ambiente escolar. A escola é naturalmente um local em que existem conflitos diários por conta da diversidade que ela abriga, conflitos estes que precisam ser tratados de forma responsável, para que as relações sejam cuidadas e o bom clima escolar preservado. A mediação de conflitos é um dos métodos mais indicados para a prevenção e resolução de conflitos escolares, consequentemente, é um dos métodos mais indicados para cuidar das relações pessoais dentro da escola, por diversos motivos que, no momento oportuno, serão trazidos neste relatório. Cuidar das relações por meio da mediação escolar é cuidar das pessoas e do contexto. É possibilitar um ambiente pacífico para a aprendizagem e para o desenvolvimento dos alunos que irão ser os elementos da sociedade adulta no futuro próximo. É “esperançar” por um mundo em que os habitantes dele pratiquem a cidadania, a democracia e a cultura de paz.

A problemática apresentada é de grande relevância para a área de especialização do Mestrado em Educação, qual seja, Mediação Educacional. Isto porque a Mediação Escolar é uma das áreas de atuação da Mediação Educacional. Sendo assim, interessa avaliar o impacto que o método pode provocar no sucesso educativo dos alunos na escola através do desenvolvimento de uma cultura de paz, como forma de comprovar a importância da Mediação Educacional para a sociedade na área que se concentra a investigação-intervenção realizada.

Percebe-se, assim, a atualidade da investigação/intervenção objeto do presente relatório, tendo em vista a consciência cada vez maior de que é necessária a construção de uma sociedade que seja consciente da importância da paz, da cidadania e da proteção do meio-ambiente, bem como da própria democracia, para a construção de um mundo mais justo para todos nós. Então, Investigar a mediação escolar como um caminho para alcançar o sucesso educativo dos alunos mostra-se de extrema relevância, já que a Escola é o local em que os alunos, na sua imensa maioria, aprendem não só sobre os conteúdos escolares, mas também desenvolvem e aprimoram suas habilidades sociais e emocionais. É o lugar onde se relacionam com a diversidade e, por isso, onde é muito propenso a ocorrência de conflitos, sendo, dessa forma, o lugar ideal para que as crianças e adolescentes possam aprender a lidar com eles de forma construtiva e, assim, desenvolverem sua autonomia e conexão uns com os outros. Afora isto, a mediação escolar também possibilita trabalhar com os alunos os temas anteriormente apontados: cidadania, democracia, meio-ambiente, etc. Uma vez que a escola é a instituição construída socialmente para ser o local natural de aprendizagem de uma pessoa, ela também passa a ser o melhor local para levar às crianças e adolescentes os conhecimentos sobre esses temas, através do trabalho desenvolvido pela mediação.

O presente relatório traz em seu conteúdo a investigação/intervenção realizada no âmbito do estágio desenvolvido no Curso de Mestrado em Educação, área de especialização em Mediação Educacional. Será apresentado neste trabalho a forma que se desenvolveu o projeto “Ser, Conectar e Aprender: uma trajetória guiada pela mediação escolar para a promoção do sucesso educativo a partir de uma cultura de paz”, os resultados encontrados e as considerações relevantes. Inicialmente será feito o enquadramento contextual, momento em que é descrito o local em que a investigação/intervenção foi desenvolvida, bem como o âmbito específico de realização e o seu público-alvo. Também será exposta a problemática da investigação/intervenção e a justificação dela. Será, ainda, abordado o diagnóstico das necessidades e quais foram as motivações e expectativas. Será feito o enquadramento teórico da problemática apresentada, onde se destacam as referências teóricas exploradas e mobilizadas para o desenvolvimento da investigação/intervenção. Em seguida, no enquadramento metodológico, serão apresentados os objetivos da investigação/intervenção e a metodologia escolhida para alcançá-los. Serão abordadas as questões éticas que devem ser observadas durante o processo de investigação/intervenção. Também serão expostos os recursos mobilizados e quais as limitações encontradas durante o processo. Também será descrito todo o trabalho de investigação/intervenção realizado, bem como serão apresentados os resultados obtidos, para, então, ser feita a articulação dos dados encontrados com os referenciais teóricos mobilizados durante todo o estágio. Nas considerações finais, será feita a análise crítica dos achados e como esses reverberam no que diz respeito aos conhecimentos acerca da mediação escolar. Será exposto o impacto da investigação/intervenção realizada.

Capítulo II - Enquadramento contextual do estágio

Neste capítulo caracterizamos o contexto onde decorreu o estágio que abrangeu a investigação/intervenção descrita neste trabalho. Também discorreremos sobre o público-alvo recolhido, a partir das necessidades do contexto mapeadas, e as motivações e expectativas da mediadora estagiária.

2.1 Caracterização do contexto de estágio

O estágio decorreu numa escola sede de um agrupamento vertical da região norte de Portugal. Está inserida em uma região de periferia, possuindo no seu entorno diversos bairros sociais que recebem muitos dos imigrantes que chegam à cidade na qual a escola se localiza. Por conta deste facto, a escola abriga uma multiculturalidade bastante variada, o que resulta no aumento da diversidade existente no contexto explorado. Trata-se de uma escola que integra o programa “Territórios Educativos de Intervenção Prioritária” do Governo de Portugal, sendo, por isso, qualificada como uma Escola TEIP, uma vez que essa é a sigla do programa citado. O Programa TEIP é uma política pública educativa que tem como foco agrupamentos de escolas e escolas não agrupadas, que se localizam em regiões com um número acentuado de crianças e adolescentes em risco de vulnerabilidade social (Direção-Geral da Educação, 2024). Este Programa, que teve início em 1996 e já passou por três edições, tem como pretensão garantir a inclusão desses jovens e o seu sucesso educativo, além de combater a evasão e o abandono escolar. A cada edição do Programa TEIP, objetivos são traçados a fim do cumprimento dessas intenções. Para alcançá-las, são traçadas metas como as abaixo transcritas, apresentadas no documento oficial como objetivos, os quais dizem respeito, especificamente, ao Programa TEIP 3 e são colacionados de acordo com o documento oficial:

A melhoria da qualidade das aprendizagens traduzida no sucesso educativo dos alunos;

O combate ao abandono escolar e às saídas precoces do sistema educativo;

A criação de condições que favoreçam a orientação educativa e a transição qualificada da escola para a vida ativa;

A progressiva articulação da ação da escola com a dos parceiros dos territórios educativos de intervenção prioritária. (Despacho Normativo n.º 20/2012, preâmbulo)

Destaque-se que para uma escola conseguir ser aceite para integrar o Programa TEIP ela deve ter características de maior vulnerabilidade, a qual, na maioria das vezes, é resultado das variáveis

socioeconómicas dos alunos e suas famílias. Naturalmente, como consequência, é comum que as escolas TEIP abriguem alunos menos privilegiados económica e socialmente, os quais enfrentam desafios para sua sobrevivência, refletindo, assim, em indicadores educativos preocupantes que possuem como resultado um número alto de alunos em risco de exclusão social e escolar, como asseveram as autoras Costa e Almeida (2022): “São escolas com um elevado número de alunos em risco de exclusão social e escolar, sinalizados a partir da análise de indicadores de resultados do sistema educativo e de indicadores sociais dos territórios em que estão inseridas” (p. 31).

O contexto no qual decorreu o estágio é reconhecido por sua política de inclusão, destacando-se o número representativo de crianças com necessidades educativas especiais matriculadas nesta escola. Tendo em vista o seu caráter inclusivo, a Escola participa em projetos que acontecem de forma articulada, coordenada e complementar. Dentre eles destaca-se o Programa REEI - Rede de Escolas para a Educação Intercultural, o qual objetiva a formação de uma rede de compartilhamento de práticas que visam a educação intercultural. Essa rede pode abranger instituições de educação e ensino de caráter público, particular ou cooperativo. Acredita-se que com essa rede será possível a promoção do acolhimento, da integração e do sucesso educativo dos alunos. Pretende-se ainda, por meio da partilha proposta pelo Programa, que seja desenvolvido o respeito pelas diferenças e, assim, se desenvolvam relações positivas entre as crianças e adolescentes de diferentes culturas que frequentam as escolas da rede (Direção-Geral da Educação, 2024). Percebe-se, pelo exposto, o caráter inclusivo e integrador conservado por esta escola, que busca nos Projetos de Política Pública do Governo de Portugal apoio para o desenvolvimento da sua missão educativa dos jovens portugueses e imigrantes.

2.2 Área de investigação/intervenção

A investigação/intervenção foi desenvolvida no âmbito da mediação escolar, que perfilou o projeto a partir das suas abordagens preventiva e resolutive, enriquecendo as ações tomadas para o alcance dos objetivos estabelecidos. O público-alvo eleito, após a identificação e avaliação do diagnóstico de necessidades, constituiu-se por alunos das turmas de sexto ano do segundo ciclo da Escola onde a investigação/intervenção foi realizada. É necessário registrar que o projeto contemplou, ainda, de forma indireta, outros atores da comunidade da escola, quais sejam, professores, assistentes operacionais, pais e encarregados de educação, uma vez que essas pessoas se relacionavam diariamente com os alunos na sua rotina escolar, exercendo forte influência no comportamento e no aprendizado cognitivo e emocional deles.

2.3 Caracterização do público-alvo

A escola possuía, no momento da realização da investigação/ação, oito turmas de 6º ano, nas quais 185 alunos se encontravam distribuídos. A Tabela 1 mostra a quantidade de alunos existentes em cada turma do 6º ano da escola:

Tabela 1

Alunos Participantes do Estudo por Turma do 6º Ano

Turma	Quantidade de alunos
6º 01	21
6º 02	21
6º 03	21
6º 04	21
6º 05	30
6º 06	24
6º 07	24
6º 08	23
Total de alunos do 6º ano	185

O público-alvo era composto por crianças com faixa etária de 11 a 13 anos, com diversa estratificação social. Elas eram de várias nacionalidades, destacando-se a grande quantidade de brasileiros. A maioria dos alunos falava português, no entanto, alguns ainda estavam em fase de aprendizado da língua oficial de Portugal. Percebe-se que esse público-alvo abrange uma faixa etária que se encontra nos últimos anos da infância e na entrada da adolescência, sendo, por isso, um momento extremamente delicado no ciclo vital do ser humano, mas, ao mesmo tempo, fértil para a construção da identidade desses indivíduos, desenvolvimento de suas autonomias, capacidades relacionais, atitudes emocionais, de cooperação e de cidadania.

Foi constatado, durante o estágio, que os alunos das turmas do 6º ano possuíam temperamentos bem variáveis, mas sendo, no geral, extrovertidos e comunicativos. No dia a dia da escola, os alunos convivem com os assistentes operacionais, que são responsáveis por diversas funções, como regular a disciplina dos alunos dentro da instituição, por exemplo; com os professores, que são responsáveis pelo ensino; com os encarregados de educação, que têm o papel de auxiliar o seu educando a gerir seus

estudos, e, por fim, com os outros alunos. Por isso, esses outros atores da comunidade escolar foram contemplados de forma indireta pelo projeto, tendo em vista o facto de eles exercerem forte influência no comportamento e no aprendizado cognitivo e emocional dos alunos do 6º ano, público-alvo eleito para a realização da investigação/intervenção.

2.4 Diagnóstico de necessidades, motivações e expectativas

O diagnóstico de necessidades foi realizado por meio da observação diária, de conversas informais com professores, funcionários e alunos, bem como a partir da entrevista realizada com a mediadora atuante no contexto naquele momento. A expectativa era encontrar aspectos com limites mais definidos que precisassem ser trabalhados através da mediação escolar. Mas o que aconteceu foi a percepção de necessidades mais abrangentes em um público-alvo mais específico. Esta descoberta gerou uma necessidade de trabalhar com grande número de alunos e alunas, o que não esperava fazer de acordo com o que havia prospectado antes de iniciar a investigação. Apesar desta constatação pouco esperada, ao fim do diagnóstico, percebemos que o mesmo havia sido concretizado de forma satisfatória, tendo em vista que os resultados iam ao encontro das inquietudes apresentadas pelos profissionais do Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família da Escola (GAAF).

As motivações para a realização da investigação-intervenção foram a vontade de descobrir como a mediação escolar acontecia nas instituições de ensino de Portugal, uma vez que vinha de um país diferente, e de aprender na prática como ser uma mediadora escolar. Busquei o contexto anteriormente descrito porque o mesmo é conhecido por sua política de inclusão e pela solidez do uso da mediação escolar na prevenção e solução de conflitos, o que me fazia acreditar que conseguiria realizar a investigação/intervenção com intenso aprendizado e apoio, o que realmente aconteceu. As expectativas eram muitas: encontrar as necessidades do contexto, construir e desenvolver o plano de atividades, conseguir aceitação da gestão da escola para as atividades que seriam propostas, enfim, viver o máximo possível a experiência de atuar como mediadora escolar em uma escola de Portugal.

Capítulo III - Enquadramento teórico da problemática do estágio

Neste capítulo abordamos o alicerce teórico que fundamentou o processo de investigação/intervenção apresentado neste relatório. Recorremos a uma ampla e diversa bibliografia que nos possibilitasse o arcabouço científico necessário para o desenvolvimento desse trabalho. Essa mesma bibliografia também nos inspirou e nos fortaleceu durante toda a investigação/intervenção nos capacitando a fazer as escolhas necessárias para a continuidade do trabalho. A seguir colacionaremos as informações essenciais que nos capacitaram a desenvolver a investigação/intervenção ora relatada.

3.1 O histórico da mediação como método alternativo de resolução de conflitos

A mediação como método de resolução de conflitos, segundo a autora Fernanda Tartuce (2018), pode ser identificada, desde os tempos mais antigos, em diversas culturas do mundo, estando presente tanto no Ocidente quanto no Oriente, sendo o ponto de convergência entre essas civilizações. A autora destaca a mediação como estando para além do conflito, refere-a como: “o primado da paz e da harmonia em detrimento do conflito” (Tartuce, 2018, p. 208). Nota-se também que a mediação é percebida, ao longo da história, como método de solução de conflitos entre nações. A autora ressalta que o uso da mediação nesse tipo de controvérsia é tão comum quanto a ocorrência de conflitos no panorama internacional. Acontece que, em determinado momento do passado, a mediação ganhou maior destaque nos Estados Unidos, a partir de dois marcos diferentes que são independentes do sistema formal, quais sejam, o desenvolvimento da justiça comunitária e a resolução dos conflitos advindos das relações de trabalho. Sua sistematização, no entanto, só viria a ocorrer em 1976, na *Pound Conference*, tendo em vista que, antes disto, os programas de mediação que eram desenvolvidos aconteciam em comunidades restritas, além de não serem coordenados. Nesta conferência um professor de Harvard, chamado Frank Sander, discursou sobre os motivos pelos quais a sociedade estava insatisfeita com a Administração da Justiça, apresentando pela primeira vez a ideia conhecida hoje como Justiça ou Sistema Multiportas. Para melhor entender essa expressão, recorremos ao significado publicado por Tartuce (2018), o qual transcrevemos a seguir:

Sistema multiportas é o complexo de opções que cada pessoa tem à sua disposição para buscar solucionar um conflito a partir de diferentes métodos; tal sistema (que pode ser ou não articulado pelo Estado) envolve métodos heterocompositivos (adjudicatórios) e autocompositivos (consensuais), com ou sem a participação estatal. (p.71)

Segundo refere a autora, Frank Sander defendeu a ideia de que o Judiciário não deveria ter apenas uma “porta” para receber os processos relacionados aos litígios, mas que os Tribunais Estaduais deveriam direcionar as demandas que chegam até eles para outras formas de resolução de conflitos como a mediação, a conciliação e a arbitragem, por exemplo. Tal proposta foi muito bem recepcionada pela Suprema Corte dos Estados Unidos e de movimentos sociais, resultando na concretização de várias iniciativas do setor público para a execução do que havia sido proposto, bem como no desenvolvimento dos métodos de resolução de disputas no setor privado.

A mediação também se expandiu na Europa, primeiro nos países de língua inglesa, se alastrando, em seguida, para a Austrália e para o Canadá. Na América Latina, este método de resolução de conflitos ganhou força conjuntamente com outros “meios alternativos” na década de 1990. No Brasil, o Conselho Nacional de Justiça editou a Resolução nº. 125, a qual “Dispõe sobre a Política Judiciária Nacional de tratamento adequado dos conflitos de interesses no âmbito do Poder Judiciário” (Brasil, 2010, caput), representando o primeiro marco legal da mediação no País. Em 2015 a mediação se fortalece imensamente, pois passa a ser prevista no Código de Processo Civil brasileiro e ganha uma lei própria, a Lei nº 13.140/2015, conhecida como a Lei da Mediação.

3.2 A mediação por ela mesma

Uma vez explorado o surgimento e desenvolvimento histórico da mediação de conflitos, cumpre-nos discorrer a respeito do seu significado tendo em vista as várias acepções que podemos inferir ao termo “mediação”. Recorreremos novamente a Tartuce (2018) para clarificar o conceito de mediação na acepção que usamos no presente relatório, o qual podemos verificar a partir do trecho transcrito abaixo:

(...) consiste no meio consensual de abordagem de controvérsias em que alguém imparcial atua para facilitar a comunicação entre os envolvidos e propiciar que eles possam, a partir da percepção ampliada dos meandros da situação controvertida, protagonizar saídas produtivas para os impasses que os envolvem. (p. 203)

Percebemos, então, que a mediação é um método que possibilita que sejam encontradas, a partir do consenso dos envolvidos em um conflito, soluções para o mesmo, o que acontece com a ajuda de uma pessoa imparcial que auxilia as pessoas envolvidas a se comunicarem. Vasconcelos (2008) complementa o conceito colacionado acima quando, ao descrever a mediação, conta resumidamente

como acontece o método em si, conforme podemos observar a partir da leitura do trecho transcrito abaixo:

Mediação é um meio geralmente não hierarquizado de solução de disputas em que duas ou mais pessoas, com a colaboração de um terceiro, o mediador – que deve ser apto, imparcial, independente e livremente escolhido ou aceito -, expõem o problema, são escutadas e questionadas, dialogam construtivamente e procuram identificar os interesses comuns, opções e, eventualmente, firmar um acordo. (p. 36)

Parece-nos poder inferir, a partir da leitura dos recortes acima, que a mediação é um método de resolução de conflitos autocompositivo, ou seja, por meio dele as próprias pessoas envolvidas resolvem suas controvérsias, o que fazem com o auxílio de uma terceira pessoa, que tem suas ações pensadas e direcionadas para o objetivo de proporcionar a comunicação entre aqueles que estão envolvidos no conflito levado para a mediação. Warat (2001) sintetiza o significado de mediação a partir da ideia de transformação do conflito:

A mediação seria uma proposta transformadora do conflito porque não busca a sua decisão por um terceiro, mas, sim, a sua resolução pelas próprias partes, que recebem auxílio do mediador para administrá-lo. A mediação não se preocupa com o litígio, ou seja, com a verdade formal contida nos autos. Tampouco, tem como única finalidade a obtenção de um acordo. Mas visa, principalmente, ajudar as partes a redimensionar o conflito, aqui entendido como conjunto de condições psicológicas, culturais e sociais que determinaram um choque de atitudes e interesses no relacionamento das pessoas envolvidas. (p. 80)

Neste sentido, o objetivo principal do método ora apresentado é restabelecer a comunicação entre os conflitantes, o que traz como benefício a possibilidade da resolução/transformação do conflito e a continuidade das relações no futuro caso as pessoas envolvidas no conflito assim desejem. Logo, a mediação visa, com o restabelecimento da comunicação, um fim para a controvérsia instaurada, mas com a permanência das relações entre os conflitantes, o que possibilita novos contatos entre eles.

3.3 A mediação para além da resolução de conflitos

Concluímos, então, que a mediação é um método de resolução de conflitos cujo o objetivo maior é o restabelecimento da comunicação entre os conflitantes e não a promoção de acordos como é natural de se pensar. Por conta dessa característica, a mediação tem um alcance mais abrangente quando a comparamos com outros métodos de resolução de conflitos. Costa (2010) realça essa qualidade da

mediação, afirmando que a mesma tem um efeito capacitador, uma vez que desenvolve nas pessoas diversas competências e habilidades. Vejamos o trecho colacionado abaixo:

(...) a mediação incorpora uma concepção mais ampla que a busca de soluções para as disputas, produzindo um efeito verdadeiramente capacitador nos indivíduos participantes da mediação, seja mediador ou mediado, através do desenvolvimento de competências sociais/relacionais; capacidades e atitudes comunicacionais; capacidades e atitudes emocionais; atitudes de cooperação e negociação e ainda capacidade de autodeterminação e autonomia. (p. 05)

Percebemos a partir da leitura acima que a mediação, desenvolve nas pessoas competências sociais e relacionais, capacidades emocionais e comunicacionais, atitudes de cooperação e negociação, capacidade de autodeterminação e autonomia. Dessa forma, a pessoas são capacitadas para o convívio harmonioso e respeitoso possibilitando a coexistência pacífica. Nesse sentido, Tartuce (2018) afirma que “Percebe-se que o método se insere por inteiro na noção de justiça coexistencial, sendo totalmente coerente com o estímulo à cultura de paz” (Tartuce, 2018, p. 205).

Por todo o exposto, observa-se que a mediação surgiu, e por muito tempo perdurou, apenas como um método consensual de solução de conflitos, que é utilizado pelas civilizações desde épocas remotas, passando pela sua institucionalização no Judiciário e normatização através de leis, expandindo-se para o setor privado. Ocorre que a mediação sofreu uma evolução, passando de simples método de solução de conflitos para uma maneira nova de se relacionar, caracterizada por um processo cooperativo e preventivo, que promove o desenvolvimento da cultura de paz e da cidadania. A partir dessa percepção, entende-se que a mediação é marcada pelas dimensões educativa e social, conforme apreendemos a partir da transcrição abaixo:

Educativa, na medida em que recorre a estratégias de aprendizagem alternativa, nomeadamente de conteúdos, comportamentos e atitudes para prevenir e reconhecer os conflitos e resolvê-los de forma cooperativa, pacífica e criativa. Social, pois promove e potencia a compreensividade entre os diferentes participantes, defende a pluralidade, as diferentes versões sobre a realidade e fomenta a livre tomada de decisões e compromissos, contribuindo para a participação democrática e responsável. (Silva et al., 2018, p. 22)

A mediação, atualmente, não é mais concebida apenas como um dos métodos alternativos de resolução de conflitos existentes no sistema multiportas. Entende-se a mediação também como um método compassivo e sensível, que é capaz de acolher as pessoas através da escuta ativa ao mesmo tempo que desenvolve nas mesmas habilidades comunicacionais e atitudes empoderadoras, podendo

fazer a diferença nos diferentes tipos de relações: intra e interpessoal, intra e intergrupar e etc. É o que podemos atestar a partir do enxerto colacionado abaixo:

A mediação constitui um modo de acolher as pessoas e escutá-las desinteressadamente, compreender os diversos pontos de vista e a partir deles construir possibilidades criativas de diálogos transformadores, de legitimação, reconhecimento e revalorização, promotores do empoderamento dos diversos intervenientes. É uma ação que se investe a vários níveis – intra e interpessoal, intra e intergrupar, organizacional e comunitário – assente em princípios inclusivos firmados numa ética universal. (Silva et al., 2018, p. 27)

É de conhecimento amplo que as sociedades atuais devem, cada vez mais, tornarem-se adeptas do desenvolvimento sustentável, tendo em vista os desafios globais que acontecem há algum tempo, como, aquecimento global, inundações, desigualdade social, entre outros. Ainda, de acordo com os autores, há condições indispensáveis a considerar, “A responsabilidade, a solidariedade, a justiça e paz são condições indispensáveis para esse desenvolvimento e exigem compromissos a diversas escalas – individuais, organizacionais, comunitários, nacionais e transnacionais” (Silva et al., 2018, p. 28).

3.4 Para aprender sobre a mediação, conheçamos primeiramente o conflito

Para que possamos explorar didaticamente a mediação é de grande valia estudarmos mais detalhadamente o próprio conflito, a fim de que sejamos capazes de entender como o mesmo é trabalhado pelo método estudado, a ponto de poder ser solucionado pelos próprios conflitantes de forma consensual. Assim sendo, para esclarecer o que é propriamente o conflito, recorreremos a Jares (2002), que afirma, em seu livro “Educação para a paz – sua teoria e prática”, o seguinte:

(...) entendemos por conflito um tipo de situação na qual as pessoas ou os grupos sociais buscam ou percebem metas opostas, afirmam valores antagônicos ou têm interesses divergentes. Ou seja, o conflito é essencialmente um fenómeno de incompatibilidade, de choque de interesse entre pessoas ou grupo, e faz referência tanto às questões estruturais como às mais pessoais. (p. 135)

Ressaltemos, por oportuno, que o conflito, tradicionalmente, carrega consigo uma carga extremamente negativa, sendo percebido culturalmente como uma situação condenável e, por isso, devendo ser evitado a qualquer custo. Atestamos esse fato a partir no recorte transcrito abaixo, onde Jares (2008) trata dessa infeliz realidade, listando uma série de sinónimos para o substantivo em questão, todos com uma ideia negativa:

Como dissemos, a concepção tradicional de conflito dominante atualmente é aquela que o considera como negativo em diversas acepções, que podem ser: conflito como sinônimo de desgraça, de má sorte; conflito como algo patológico ou berrante; conflito como disfunção, etc. A consequência desse estado de coisas é que o conflito é uma situação que deve ser evitada a qualquer custo. (p.132)

Além da concepção acima, ainda existe aquela que o associa diretamente à violência, fazendo parecer que todo conflito é necessariamente violento. Jares (2002) recorre a Fullat para demonstrar esse fato, conforme podemos perceber a partir do trecho transcrito a seguir:

Outra acepção tradicional de “conflito” é aquela que o associa à violência, como é o caso de Fullat (1982, p. 77) confundindo determinadas manifestações ou respostas ao conflito com sua própria natureza. Assim, associa-se erroneamente a violência ao conflito, como se entre eles existisse uma relação de estímulo-resposta. (p.132)

Apesar do enraizamento do entendimento acima exposto na crença tradicional, quiçá cultural, da sociedade há anos, é crescente a difusão de uma nova maneira de perceber os conflitos, dando aos mesmos um carácter positivo. John Paul Lederach (2012) agrega ao estudo desse tema o que se conhece por “Transformação de Conflitos”:

Considero “transformação de conflitos” uma expressão precisa porque estou engajado em esforços de mudança construtiva que incluem e vão além da resolução de problemas específicos e pontuais. Trata-se de uma linguagem correta do ponto de vista científico porque se baseia em duas realidades verificáveis: o conflito é algo normal nos relacionamentos humanos, e o conflito é um motor de mudanças. A palavra “transformação” oferece uma imagem clara e importante, pois dirige nosso olhar para o horizonte em direção ao qual estamos caminhando: a construção de relacionamentos e comunidades saudáveis, tanto local como globalmente. (p.17)

Diante do exposto, é importante destacar a possibilidade que se apresenta quando percebemos o conflito a partir do viés transformativo, o que possibilita a mudança, o crescimento e a estabilidade das relações, como explica Lederach (2012) no enxerto abaixo:

O conflito nasce da vida. (...) ao invés de ver o conflito como ameaça, devemos entendê-lo como uma oportunidade para crescer e aumentar a compreensão sobre nós mesmos, os outros e nossa estrutura social. Os conflitos nos relacionamentos de todos os níveis são o modo que a vida encontrou para nos ajudar a parar, avaliar e prestar atenção. (p. 31)

Esse mesmo autor, teórico da transformação de conflitos, ensina sobre a naturalidade do conflito e sobre os benefícios de percebê-los a partir da abordagem transformativa. O trecho abaixo transcrito da sua obra revela esse posicionamento sobre a forma de perceber o conflito:

A abordagem transformativa reconhece que o conflito é a dinâmica normal e contínua dos relacionamentos humanos. Além disso, o conflito traz consigo um potencial para mudanças construtivas. É claro que as mudanças nem sempre são construtivas. Sabemos bem que muitas vezes os conflitos resultam em ciclos de sofrimento e destruição que se estendem por longo tempo. Mas a chave para a transformação é manter um viés proativo e visualizar o conflito como um potencial catalisador de crescimento. (Lederach, 2012, p. 28).

Diante do exposto, interpretamos que o conflito pode ser percebido de forma diferente daquela tradicionalmente difundida e, a partir dessa compreensão, concluímos que, para possibilitar o fortalecimento dos relacionamentos e a evolução do ser humano, devemos transformá-lo construtivamente e positivamente. Tendo em vista essa perspectiva inovadora e a transformação que é possível a partir da nova maneira de tratar o conflito, percebemos que o mesmo é um gerador de ajustes para a manutenção dos relacionamentos, bem como de mudanças para a evolução das pessoas como seres humanos, conforme atestamos a partir do enxerto a seguir:

O conflito também gera vida: através do conflito nós reagimos, inovamos e mudamos. O conflito pode ser entendido como o motor da mudança, como aquilo que mantém os relacionamentos e as estruturas sociais honestas, viva e dinamicamente sensíveis às necessidades, aspirações e ao crescimento do ser humano. (Lederach, 2012, p. 31)

Ana Maria Costa e Silva (2010) em sua obra 'Novos Espaços de Intervenção: A Mediação de Conflitos em Contexto Escola' aborda o conflito a partir da realidade do incômodo que ele provoca e, também, destaca o facto de o mesmo ser uma chance para o desenvolvimento pessoal e social. Um trecho que ilustra bem essa ideia é o transcrito abaixo:

É habitual ficarmos incomodados com a discordância, com a divergência de objetivos e de opiniões, com a ocorrência de alternativas distintas das que vislumbramos ou queremos perseguir. Nem sempre somos capazes de conviver com a incompatibilidade e integrar a diferença no seu sentido mais amplo e abrangente. Contudo, esta incompatibilidade, vivida individualmente e nos mais diversos grupos e organizações constitui, por um lado, uma realidade inerente às interações humanas, por outro lado, uma clara oportunidade de desenvolvimento tanto individual, como social. (p.10)

É importante estudarmos de forma mais aprofundada sobre o conflito para que possamos identificá-lo, entendê-lo detalhadamente permite lidar com o mesmo de maneira eficaz e produtiva. Assim sendo, é necessário destacar que o conflito nem sempre é perceptível. Muitas vezes os conflitos são subjacentes a outro conflito, que é o que aparece para as pessoas e ao qual os intervenientes, enganosamente, resumem suas divergências, sem saber, no entanto, que algo mais profundo é o que está na raiz da questão apresentada. É o que chamamos de conflito manifesto e conflito latente. Para entender melhor essas caracterizações, recorreremos à leitura do fragmento abaixo:

Muitas vezes, o conflito existe, mas não é percebido nem reconhecido: é o *conflito latente*, que transparece no clima de tensão e insatisfação, intensificando a frustração, a desconfiança e a desarmonia nos vários níveis em que ele se instala (intrapessoal, interpessoal ou organizacional). Ao contrário do *conflito manifesto*, que é visível e palpável, o latente gera muitas correntes subterrâneas porque as pessoas envolvidas preferem de conta que o problema não existe, não manifestam claramente o seu desconforto ou desagrado e pensam que falar sobre ele é mais perigoso do que mexer num ninho de vespas. (Maldonado, 2010, p.22)

Quando se percebe os conflitos a partir dessa perspectiva, qual seja, conflito manifesto e conflito latente, é possível identificar quais as necessidades dos envolvidos que estão fazendo emergir o adoecimento da relação, uma vez que se consegue ultrapassar a barreira das posições dos conflitantes para, enfim, atingir os seus interesses e necessidades. O resultado é uma maior possibilidade de resolução pacífica e consensual do conflito, tendo em vista que as necessidades desatendidas passam a ser conhecidas dos intervenientes, podendo eles, assim, perspectivar soluções que supram tais necessidades. O fragmento colacionado abaixo reforça esse entendimento, vejamos:

A mudança na maneira de olhar para o conflito também altera a variedade das percepções. Muitos parecem insolúveis porque as pessoas envolvidas “empacam” rigidamente nas suas perspectivas. No entanto, quando conseguem “redefinir” o conflito, ao terem em consideração as verdadeiras necessidades de cada um (por que cada um realmente quer o que diz que quer), a probabilidade de encontrar soluções satisfatórias para ambas as partes aumenta. (Maldonado, 2010, p.23)

Lederach (2012), já conhecido por nós, traz em sua obra ‘Transformação de Conflitos’ este mesmo aspecto a partir dos relacionamentos, como podemos perceber no enxerto transcrito abaixo:

Os relacionamentos apresentam dimensões visíveis, mas também aspectos menos visíveis. Para estimular o potencial positivo inerente ao conflito devemos nos concentrar nas facetas menos

visíveis dos relacionamentos ao invés de focar exclusivamente o conteúdo ou substância do desentendimento, que em geral é bem mais visível. (p. 30)

Todas as ideias discorridas sobre o conflito que foram desenvolvidas até o momento, são brilhantemente sintetizadas por Silva (2010) no trecho transcrito abaixo, que usamos para destacar a grande capacidade que o conflito possui para transformar as relações. Vejamos:

Contudo, também é verdade, e cada vez mais reconhecido por diversos autores, que o conflito desempenha um papel relevante, constituindo um elemento das situações de crise, de rotura, de desequilíbrio, que são inerentes ao desenvolvimento dos indivíduos, dos grupos e das instituições (Carita, 2005). É nesse contexto que vários especialistas defendem a intervenção educativa no campo da gestão e transformação dos conflitos reconhecendo o “seu potencial positivo nas relações interpessoais, intra e intergrupais e intra e interinstitucionais” (ibidem: 92-93), tomando como caminho a seguir não a negação do conflito, mas a sua transformação, conduzindo-o de um modo produtivo. (p. 9)

Esta mesma autora destaca a dinamicidade do conflito e a importância de perceber os seus elementos estruturadores para que o mesmo possa ser tratado de forma educacional. E o que podemos apreender do fragmento a seguir:

Outro aspecto a reter, relativamente à natureza do conflito, é o seu carácter dinâmico e dialéctico cujo itinerário assume variações de intensidade; ou seja, conflito não é uma manifestação estática, mas porque tem por base estruturas e condutas vai assumindo variações que decorrem também daquelas dimensões, por natureza variáveis. Igualmente importante é salientarmos os diferentes elementos constituintes ou estruturadores do conflito, cuja compreensão é essencial para a abordagem educacional do mesmo. (Silva, 2010, p. 10)

Sobre a dinamicidade dos conflitos, é importante destacar o que se entende por escalada do conflito, uma vez que esse é o movimento naturalmente esperado para os conflitos que não são tratados de forma positiva e construtiva, resultando em um rastro de destruição. Utilizaremos a descrição de como acontece a escalada do conflito, que Maldonado (2012) fez em sua obra ‘O bom conflito: juntos buscaremos a solução’ para essa missão. Vejamos:

Um dos principais ingredientes da destruição é a *escalada do conflito*, que resulta no ciclo de provocações e reações hostis. O debate vai sendo progressivamente substituído por confrontações violentas com o objetivo de se atingir o adversário, em vez de se procurarem os interesses subjacentes que possibilitariam a construção do acordo. As posições ficam cada vez

mais extremadas e a disputa tratável vai-se transformando gradualmente num conflito intratável, com os grupos adversários em pé de guerra. (Maldonado, 2010, p.26)

3.5 O conflito escolar como uma estratégia educativa nas escolas

Reaproximando-nos do foco do presente estudo, discorreremos, a partir deste momento, sobre os conflitos escolares, que são aqueles que ocorrem no espaço da escola ou que envolvem os atores diretos da comunidade escolar, é o que podemos concluir a partir da leitura do fragmento transcrito a seguir. Vejamos:

Os conflitos educacionais, para efeito de estudo, são aqueles provenientes de ações próprias dos sistemas escolares ou oriundos das relações que envolvem os atores da comunidade educacional mais ampla. (...) Saindo do universo geral dos conflitos educacionais – enumerados anteriormente – podemos relacionar os que chamaremos de conflitos escolares, por acontecerem no espaço próprio da escola /ou com seus atores diretos. (Chispino, 2007, p.20-21)

Para compreender como esses conflitos acontecem, é importante entender o que provoca o início desses conflitos, bem como o papel da escola em toda essa conjuntura. Chispino (2007) nos auxilia nesta tarefa quando discorre sobre os factos geradores desse tipo de conflito:

Ao definirmos conflito como o resultado da diferença de opinião ou interesse de pelo menos duas pessoas ou conjunto de pessoas, devemos esperar que, no universo da escola, a divergência de opinião entre alunos e professores, entre alunos e entre os professores seja uma causa objetiva de conflitos. Uma segunda causa de conflitos é a dificuldade de comunicação, de assertividade das pessoas, de condições para estabelecer o diálogo. (p.16)

Outro facto gerador de conflitos dentro da escola é consequência natural da massificação da educação, que trouxe para as dependências das escolas alunos de perfis bastante variados, como explica o mesmo autor:

Antes, em passado remoto, a escola era procurada por um tipo padrão de aluno, com expectativas padrões, com passados semelhantes, com sonhos e limites aproximados. Os grupos eram formados por alunos de perfis muito próximos. Com a massificação, trouxemos para o mesmo espaço alunos com diferentes vivências, com diferentes expectativas, com diferentes sonhos, com diferentes valores, com diferentes culturas e com diferentes hábitos [...], mas a escola permaneceu a mesma! Parece óbvio que este conjunto de diferenças é causador de

conflitos que, quando não trabalhados, provocam uma manifestação violenta. Eis, na nossa avaliação, a causa primordial da violência escolar. (Chrispino, 2007, p. 16)

A partir do estudo realizado sobre o conflito, suas características e possibilidades, bem como, da investigação, em particular, sobre o conflito escolar, perpassando pelo seu conceito e suas causas, percebe-se o trabalho sensível e importante que as escolas devem executar para que os conflitos que acontecem nos seus contextos possam proporcionar os benefícios que eles são capazes. Silva (2010) ressalta que as escolas têm o desafio de trabalhar os conflitos não apenas para solucioná-los, mas também de forma preventiva, educativa e criativa, de forma que valores como colaboração, autonomia, democracia, entre outros, possam ser adquiridos pelos alunos da instituição. É o que podemos verificar no fragmento abaixo:

Podemos, nesta medida, afirmar que os contextos educativos e os seus actores têm um importante desafio: o de trabalhar e integrar as potencialidades dos conflitos, que são inerentes às interacções humanas, não apenas numa perspectiva resolutive, concentrada predominantemente nas suas consequências e no modo mais adequado de as resolver, mas também numa perspectiva preventiva e criativa integrada no Projecto Educativo e Curricular que favoreça a aprendizagem de valores, atitudes e comportamentos como a colaboração, a autonomia, o diálogo, a participação, a tolerância e a responsabilidade. Estas atitudes são essenciais à construção de uma cultura democrática e à consolidação de uma sociedade mais solidária e mais justa para qual deve contribuir a educação. (p.9)

Percebemos que, ao trabalharmos os conflitos responsavelmente de diversas formas (preventiva, criativa e educativa), a escola cumpre com a sua responsabilidade de promoção de uma convivência cidadã salvaguardando, assim, toda a sociedade. Elisabete Pinto da Costa (2016), em sua tese de Doutorado, defende essa posição, conforme podemos perceber a partir do trecho colacionado abaixo:

À escola é atribuído um papel preponderante na promoção de uma convivência cidadã (Juste, 2007). Por isso, as situações de conflitualidade, indisciplina ou de violência assumem aí particular expressividade. Se os alunos não interiorizam regras de convivência pacífica e resolvem as suas diferenças e os seus diferendos de uma forma incivilizada ou violenta, é a própria sociedade, na sua dimensão humana, que está a ser posta em causa. (p. 87)

De acordo com o que foi abordado anteriormente, percebemos que a mediação escolar tem a capacidade, então, de contribuir com a Educação, que é o objetivo fulcral das escolas, uma vez que ela auxilia na formação das pessoas para serem seres humanos éticos e respeitosos. Costa (2016) ressalta no trecho a seguir, retirado da sua tese de Doutorado, essa finalidade da Educação. Vejamos:

Como insistem Ovejero e Rodriguez (2005), o fim último da Educação consiste em possibilitar a formação de seres humanos socialmente competentes, que se sintam valorizados como pessoas e, simultaneamente, possam contribuir para o desenvolvimento e a humanização de outros seres humanos. (p. 88)

Espera-se, assim, que a escola cumpra seu papel de formação social do ser humano, contribuindo para que crianças e adolescentes adquiram valores essenciais e habilidades socioemocionais, que os capacitem para relações saudáveis, bem como para agirem de forma a construir uma sociedade regida pela cultura de paz. Costa (2016), ao abordar a Lei de Bases de Portugal na sua tese, traz à tona essa pretensão, como podemos verificar no fragmento a seguir:

Pretende-se que os jovens adquiram e solidifiquem valores, assim como desenvolvam capacidades de autonomia, responsabilidade e comunicação, que lhes permitam construir relações abertas e saudáveis, baseadas na compreensão e na aceitação de diferentes perspetivas do real e relações onde o respeito pela diferença e o reconhecimento do outro constituam uma realidade. (p. 86)

Após compreender o papel da escola na prática da prevenção, gestão e resolução do conflito, abordemos as diferentes formas de tratá-lo. No que diz respeito aos conflitos escolares, Silva (2010) cita três perspectivas diferentes: a visão tecnocrática-positivista, a visão hermenêutico-interpretativa e, por fim, a visão crítica. Sobre a perspectiva tecnocrática-positivista, a autora conta que:

A visão tecnocrática positivista do conflito encara a presença dos conflitos na sociedade como necessariamente negativa (Robbins, 1987) e, nessa medida, perspectiva-o como disfuncional ou patológico. Esta visão, que tem assumido uma presença determinante nos diversos contextos organizacionais, nomeadamente educativos, tem orientado os seus responsáveis e dirigentes pela adopção de uma de duas estratégias ou pelas duas em simultâneo: pautarem sua gestão e programarem suas actividades de modo a evitar a ocorrência de conflitos, o que é conseguido por um forte incidência nas estratégias de controlo das mesmas e em margens mínimas de liberdade deixadas aos actores ou, quando os conflitos ocorrem, tendem a ocultá-los ou a reprimi-los. (Silva, 2010, p.11)

Nas organizações educacionais que adotam essa perspectiva quanto ao tratamento dos conflitos, há um intenso controle por meio de um quadro de regras e prescrições que minam qualquer oportunidade de participação dos atores da comunidade escolar e/ou de uma democracia tornando a resolução/transformação de conflitos praticamente impossível. A segunda perspectiva que essa mesma autora apresenta é a hermenêutica-interpretativa, que se caracteriza por: “apesar de abordar o conflito

numa perspectiva positiva, procura soluções e propostas descontextualizadas, apenas centradas no indivíduo, o que traz limitações à sua interpretação e transformação” (Silva, 2010, p.12). Nessa perspectiva o que irá mostrar a existência ou não do conflito é a percepção individual, afastando, assim, aqueles conflitos que os próprios intervenientes não têm consciência sobre eles. A terceira perspectiva trata-se da visão crítica. Vejamos a partir do trecho colacionado abaixo como Silva (2010) a descreve:

A visão crítica assume o conflito como algo natural e necessário à mudança, ao progresso e à transformação social. É uma perspectiva defendida pela teoria crítica da educação e por diversos autores que a perfilham (Apple, 1987; Escudero, 1994; Sacristán, 1995) e que encaram não apenas de forma positiva os conflitos, como assumem esta forma de os encarar como uma estratégia para favorecer e potenciar os processos colaborativos nas organizações educativas e na sua gestão. (p.12)

Nesta última perspectiva, os conflitos são tratados de forma democrática e não violenta, com o auxílio de estratégias como a negociação e a cooperação. Dessa forma, os conflitos podem ser utilizados didaticamente, de forma que, os intervenientes, a partir das experiências vividas, possam desenvolver habilidades como a participação ativa, a cooperação solidária e o exercício da cidadania. É importante ressaltar que a maneira como as escolas percebem os conflitos irá delimitar como elas irão lidar com os mesmos, consequentemente, se elas aproveitarão os mesmos como mais uma estratégia de aprendizado ou como mais uma justificativa para a regulação das interações entre os alunos. Silva (2010), no fragmento transcrito abaixo, aborda essa importante escolha que as escolas precisam fazer. Vejamos:

Interessante perceber que a forma que os contextos educacionais percebem o conflito define a maneira que estas instituições tratam o mesmo: ou o procuram ocultar e silenciar, disciplinando o mais possível as ações e as interações, ou o abordam de forma integrada, enquanto oportunidade de aprendizagem e de desenvolvimento educativo (Jares, 2002). (p.12)

3.6 A mediação escolar para além da resolução de conflitos na escola

Diante de todo o exposto sobre os conflitos escolares, busca-se entender como os contextos educativos, entre eles, as escolas, devem proceder para que os conflitos que ocorrem em seu domínio, possam ser tratados em consonância com a perspectiva crítica. É o que afirmam, em outras palavras, os autores Cunha e Monteiro (2019), no trecho retirado da obra ‘Gestão de Conflitos na Escola’ e transcrito abaixo:

Nesse sentido, a convivência escolar converteu-se num dos temas centrais da educação atual. Com o aumento dos conflitos nas escolas, surgiu a necessidade de implementar mecanismos que atenuem os riscos dos mesmos e potenciem as oportunidades das situações de conflito. Neste âmbito, existem novos procedimentos centrados em estratégias de gestão de conflitos e de diálogo, como os modelos de mediação escolar e a assembleia de turma, entre outros. (p. XIX)

Uma das alternativas existentes para tratar os conflitos de forma positiva e construtiva é a mediação escolar que já é adotada em vários países, inclusive, em Portugal. Registre-se, por oportuno, que essa mediação, a que nos referimos, diz respeito aos programas de mediação em contextos educativos que visam não apenas a gestão e resolução de conflitos, mas também a mediação como estratégia de formação pessoal e de prevenção dos mesmos, conforme defende Silva (2010):

Quando nos referimos a ‘programas de mediação em contextos educativos’, estamos a pensar na mediação enquanto estratégia formadora e preventiva e não apenas como mera estratégia de gestão e resolução de conflitos nos contextos escolares. Apesar de ser uma estratégia que se tem revelado importante na gestão e resolução de conflitos, podemos encontrar na mediação potencialidades de intervenção mais amplas, integradoras e complementares que várias experiências têm reconhecido como fundamentais no domínio da educação para a responsabilidade, para a cidadania e para a paz. (p. 14)

Costa (2018), discorrendo sobre a mediação escolar, afirma que: “Esta mediação não ocorre simplesmente para responder a conflitos existentes na escola, mas assume-se como um processo de promoção da convivência cidadã, segundo diversas lógicas: resolutiva, reparadora, educativa, preventiva e inclusiva” (p.114). Percebe-se, então, que um programa de mediação escolar abrange uma vertente resolutiva e outra preventiva, com foco na aprendizagem de diversas habilidades, como a comunicação, a cooperação, o exercício da cidadania, democracia, etc.

Dante do que foi exposto nessa estapa do relatório, podemos concluir que a mediação escolar, a qual é abrangida pela mediação educacional, é a implementação institucionalizada de um programa ou projeto de prevenção, gestão e resolução de conflitos, bem como, da introdução dos seus elementos principiológicos, numa rede de ensino, escola ou unidade educativa.

Uma vez esclarecido o conceito de mediação escolar, é necessário entender porquê utilizar a mediação para lidar com os conflitos que acontecem nas instituições educativas. O primeiro ponto a ser abordado para responder essa dúvida é sobre a contribuição da mediação para o bom clima escolar, o qual depende intrinsecamente da manutenção de relações pessoais saudáveis dentro da escola. Nesse

sentido, a autora Torremorell chama a atenção para a importância do cuidado com as relações pessoais dentro da escola, uma vez que é natural a ocorrência de conflitos entre os atores da comunidade escolar, principalmente, entre os alunos que estão em maior número na escola. Essa autora aduz ser necessário tratar estes conflitos de forma responsável, a fim de que maiores danos não sejam gerados pela má condução das controvérsias. É o que podemos verificar no trecho do seu livro 'Mediação de conflitos na escola: Modelos, estratégias e práticas' transcrito a seguir:

Neste exato momento, as relações interpessoais são fonte de atenção e preocupação na maioria das instituições de ensino. É totalmente compreensível que surjam conflitos entre alunos, porque as crianças, em pleno processo de mudança e crescimento, passam muitas horas por dia juntas e privadas de liberdade, num espaço reduzido onde convivem durante anos. Esses conflitos, convenientemente canalizados, fazem parte natural do dia a dia e só se transformam em verdadeiros problemas quando não se encontra uma saída adequada. (Torremorell, 2021, p. 59)

Essa mesma autora discorre sobre o clima de convivência nas escolas ao mesmo tempo que critica a falta de cuidados das instituições educativas com as relações, o que deixa um espaço vazio que é preenchido por conflitos, violências e indisciplinas. Vejamos no fragmento colacionado abaixo:

Ainda que ninguém negue a necessidade de desfrutar um clima de convivência seguro e saudável para poder aprender, quase sempre não existe esforço para criá-lo, a menos que surja algum fato que dispare o alarme. Essa despreocupação com o investimento em convivência torna-se cara, porque, quando o clima das relações é negativo, os conflitos resultam mais facilmente em algum tipo de violência contra o trabalho docente e as tarefas de aprendizagem, o material escolar ou, pior ainda, as outras pessoas. (Torremorell, 2021, p.59)

Diante do exposto, a pergunta que se faz é: como deve ser esse clima de convivência para que a escola seja vista como promotora de um bom clima escolar? Ao que respondemos: o clima de convivência deve ser democrático, plural, inclusivo e pacífico, como defende Torremorell (2021) no fragmento transcrito abaixo. Vejamos:

Considera-se hoje em dia que o clima de convivência deve ser *democrático, plural, inclusivo e pacífico*. Cada um desses elementos constitui um desafio para a organização escolar com um passado bastante hierárquico, uma missão qualificadora e a serviço de uma cultura dominante que agora deve transitar para o poder compartilhado, para a igualdade de todas as pessoas, sem exceção, e para a paz, como modo justo de viver. (p.61)

O resultado de um clima escolar positivo é a satisfação das pessoas que ocupam aquele contexto. Elas sentem-se confortáveis e seguras para realizar suas atividades diárias. Sentem-se pertencente e acolhidas no espaço da escola. Vimos acima que um dos requisitos para um clima escolar positivo é que ele seja pacífico, em outras palavras, que ele seja permeado pela paz. Então surge outra pergunta neste momento: como fazer para que o clima escolar seja pacífico? É necessário trabalharmos pela boa convivência e pela harmonia das relações existentes entre os atores da comunidade escolar. É o que podemos depreender a partir da leitura do trecho colacionado abaixo:

Uma escola pacífica busca a harmonia intrapessoal e interpessoal, oferecendo um tratamento digno e justo a todos, apostando na cooperação e na não violência como modo de relacionamento e desenvolvendo a compaixão e a solidariedade com os mais vulneráveis. Numa escola pacífica, todos contribuem para o bem-estar comum e a educação deixa de ser um bem e um êxito individuais para se tornar uma contribuição e uma conquista coletivas. (Torremorell, 2021, p.62)

Neste sentido é que se destaca a mediação escolar, tendo em vista todas as possibilidades que ela proporciona, a começar pelo próprio diálogo. Esse método também permite o desenvolvimento de diversos valores que vão ao encontro da justiça social, além de possibilitar o aprendizado de várias habilidades como, de comunicação, de resolução de problemas, atitudes de empatia e outras habilidades socioemocionais. Torremorell (2021) lista, no fragmento transcrito abaixo, alguns dos valores ensinados pela mediação que passam a fazer parte do dia a dia das pessoas. Vejamos:

Nesse sentido, a mediação de conflitos encarna valores associados à escuta, ao diálogo, à compreensão, à assertividade, à empatia, ao espírito crítico, à pluralidade, à colaboração ou à solidariedade, que dignificam o ser humano e fogem da esfera meramente teórica (às vezes utópica) para tornar-se palpáveis nas tarefas cotidianas. (Torremorell, 2021, p.69)

Diante do exposto, concluímos ser necessário a implementação da mediação nas escolas, uma vez que esses espaços são ambientes férteis para a presença de conflitos (pelas várias razões já exploradas anteriormente), bem como, porque as escolas são os locais mais adequados para o aprendizado de habilidades necessárias para a vida e de valores que contribuem para uma cultura de paz que deve ser cultivada em todo o mundo.

A mediação escolar pode atuar de forma proventiva, preventiva, durante o conflito e até depois de ocorrido o mesmo. Na forma proventiva, o mediador ou mediadora escolar deve atuar em qualquer mal-estar que surja na escola, mesmo que a ação não se enquadre em um ato de indisciplina ou outro qualquer que vá de encontro às normas presentes no regulamento da instituição. O profissional deve

detectar a disfunção e agir de forma que possa alterar o que for necessário para o restabelecimento de uma convivência harmônica. O trabalho de prevenção é a ação precoce “nas necessidades, nos interesses ou nas expectativas que as pessoas da comunidade educacional não considerem atendidas, os quais pouco a pouco levarão ao confronto” (Torremorell, 2021, p.75). Assim, na forma preventiva, os profissionais da mediação evitam que um conflito que está ainda germinando se torne grave, bem como auxiliam em questões não resolvidas que precisam melhorar em determinada relação. Percebe-se, então, que as formas proventiva e preventiva atuam nos conflitos ainda não expressos ou ainda no seu início, quando os mesmos ainda se encontram em baixa intensidade. Além dessas duas formas, a mediação escolar também atua quando o conflito já está instaurado, ou seja, age exatamente quando o conflito está acontecendo, inclusive, no espaço físico em que este ocorre. Essa atuação da mediação nas escolas, certamente, é a mais conhecida. Por último, registramos a atuação da mediação escolar após a ocorrência do conflito. Nesta forma, a mediação assume um caráter restaurador e auxilia as pessoas envolvidas a transformar a relação, o que é extremamente importante neste contexto, uma vez que nas escolas as relações são continuadas no tempo. Logo, mesmo o conflito tendo chegado ao fim, é importante que o mediador ou mediadora da escola, trabalhe a relação dos envolvidos, preparando o caminho para que os eles convivam pacificamente na escola. Percebe-se, então, através da descrição das formas como a mediação escolar pode atuar nos contextos educacionais, que ela não acontecer apenas de forma pontual. Para atingir todo o potencial da mediação na escola, é necessário que ela aconteça de forma permanente nas instituições educacionais por meio não só dos processos de mediação de conflitos propriamente ditos, mas também atividade outras promotoras de um ambiente pacífico e de um clima escolar saudável. Torremorell (2021) discorre no trecho colacionado abaixo sobre essa necessidade de continuidade e permanência da mediação nas escolas. Vejamos:

A presença da mediação no ambiente escolar não é pontual, com o que concordam as instituições que concebem a atividade de mediadores e mediadoras de maneira ampla, isto é, como promotores de um clima de convivência positivo que podem agir promovendo atividades lúdicas, encontros de toda a comunidade, atividades participativas, criação, adoção e revisão de regras, detecção e diagnóstico precoce de conflitos e desafios para melhorar, intervenção em conflitos evidentes, intervenção em conflitos fechados, relação e vínculos com o ambiente da escola, acompanhamento de colegas em momentos especiais, promoção de campanhas, estudo de temas específicos, ações solidárias de âmbito mundial e muito mais. (p. 76)

É importante registrar que a mediação pode ser aplicada a qualquer momento da dinâmica do conflito, dinâmica esta conhecida por nós, uma vez que já a exploramos anteriormente neste relatório.

Dessa forma, podemos fazer uso da mediação antes mesmo de um conflito acontecer, atuando preventivamente; ou em um conflito já manifesto, quando a mediação será usada para solucionar a controvérsia instalada. Seja de uma maneira ou de outra, as estratégias utilizadas irão capacitar os atores da comunidade escolar de competências sociais e emocionais que irão contribuir para o desenvolvimento da cidadania e para a promoção de condições pacíficas e saudáveis para a continuidade dos relacionamentos na escola. Podemos verificar a partir do fragmento transcrito abaixo como a atuação preventiva e proventiva da mediação pode contribuir no processo educativo desenvolvido nas escolas. Vejamos:

A mediação de conflitos ocorre nas relações interpessoais, em situações de conflito manifesto ou na sua presunção, com vista ao restabelecimento de laços sociais e à melhoria da convivência. Assenta num método de atuação através de estratégias formais ou informais de mediação e estratégias de pendor educativo e capacitador, cujo objetivo consiste em incrementar ou dotar os indivíduos de competências pessoais e sociais que potenciem contextos de cidadania ativa. Esta mediação não ocorre simplesmente para responder a conflitos existentes na escola, muitas vezes associados à indisciplina, à agressividade ou à violência, assume-se como um processo de (re)construção social, um processo educativo e uma forma de construir uma convivência cidadã. Deste modo, ao promover a qualidade de vida social através da mediação visa-se proporcionar melhores condições para o bem-estar na escola (requisito essencial para o processo de ensino-aprendizagem), bem como para a melhoria da imagem da escola. (Costa, 2016, p. 92)

Existe outra maneira de caracterizar a mediação nas escolas para além do requisito temporal que foi utilizado acima. A outra forma de perceber a atuação da mediação no contexto escolar, é aquela que o que o faz de acordo com o campo de atuação e os objetivos da mediação em relação à comunidade escolar, a qual é composta por diferentes atores, que constituem a escola. Nesse âmbito, são conhecidas três tendências na mediação escolar, quais sejam, educativo/formativa, interpessoal/social e organizacional/cultural. Refere-se à mediação como de tendência educativa/formativa quando ela proporciona “novos referenciais para a ação, assentes na aquisição de habilidades que fomentem atitudes e comportamentos adequados à missão e aos valores da escola inclusiva e cidadã” (Costa, 2016, p. 97). Já a mediação escolar de tendência social/interpessoal é aquela que absorve a responsabilidade de “promover a compreensividade entre os diversos atores, defender a diversidade de perspetivas do real e fomentar a capacidade de agir reflexivamente na livre tomada de decisão...” (Costa, 2016, p. 97). Por fim, a mediação escolar de tendência organizacional/cultural é assim conhecida “por

requerer uma intervenção na cultura de escola, tornando-a uma organização de tratamento pacífico e construtivo dos conflitos, que fomente uma cultura de diálogo e colaboração” (Costa, 2016, p. 97). Também podemos perceber a mediação escolar a partir da sua capacidade de alcance, a qual depende do modelo utilizado. Os modelos podem ser os seguintes: mediação entre pares, mediação pelos adultos, mediação escola/família, mediações restaurativas. Cada modelo tem suas características próprias, mas compartilham em comum os benefícios naturais de se ter a mediação de conflitos na escola.

Uma vez que já foi realizada uma ampla caracterização da mediação escolar, perpassando pelos benefícios que ela promove para as escolas e toda a comunidade escolar, passemos a entender como ela acontece nas instituições educacionais. Inicialmente, é necessário perceber as vertentes possíveis da mediação escolar, as quais abrangem dimensões e objetivos próprios. As três principais vertentes são: como técnica de intervenção na gestão e resolução dos conflitos; como metodologia de desenvolvimento pessoal e social; como estratégia de prevenção. A partir de cada uma delas percebe-se as dimensões e as finalidades que identificam cada vertente da mediação. A mediação escolar como técnica de intervenção na gestão e resolução dos conflitos tem como intenção promover a solução e a prevenção dos conflitos. Costa (2016) afirma que a mediação como técnica de intervenção na gestão e resolução dos conflitos “assume como objetivo atender os conflitos, de maneira a reduzir a sua frequência, prevenir comportamentos desadequados e diminuir o número de processos disciplinares” (p. 100). Assim, o mediador irá ser responsável por um processo em que auxiliará os conflitantes a se comunicarem, utilizando técnicas próprias da mediação, a fim de que os envolvidos façam um acordo e resolvam a controvérsia instaurada. Como metodologia de desenvolvimento pessoal e social, a mediação de conflitos irá, através dos seus princípios, valores e métodos, auxiliar o aprendizado de habilidades sociais e relacionais, que resultarão em ações construtivas, as quais proporcionarão a geração de uma convivência social positiva. Toda a experiência e o aprendizado obtido com a mediação resulta em uma mudança de postura daqueles que a experienciaram, os quais levam o aprendizado obtido para as relações que permeiam sua vida, optando por esse método para a resolução dos conflitos que surgem. O trecho colacionado abaixo atesta essa constatação:

Da aprendizagem, da confiança e da satisfação que mediadores e mediados obtêm com o processo de mediação resultará uma mudança em relação à abordagem dos conflitos, à crença de que o diálogo será a via preferível para resolvê-los, permitindo uma melhor compreensão de si próprio e dos outros, em prol de boas relações de convivência. Os conflitos constituem uma fonte de enriquecimento mútuo. Podem ser ocasiões (necessárias e úteis) para evoluir como seres sociais. A mediação pode ser utilizada como metodologia pedagógica, contribuindo para o

desenvolvimento pessoal e social dos jovens, fortalecendo a escola no cumprimento das suas funções de educação e de socialização. (Costa, 2016, p. 108)

Finalmente, como estratégia de prevenção, a mediação de conflitos pode trabalhar de três formas de atuar diferentes: prevenção primária, prevenção secundária e prevenção terciária. Na prevenção primária a mediação atua antes dos conflitos acontecerem, na prevenção secundária a mediação interrompe o escalonamento do conflito e, por fim, na prevenção terciária, o conflito já está formado e a mediação atuará de forma a solucioná-lo. É o que podemos compreender a partir da leitura do fragmento colacionado abaixo:

No primeiro nível de prevenção (primária) propõe-se uma intervenção a priori, antes das situações ocorrerem, modificando as circunstâncias causadoras dos problemas ou que não contribuem para melhor lidar com o seu surgimento, ou ainda como referem Amado e Freire (2009), visa-se um conjunto de ações que atuam por antecipação face a um determinado fenómeno. ... No segundo nível prevenção (secundária), também denominado por intervenção precoce, incide-se na aplicação de medidas perante a ocorrência das situações dilemáticas, de forma a sustentar a sua progressão. Procura-se identificar e atuar, o mais cedo possível, perante qualquer desvio à normalidade. No terceiro nível de prevenção (terciário), atua-se quando os fenómenos já afetam em escala e a intervenção refere-se especialmente aos casos persistentes. (Costa, 2016, p. 110)

Uma vez que o panorama da mediação escolar foi traçado, desvendando-se suas finalidades e formas de atuação na prática, bem como o impacto que provoca nas pessoas que a experienciam em todas as suas vertentes e dimensões, interessa-nos entender de que forma a mediação escolar acontece no cotidiano das instituições educacionais. É importante registrar logo no início desse ponto da discussão que a mediação, como processo de tratamento de conflitos, apresenta duas modalidades a formal e a informal, podendo qualquer uma das duas ser utilizada no contexto escolar. A diferença entre elas é bastante perceptível pois, enquanto a primeira tem um rito, apesar de flexível, desenvolve-se em local e tempo próprios, a segunda pode acontecer em qualquer contexto social e a qualquer momento. Detalhemos mais. A mediação formal é um processo que possui técnicas e princípios que devem ser seguidos, o qual ocorrem em local e tempo definidos. Neste processo existe a figura do mediador que utiliza ferramentas próprias deste método de resolução de conflitos, com foco na comunicação, para auxiliar os envolvidos a encontrar uma solução que satisfaça ambos. A mediação informal, visa alcançar o mesmo objetivo da anterior, ou seja, uma solução consensual e pacífica para o conflito que se apresenta. Mas, apesar de utilizar das mesmas ferramentas, o mediador o faz de maneira fluida, a

qualquer hora e local, sem ser necessário um processo de mediação como na modalidade descrita acima.

3.7 Os programas de mediação escolar na promoção da mediação nas escolas

A mediação adentra nas escolas através dos programas de mediação escolar. Ocorre que a forma de implementação desses programas varia bastante, pois acontece de acordo com cada contexto em que é desenvolvido. É essencial que, no momento da implementação de um programa de mediação escolar seja fortemente considerado o que já existe na escola no que diz respeito à estratégia de prevenção e solução de conflitos, além de ser necessário, também, levar em conta a cultura existente na instituição educacional. Como afirma Torremorell (2021), “A idiossincrasia de cada escola deve ser levada em conta quando se planeja um programa sob medida” (p. 79). O mediador ou mediadora, que não observa essa necessidade na hora de implementar um programa de mediação, tem grandes chances de não ver o programa de mediação acontecer. Registra-se, no entanto, que, apesar da forma de desenvolver um programa de mediação variar de uma escola para a outra, todos compartilham dos mesmos objetivos, que são vários. Listamos, a seguir, alguns exemplos desses objetivos:

- Aceitar a singularidade de cada ser humano e apoiá-lo no desenvolvimento de todo o seu potencial.
- Possibilitar a ligação de cada indivíduo consigo mesmo, com o grupo e a comunidade.
- Contribuir para que as pessoas possam se relacionar pacificamente com as outras nas mais diferentes circunstâncias.
- Trabalhar por um ambiente de aprendizagem acolhedor, seguro e saudável.
- Pôr em prática os valores da convivência positiva.
- Abrir o caminho para diálogo, estimular a compreensão mútua e buscar o consenso.
- Resolver os conflitos promovendo soluções construtivas de ganho mútuo.
- Fomentar um sentido de justiça com base no cultivo da paz positiva e na defesa ativa dos direitos humanos.
- Impugnar a violência como opção válida em confrontos.
- Estimular ações de reparação, reconciliação e reconstrução depois do conflito.
- Desenvolver a criatividade e comprometer-se com a transformação e o aprimoramento da escola.
- Participar de atividades solidárias com a comunidade. (Torremorell, 2021, p.79-80)

Ressalte-se, por ser de extrema importância, que um programa de mediação não pode ir de encontro às normas já existentes na escola e que já fazem parte do modo de ser e estar daquela comunidade ali existente. Como afirma Torremorell (2021), “ em nenhum caso a mediação vai no sentido contrário do sistema de justiça da escola” (p. 85).

Os programas de mediação escolar geralmente são desenvolvidos nos Gabinetes de Mediação, que têm surgido nas escolas com o passar do tempo. Os gabinetes de mediação geralmente fazem parte da estrutura do Gabinete de Apoio ao Aluno (e a Família), tendo em vista que uma das funções deste último é a gestão do conflito. Além dos Gabinetes de Mediação, a escola pode adotar outras formas de desenvolvimento de um programa de mediação na instituição. Podem ser criadas equipes de alunos que sejam capacitados como mediadores para mediar conflitos de outros alunos, podem ser criados equipes que contenham outros atores da comunidade escolar para a mediação de conflitos ter um maior alcance na comunidade, podem ser solicitados mediadores externos, etc. Verificamos, a partir do trecho colacionado abaixo, algumas possibilidades para um programa de mediação nas escolas. Vejamos:

Entre as principais funções dos gabinetes de mediação consta a sensibilização da comunidade educativa, seleção e formação dos mediadores e a mediação de conflitos. Todavia, as experiências mostram-se diversas e reportam-se ao tipo de programa de mediação adotado. Segundo o modelo *cadre program* as equipas de mediação compõem-se por um grupo de alunos para tratar os conflitos dos alunos, sob a monitorização de um professor, no modelo *whole approach* (Faget, 2010), as equipas são mistas e tratam de conflitos de toda a comunidade educativa, envolvendo o maior número possível de elementos na formação em mediação; e ainda no modelo *whole program* (Alzate, 2003), a mediação está para além de um conjunto de estruturas e dispositivos, devendo integrar as seguintes dimensões: sistema disciplinas, aspectos curriculares, aspetos metodológicos e pedagógicos, cultura escolar e dimensão sociocomunitária. (Costa et al., 2016, p. 108-109)

O trabalho de mediação escolar será, então, desenvolvido na escola por meio do Gabinete de Mediação que deve ter, de preferência, um mediador formado para desenvolver as ações próprias da mediação escolar, de caráter tanto educativo quanto de prevenção e resolução de conflitos, de forma a atingir, assim, toda a sua potencialidade. Não podemos esquecer, entretanto, que a escola é um espaço de convivência de diversos atores: alunos, professores, encarregados de educação, dentre outros. Desta feita, segundo Galdino (2020), é importante que haja um envolvimento de toda a comunidade escolar para que a mediação neste espaço educacional proporcione os benefícios esperados:

No entanto, para que de fato haja o sucesso esperado, quando tratamos da mediação de conflitos a atuação deve se dar em rede, ou seja, não deve a mediação dos conflitos escolares ser entendida como tarefa isolada de apenas um ator escolar, o professor mediador escolar, mas deve se dar com o envolvimento e a articulação dos diversos atores que estão envolvidos nesse processo, buscando o entendimento de que os conflitos, em suas diferentes manifestações, fazem parte da natureza humana, e, nessa mesma linha de pensamento, os conflitos escolares não existem apenas para serem combatidos, como esclareceram os autores citados acima em nosso texto, ao contrário, podem ser, de acordo com o modo que são geridos, propulsores de uma gestão democrática e o mote para uma convivência mais harmoniosa entre alunos/alunos, alunos/ professores, tendo em vista a pluralidade de interesses que envolvem as relações humanas, tornando-se uma ponte para mudanças de valores que devem estar presentes na construção da tão almejada cidadania. (Galdino, 2020, p.162)

Diante de todo o exposto, percebe-se que a mediação escolar proporciona o ambiente saudável e o clima escolar favorável ao desenvolvimento dos alunos, sejam eles crianças ou adolescentes, possibilitando, também, a formação de uma comunidade escolar colaborativa e integrada, que tem, como uma das principais consequências, a melhoria do ensino-aprendizagem dos alunos. Costa (2010) explica como a mediação proporciona esses resultados:

Para melhorar a qualidade de vida nas escolas, e, concomitantemente, o processo de ensino-aprendizagem, a mediação incute novas formas de diálogo e de (re)encontro interpessoal, pois baseia-se em regras, técnicas e saberes ao nível da cooperação, da comunicação e da negociação entre os intervenientes envolvidos em dinâmicas resultantes de diferenças ou de diferendos, auxiliando-os na resolução de problemas que os opõem, através de soluções mutuamente satisfatórias e construídas pelos sujeitos envolvidos. (p. 04)

Registre-se, ainda, por ser importante, que todas as contribuições da mediação escolar referenciadas neste ponto do relatório vão ao encontro do que se entende por Educação para a Paz. Xesús Jares (2007), em sua obra intitulada 'Educar para a Paz em Tempos Difíceis', esclarece sobre o tema:

(...) concebemos a EP como um processo educativo, contínuo e permanente, fundamentado nos dois conceitos fundadores (concepção de paz positiva e perspectiva criativa do conflito), que, pela aplicação de métodos problematizantes, pretende desenvolver um novo tipo de cultura, a cultura de paz, que ajude as pessoas a entender criticamente a realidade, desigual, violenta, complexa e conflituosa, para poder ter uma atitude e uma ação diante dela. (pp. 44-45)

Desta feita, resta demonstrado que a mediação escolar contribui, não só para a construção de uma cultura de paz, mas também e, conseqüentemente, para a melhoria do processo de ensino-aprendizagem, bem como para o desenvolvimento sociorelacional dos alunos, apresentando-se, assim, como importante instrumento de ensino para a escola, conforme relata Costa (2010):

A escola encontra na mediação de conflitos uma ferramenta pedagógica para ensinar a lidar com o conflito e a adoptar estratégias positivas, criativas e de colaboração na gestão da convivência, contribuindo assim para o cumprimento das suas funções de educação e de socialização. (p. 04)

Após toda a digressão realizada, concluímos que pensar um programa de mediação escolar, é pensar no desenvolvimento de um trabalho amplo, sistêmico e diversificado, que envolva todos os atores da escola como partes ativas do processo, em prol de uma cultura de paz, que proporcione um clima escolar saudável e potencializador do processo de ensino-aprendizagem.

Capítulo IV - Enquadramento metodológico do estágio

Neste capítulo abordamos a metodologia de investigação/intervenção utilizada, ressaltando a questão, as finalidades e objetivos da pesquisa. Discorreremos sobre a escolha da abordagem qualitativa para o desenvolvimento do processo de investigação/intervenção, bem como sobre os métodos e técnicas de recolha de dados utilizados e de como eles foram analisados. Em seguida falamos sobre os recursos mobilizados para a investigação/intervenção e trazemos à tona as dificuldades encontradas no decorrer do processo. Por fim, tratamos das questões éticas da pesquisa.

4.1 Apresentação da metodologia de investigação/intervenção

A metodologia é a forma como um investigador configura um estudo que irá responder a uma determinada problemática, de forma que os resultados encontrados sejam válidos e confiáveis, atendendo aos objetivos delineados no projeto de investigação.

Neste ponto apresentamos a metodologia utilizada para a realização da investigação/intervenção relata neste relatório, abordando primeiramente a questão, finalidade e objetivos, os quais dividimos em objetivos de investigação e objetivos de intervenção. Em seguida, discorreremos sobre a abordagem qualitativa escolhida para o desenvolvimento da investigação/intervenção para, então, tratar sobre os métodos e técnicas escolhidos para a recolha de dados e como eles foram analisados de forma a responder a questão levantada.

4.1.1 Questão, finalidades e objetivos da investigação/intervenção

Como questão central da investigação/intervenção tínhamos a seguinte: de que forma o uso da mediação escolar, tanto preventivamente quanto resolutivamente, afeta o sucesso educativo dos alunos do 6º ano da escola onde a mediadora estagiária realizou seu estágio? Para responder a essa questão, passamos a ter como propósito perceber o impacto da mediação escolar na prevenção, gestão e resolução de conflitos, especificamente, no contexto já descrito no enquadramento contextual do presente relatório. Outra finalidade pretendida era compreender de que forma a mediação escolar contribui para fortalecer uma cultura de paz na escola, colaborando, assim, para a promoção do sucesso educativo dos alunos.

No que diz respeito aos objetivos, eles foram organizados em duas dimensões nucleares: A) Objetivos de investigação e B) Objetivos de intervenção. Abaixo, enumeramos os objetivos perseguidos durante a realização do estágio:

A) OBJETIVOS DE INVESTIGAÇÃO:

1. Analisar de que modo a Escola promove o sucesso escolar e desenvolve e/ou fortalece a cultura de paz no ambiente escolar.
2. Analisar como a Escola realiza a prevenção e gestão de conflitos escolares.
3. Caracterizar as dificuldades que a Escola enfrenta nos processos existentes de resolução de conflitos.
4. Identificar como acontecem os processos de comunicação entre alunos e entre equipe docente e alunos.
5. Identificar formas de promoção do sucesso escolar adotadas pela escola.
6. Caracterizar as necessidades da Escola no que diz respeito à gestão dos relacionamentos entre os membros da comunidade escolar, especialmente, nas relações aluno-aluno e aluno-professor.

B) OBJETIVOS DE INTERVENÇÃO:

1. Transformar conflitos existentes, ou que eventualmente possam surgir no decorrer do desenvolvimento do projeto, em oportunidades de autoconhecimento, de relações interpessoais positivas e de comunicação não-violenta, através da mediação escolar.
2. Prevenir conflitos na comunidade escolar a partir de valores que estruturam uma cultura de paz.
3. Ampliar as habilidades comunicacionais da equipe docente e dos alunos com o uso da Comunicação Não Violenta.
4. Sensibilizar a equipe docente a respeito dos benefícios da mediação escolar.
5. Estimular a aplicação da Disciplina Restaurativa pela equipe docente.
6. Fortalecer a cultura de paz na Escola a partir das atividades realizadas com alunos, pais, professores e assistentes operacionais.
7. Construir, juntos (todos os atores escolares), processos/estratégias facilitadoras do sucesso escolar.

8. Promover uma conexão sólida e empática entre os membros da comunidade escolar, especialmente entre os alunos e entre alunos e professores, através da melhoria dos processos comunicacionais entre uns e outros.
9. Reforçar o sentimento de inclusão e pertença dos alunos ao ambiente escolar, através da convivência positiva.
10. Contribuir para o aprendizado cognitivo e para o desenvolvimento socioemocional dos alunos, a partir de estratégias de participação que envolvam todos e cada um.

4.1.2 A escolha da abordagem qualitativa

Para tanto, a investigação/intervenção realizada foi perfilada por uma abordagem qualitativa. Esta abordagem foi escolhida tendo em vista os objetivos do estudo realizado, que visavam compreender os fenômenos a partir dos motivos e das justificativas que se pretendeu encontrar. Assim sendo, a fonte direta dos dados que se pretendeu coletar foi o ambiente natural e o investigador foi o instrumento principal para a realização da coleta destes dados. Uma vez que a investigação qualitativa é descritiva, as informações recolhidas não foram reduzidas a números. Nesta abordagem privilegia-se a transcrição e o registro dos dados em toda a sua riqueza, ou seja, da forma mais detalhada possível.

Como afirmado acima, para a investigação da qual o presente relatório trata foi escolhido o paradigma qualitativo. Nesta investigação nos interessa de que maneira os diferentes atores significam sua trajetória de vida, o seu ser e estar no mundo (perspectiva participante). Bogdan e Biklen (1994) explicam que:

Os investigadores qualitativos estabelecem estratégias e procedimentos que lhes permitam tomar em consideração as experiências do ponto de vista do informador. O processo de condução de investigação qualitativa reflete uma espécie de diálogo entre os investigadores e os respectivos sujeitos, dado estes não serem abordados por aqueles de uma forma neutra. (p. 51)

A investigação é explicativa uma vez que o estudo realizado teve como objetivo identificar e explicar fatores que contribuem para ocorrência de fenômenos específicos. Desta forma, intentava-se explicar/explorar o impacto da mediação escolar na prevenção, gestão e resolução de conflitos no contexto anteriormente descrito e, também, como a mediação escolar contribui para fortalecer uma cultura de paz na instituição colaborando para o sucesso educativo dos alunos.

4.1.3 Métodos e técnicas de investigação/intervenção

Os métodos escolhidos para a intervenção/investigação do qual o presente relatório trata foram: a pesquisa bibliográfica, a pesquisa documental e a investigação-ação. A pesquisa bibliográfica auxilia na formação do conhecimento necessário para o desenvolvimento da investigação, através do conhecimento anteriormente construído em livros e artigos científico. A pesquisa documental proporciona a ciência do que está previsto e determinado nos documentos oficiais relativos ao objeto do estudo. A partir do envolvimento ativo, cooperativo e participativo com o grupo de pessoas investigado, é realizada a investigação-ação, “(...) uma conceção de conhecimento social e historicamente construído numa relação dialógica entre a teoria (a reflexibilidade) e a prática (a realidade vivida)” (Amado, 2014, p. 190).

A investigação-ação participativa foi eleita para a investigação/intervenção realizada porque, como referem Guiomar e Viana (2020, p. 41), “pressupõe uma prática crítica e reflexiva que favorece mudanças transformadoras nas respostas socioeducativas das instituições”. Essa prática é desenvolvida colaborativamente pelo investigador, inserido no contexto investigado, e pelos envolvidos na investigação, que assumem um papel ativo no processo de mudança. Guiomar e Viana (2020) ressaltam a proximidade da investigação-ação à mediação no que diz respeito ao envolvimento ativo, cooperativo e participativo do investigado:

À semelhança da mediação, a investigação-ação abre espaço para a reformulação de posições e atitudes, introduz diálogos positivos e construtivos e compromete os envolvidos num processo contínuo de reflexão que leva à (trans)formação, à reformulação de teorias e práticas e à ampliação de perfis institucionais. Assim como na mediação, o investigador, por recurso à investigação-ação participativa, é um co-investigador que se insere, criativa e criticamente, no contexto e investiga com os envolvidos, mantendo, em todas as circunstâncias, um perfil independente e neutro, capaz de garantir mudanças fiáveis e verdadeiramente humanas. (p.45)

Através da investigação-ação participativa é possível construir conhecimento, para a inserção de possíveis mudanças no contexto investigado e para a constituição ou aprimoramento de competências e habilidade nos participantes da investigação. A investigação-na/pela-ação é um método complexo devido à sua característica multifacetada e à existência conjunta dos seus objetivos. Amado (2014) ressalta a profundidade deste método:

Encetar um processo de colaboração e de participação não depende de decisões leves, superficiais e epistemologicamente fáceis; tal como já referimos, acarreta um modo de conceber os sujeitos investigados, por mais diferente que sejam em idade, etnia, sexo, capacidades

intelectuais, estilos de vida, etc., como sujeitos ativos, produtores de conhecimento e com uma 'voz' a ser ouvida tão legitimamente como a dos investigadores. (p. 191)

A investigação-ação participativa forneceu o alicerce necessário para o desenvolvimento do presente estudo que pôde contar principalmente com três características do método, ressaltadas por Guiomar e Viana (2020):

(...) destacamos três características da investigação-ação participativa (...) os envolvidos são detentores de saberes próprios resultantes das suas experiências e das interações que estabelecem; a dinâmica participativa transforma positivamente as interações e as relações de poder entre uns e outros; a monitorização dos processos participativos gera feedback compreensivo em torno da intervenção e coloca os envolvidos como sujeitos de conhecimento, envolvendo-os na identificação e resolução de problemas. (p. 43)

Assim, a intervenção/investigação participativa, que configura a investigação/intervenção relatada no presente relatório, perspectivado por uma abordagem qualitativa, proporcionou o caminho perseguido para que os objetivos da investigação/intervenção realizada fossem satisfeitos.

As técnicas de investigação utilizadas foram a observação direta, o inquérito por entrevista, o inquérito por questionário, a análise de documentos, a escuta informal e os diários de bordo. Os métodos de formação utilizados foram a formação teórica e as vivências de círculo de construção de paz. Quanto à avaliação durante o percurso do estágio, esta foi feita através da supervisão informal da orientadora cooperante do estágio, do diálogo crítico/reflexivo com a orientadora científica e da autoavaliação realizada nos diários de bordo.

4.1.4 Tratamento e análise dos dados coletados

A análise dos dados coletados foi realizada através da análise de conteúdo, técnica que proporciona o exame sistemático e objetivo do conteúdo de textos, com a intenção de esclarecer aquilo que é imperceptível a partir de uma leitura imediata. A escolha pela técnica retromencionada levou em consideração as características dos dados coletados na investigação realizada e a intenção que se objetivava através da análise desses dados. Sobre a análise de conteúdo, vejamos o que infere Amado (2014):

Podemos, pois, dizer que o aspeto mais importante da análise de conteúdo é o facto de ela permitir, além de uma rigorosa e objetiva representação dos conteúdos ou elementos das mensagens (discurso, entrevista, texto, artigo, etc.) através da sua codificação e classificação por

categorias e subcategorias, o avanço (fecundo, sistemático, verificável e até certo ponto replicável) no sentido da captação do seu sentido pleno (à custa de inferências interpretativas derivadas ou inspiradas nos quadros de referência teóricos do investigador), por zonas menos evidentes constituídas pelo referido 'contexto' ou 'condições' de produção. (pp.304-305)

Todo o material coletado através das várias técnicas já referidas anteriormente (inquérito por entrevista, inquérito por questionário, diários de bordo, notas de campo) foram analisados, por meio de uma leitura cuidadosa, para que fossem tomadas as decisões necessárias durante o processo de investigação/intervenção. As respostas dos inquéritos por questionário foram analisadas e organizados os resultados dessa análise em tabelas e, depois, em gráficos, de forma a que a visualização do resultado fosse mais didática.

4.2 Recursos mobilizados no processo de investigação/intervenção

No que diz respeito aos recursos, na fase de investigação foram necessários: caderno para anotações feitas na observação, um computador para apoiar a investigação/intervenção e a digitalização/registo dos diários de bordo e posterior categorização dos dados coletados, plataformas digitais para criação, análise e registo de formulários e material bibliográfico. Todos os recursos perspetivaram viabilizar o Plano de Atividades dentro do contexto onde se realizou o estágio, um contexto escolar, mais especificamente, a partir de um ambiente gerado pelo gabinete de mediação.

Para a fase, mais expressiva, de intervenção, contamos com o gabinete de mediação, onde foram realizadas sessões de mediação e círculos de construção de paz; com as salas de aulas das turmas envolvidas, assim como materiais diversos, tais como: papel, caneta pilot e cartolina; sala e/ou ambiente virtual para realização das oficinas e formações propostas, com projetor e tela de projeção.

4.3 Limitações da investigação/intervenção

É importante, no entanto, registrar que a investigação/intervenção realizada encontrou, no decorrer do seu desenvolvimento, algumas limitações que foram desafiadoras para a continuidade do percurso. De todas as limitações que serão elencadas a seguir, a que merece maior destaque é a resistência das Diretoras de Turma em abraçar o projeto proposto e confiar no que se pretendia que fosse realizado. Isto porque, a investigação/intervenção realizada, tinha como público-alvo os alunos das turmas do 6º ano, facto pelo qual era necessário o envolvimento das Diretoras de Turma para que fossem

possibilitadas as intervenções. Ocorre que estas profissionais não estavam abertas para esse intuito, seja por tempo disponível, seja por interesse, ou outro motivo qualquer. Assim sendo, o primeiro grande desafio foi conseguir ser escutada pelas mesmas para que elas confiassem no que estava sendo proposto e pudessem disponibilizar tempo de sala de aula para o trabalho que seria feito com a turma de cada uma. Foi nesse sentido que se planejou o Círculo de Construção de Paz com as Diretoras de Turma para que elas pudessem se conectar com a intervenção que estava sendo proposta. Antes disso, foi distribuído para as mesmas uma cartilha explicativa do projeto que estava sendo desenvolvido, para que as Diretoras de Turma já tivessem conhecimento do que estava sendo proposto quando fossem participar do Círculo de Construção de Paz.

Outra limitação importante foi a disponibilidade de horário nas turmas para a realização das intervenções, o que levou ao planejamento do mínimo de sessões possíveis com os alunos, para que os horários pudessem ser disponibilizados pelas Diretoras de Turma, as quais escolheram as aulas de tutoria para que fossem realizadas as ações do Projeto. As aulas de tutoria foram escolhidas porque elas já existem semanalmente na grade de horário dos alunos e tem como função a discussão/reflexão sobre problemas e demandas da turma, como, por exemplo, os conflitos e as indisciplinas.

Outro empecilho para o desenvolvimento do projeto foi o calendário escolar. Isto porque, o mesmo, praticamente definia quando as intervenções poderiam ocorrer, já que a disponibilidade de participação nas ações dependia da programação das atividades da escola. Este fator foi de grande importância no planejamento das intervenções, chegando a impedir a realização da Ação de Curta Duração que havia sido planejada para os professores.

Registre-se, por oportuno, que a resistência dos professores também foi um fator limitante que prejudicou indiretamente a realização da Ação de Curta Duração pensada. Essa intervenção tinha muitos critérios para se tornar possível, tendo em vista a preocupação quanto à adesão dos professores, o que resultou em um grande dispêndio de tempo e energia para torná-la real, o que não aconteceu, pois não houve tempo hábil para realizá-la durante o período do estágio, em grande parte devido ao calendário escolar.

Outra dificuldade com a qual nos deparamos no decorrer do desenvolvimento do processo foi a falta de autonomia da estagiária para organizar as intervenções propostas, o que trouxe desperdício de tempo hábil para a execução das ações pensadas. No decorrer de todo o desenvolvimento do estágio a falta de uma sala própria para o Gabinete de Mediação também foi um obstáculo que dificultou a realização das mediações formais com os alunos, as quais restavam prejudicadas pela falta de privacidade para a realização das sessões de mediação.

Outro fator que tornou o procedimento da mediação no contexto um pouco confuso no início foi a falta de um protocolo definido para a condução dos casos encaminhados para o Gabinete, o que também confundia os próprios professores e assistentes operacionais da escola, que não sabiam como conduzir os casos que chegavam até eles ou que aconteciam com os próprios.

Por fim, houve uma questão que prejudicou as ações realizadas nas turmas dos sextos anos, particularmente, foi o facto de alguns alunos não falarem nem entenderem a língua portuguesa. Alguns alunos ainda entendiam o inglês, o que permitia que conseguisse ajudá-los, mas os que não falavam o inglês realmente não conseguiram participar ativamente nas propostas realizadas.

Apesar das dificuldades encontradas durante o percurso do estágio e que foram registradas acima, a investigação/intervenção foi realizada satisfatoriamente, uma vez que os dados puderam ser recolhidos e analisados, bem como as ações necessárias para cumprir a finalidade elucubrada, puderam ser realizadas.

4.4 Questões éticas da investigação/intervenção

As questões éticas são essenciais para que a integridade da investigação/intervenção sejam garantidas, assim como são cruciais para a proteção dos direitos e do bem-estar das pessoas envolvidas. O conceito de ética é definido por Bogdan e Biklen (1994) no seguinte fragmento: “(...) a ética consiste nas normas relativas aos procedimentos considerados correctos e incorrectos por determinados grupos” (p. 75). Considerando que a investigação/intervenção ora relatada ocorre no âmbito da mediação educacional, torna-se mais importante, ainda, que o respeito e a responsabilidade sejam levadas em conta durante todo o desenvolvimento do projeto, tendo em vista o caráter humanitário, democrático e inclusivo da mediação.

De acordo com os autores Bogdan e Biklen (1994) existem duas questões centrais que prevalecem atualmente no que diz respeito à investigação realizada com pessoas, quais sejam, o consentimento informado e a proteção da pessoa participante para que não incorra em qualquer dano no futuro. É o que podemos depreender do trecho colacionado abaixo:

Duas questões dominam o panorama recente no âmbito da ética relativa à investigação com sujeitos humanos; o consentimento informado e a proteção dos sujeitos contra qualquer espécie de dano. Tais normas tentam assegurar o seguinte:

1. Os sujeitos aderem voluntariamente aos projectos de investigação, cientes da natureza do estudo e dos perigos e obrigações nele envolvidos.

2. Os sujeitos não são expostos a riscos superiores aos ganos que possam advir.
(Bogdan & Biklen, 1994, p.75)

Em razão do exposto acima, em todo o processo de investigação/intervenção realizado, a mediadora estagiária preservou a participação voluntária das pessoas, incluindo profissionais e alunos, tendo em vista esse ser um princípio próprio da mediação, não fazendo sentido que na investigação/intervenção ocorresse diferente. A voluntariedade era comunicada para os participantes antes da realização das técnicas de recolha de dados, como os inquéritos e entrevistas, por exemplo, e, também, no início das atividades da intervenção. Quanto aos dados recolhidos na investigação/intervenção, foi garantida a confidencialidade das informações coletadas, bem como foram protegidas as identidades dos participantes no momento do registro dos dados nas notas de campo e nos diários de bordo, cumprindo-se, assim, com a necessária proteção de dados.

Capítulo V - Apresentação e discussão do processo de investigação/intervenção

Após tratarmos dos enquadramentos necessários, passamos a apresentar como a investigação/intervenção foi desenvolvida e discutiremos a respeito da realização do projeto idealizado.

Inicialmente, foi necessário fazer a escolha do contexto no qual seria desenvolvida a investigação/intervenção. Desde que realizei a matrícula na Universidade do Minho, já tinha consciência da vontade em trabalhar com a mediação escolar, especificamente em uma escola de Portugal, para investigar sobre o tema em um contexto diverso do qual eu estava acostumada, que era o Brasil. Desta feita, a minha preferência era realizar o estágio em um contexto escolar, que já tivesse a vivência da mediação na escola, para que eu pudesse aprender mais sobre o tema, particularmente, uma vez que, no Brasil, o uso do método em instituições educacionais ocorre, quase totalmente, de forma pontual, sem um programa ou projeto definido de atuação permanente do método.

Após uma pesquisa informal, busquei o contexto em que desenvolvi o projeto de investigação/intervenção, o qual se mostrou disponível para acolher o estágio, dando o seu aceite através da direção da escola. Então, logo no primeiro dia útil do mês de outubro, após os trâmites administrativos necessários terem sido cumpridos, iniciei o período de investigação, sobre o qual discorrerei detalhadamente a seguir.

5.1. Investigação

Já tratamos anteriormente sobre a modalidade escolhida como metodologia para o projeto de investigação/intervenção. No entanto, por ser importante para o momento, abordaremos novamente o mesmo tema neste tópico. Registramos, então, inicialmente, que o método da investigação-ação foi o método escolhido. Isto porque a investigação-ação tem como característica a mudança pela ação. Ao praticá-la, as informações devem ser coletadas e organizadas pelo investigador, com o objetivo de promover mudanças sociais. Assim sendo, na investigação-ação o investigador trabalha de forma ativa no processo de investigação, num procedimento cíclico de investigação, reflexão e mudança. O método da investigação-ação é flexível no sentido de que permite o uso de técnicas e instrumentos de investigação variados. Podemos atestar esse fato por meio da leitura do fragmento transcrito abaixo:

Em síntese, verificamos que o método de Investigação-Ação, inserido no paradigma sociocrítico e numa abordagem mista, regista técnicas e instrumentos de investigação variados, permitindo a flexibilidade e, como referimos anteriormente, a sua adaptação ao contexto de investigação.

Salientamos ainda a complementaridade entre várias técnicas e instrumentos, permitindo ao investigador uma mais profícua recolha de dados. (Moreira, Sá & Costa, 2021, p. 45)

Após discorrer sobre o método utilizado, cumpre-nos esclarecer sobre as técnicas de recolha de dados exploradas. Assim, para conhecer o contexto no qual estava sendo recebida para a realização do estágio, foi utilizada como técnica de recolha de dados a investigação documental. Para tanto, recorri aos documentos públicos disponíveis na internet que tratavam da escola, particularmente, e aos documentos públicos que versavam sobre a educação em Portugal, de modo geral. Outra fonte de pesquisa bastante útil nesse momento foi o site da escola, que indicava o que estava sendo realizado, projetos desenvolvidos, profissionais dos Gabinetes, o que possibilitou uma contextualização melhor do que me ia deparar brevemente.

Chegando ao local, a sala que me foi indicada para estar durante o período que estivesse na escola foi a sala multifunções, que era uma sala bem grande, em que as cadeiras e mesas ficavam organizadas em forma de U, e que era preparada para receber diversas atividades. Neste espaço ficavam também os professores substitutos, que aguardavam serem chamados para substituir algum professor ou professora que faltasse. Por conta disto, muitas turmas passavam por essa sala, já que esses professores substitutos pediam para que os assistentes operacionais levassem os alunos para lá, ao invés de se dirigirem à sala de aula original.

Optei por iniciar esse ponto do relatório com a descrição do local que me foi destinado pelo contexto para ocupar porque esse foi um fator importante durante o processo de investigação. Estar em uma sala na qual passavam muitas turmas diferentes quase todos os dias, possibilitava que eu tivesse um contato próximo com os alunos do contexto, bem como que pudesse ter acesso facilmente a alguns professores. Esses fatores foram de suma importância para a realização da observação direta no processo de investigação, a qual era registrada nos diários de bordo para posterior estudo. Além da técnica de observação, estar nesta sala também me permitiu a realização de escutas informais dos professores, que muitas vezes aproveitavam os momentos em que não eram chamados para substituir algum colega de profissão para compartilhar comigo seus anseios e insatisfações em relação ao seu trabalho na escola. Assim sendo, a observação direta foi realizada durante o mês de outubro e novembro. Ela era realizada principalmente na sala multifunções, mas também era feita em outros espaços: biblioteca, pátio da escola, fila da cantina e auditório. Após a observação, um diário de bordo era escrito, como forma de registrar o que havia sido observado, para posterior consulta e reflexão sobre os dados coletados. Além dos diários de bordo, também recorri às notas de campo para registro dos achados

durante a observação e escutas informais. Os diários de bordo produzidos seguiram uma estrutura proposta e criada pela orientadora científica, que pode ser visualizada na Figura 1:

Figura 1

Folha modelo do diário de bordo

Contexto de Formação: Estágio de natureza Profissionalizante - Mediação Educacional
 Contexto do Projeto: [REDACTED]
 Responsável do Projeto: Cláudia Wayne Melo de Castro
 Orientadora Científica do Projeto: Dâmaris Isabel Maria Lima Carvalho Viçosa
 Orientadora Cooperante do Projeto: [REDACTED]

DIÁRIO DE BORDO

DATA: _____

AÇÃO DO DIA: _____

OBJETIVOS	DESCRIÇÃO
POTENCIALIDADES	CONSTRANGIMENTOS
INFERÊNCIAS	
OBSERVAÇÃO CRÍTICA	

O contexto de estágio, que foi descrito anteriormente, já tinha um Gabinete de Mediação em funcionamento, bem como uma mediadora responsável por ele e, conseqüentemente, pela mediação na escola. Por isso, era importante entender como a cultura da mediação se apresentava na escola e de que forma ela acontecia no dia a dia, para poder construir um projeto de investigação/intervenção que fosse ao encontro do que já era realizado no contexto e, também, atendesse as necessidades dele.

Assim, levando em consideração as observações compartilhadas acima, para compreender como a mediação escolar era colocada em prática no contexto, foi eleito como técnica de recolha de dados o inquérito por entrevista estruturada, a qual foi feita com a mediadora da escola, que era a pessoa responsável pelo Gabinete de Mediação à época (ver Apêndice 01, p. 101). Os dados obtidos com a entrevista realizada foram de extrema importância para que pudesse entender como acontecia a mediação no contexto, para que conseguisse, não só perceber as necessidades da escola, mas também

para compreender como a mediação era desenvolvida e como podia adequar o futuro projeto ao Gabinete de Mediação que já existia no contexto.

Ao analisar a entrevista, pudemos confirmar o que estava sendo percebido a partir da observação e das escutas que foram realizadas: 1. apesar de haver a mediação escolar no contexto, não havia um programa de mediação estruturado; 2. Também não havia um procedimento estabelecido no que diz respeito às mediações resolutivas que eram realizadas; e 3. Os professores substitutos responsáveis por fazer as mediações (apesar de haver a mediadora, geralmente eram os professores substitutos os responsáveis por receber os alunos que eram encaminhados pelos professores e assistentes operacionais para a mediação) não tinham qualquer formação como mediador.

Por fim, não podemos deixar de citar a pesquisa bibliográfica, que acompanhou todo o desenvolvimento do projeto, inclusive, a fase de investigação, a fim de dar suporte à escolha dos métodos de investigação e dos instrumentos de recolha de dados que foram utilizados. Todo o material bibliográfico consultado está listado nas referências bibliográficas, no final deste relatório, onde se encontra tanto a bibliografia consultada quanto a bibliografia referenciada.

Após todo o período de investigação realizado, percebemos como necessidade do contexto a realização de um trabalho de prevenção e gestão de conflitos com os alunos das turmas do 6º ano, tendo em vista que a grande maioria dos alunos dessa série estavam sempre envolvidos em conflitos com outros alunos, o que estava prejudicando a boa convivência na escola e, conseqüentemente, o ensino e o aprendizado desses alunos. Aqueles alunos, frequentemente, compareciam no gabinete de mediação encaminhados por professores, assistentes operacionais e profissionais do Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família. Transcrevemos abaixo alguns trechos dos diário de bordo como destaque dos acontecimentos que nos levaram à decisão de trabalhar com os alunos das turmas do 6º ano:

- No começo do dia, no momento da chamada para substituição, a professora substituta relatou que a turma que estava precisando de substituição, qual seja, o 6º 04, era uma turma trabalhosa porque os alunos eram muito atrevidos e não obedeciam às ordens dos professores. (Diário de bordo - 16/10/2023)
- Nesta manhã veio para a sala uma turma de substituição – 6º 08. Os alunos ficaram durante a aula jogando ou nos seus telemóveis. Em certo momento um aluno ficou em pé e, mesmo com vários pedidos da professora, este não se sentou na cadeira. Ele a ouviu mas ignorou todas as vezes o seu pedido e se manteve em pé. A professora nada fez. (Diário de bordo - 18/10/2023)

- Iniciei o dia de hoje assistindo uma palestra do Programa Escola Segura que foi promovida por dois agentes da PSP para os alunos do 6º ano... Os alunos conversavam bastante a todo momento. Só ficavam em silêncio quando os agentes estavam falando, mas, inclusive, na hora do vídeo eles conversaram e riram. ... O final da palestra foi desastroso. O agente disse que achava que os alunos iriam se sensibilizar mas estava percebendo que isso não tinha acontecido. Os alunos não paravam de falar. A Diretora novamente tentou que os alunos silenciassem, mas só gritava e não conseguia. Alguns levantavam-se já impacientes querendo ir embora, até que foram dispensados. (Diário de bordo - 19/10/2023)
- Ao final trouxemos os alunos de volta para a escola. Durante o caminho de volta alguns alunos da turma que eu estava acompanhando (6º 1) fizeram bastante bagunça e foi difícil que os mesmos seguissem a fila que estava formada. ((Diário de bordo - 20/10/2023)

Ao levar para a orientadora cooperante do estágio essa percepção obtida após o período de investigação, ela concordou com os achados obtidos durante o mapeamento das necessidades do contexto, referenciando, inclusive, que as turmas do 6º ano já haviam despertado a atenção da Equipe do GAAP, ainda quando estavam no quinto ano. Assim, encerrada a observação reflexiva e identificada a necessidade do contexto, seguimos para a elaboração do Plano de Atividades que foi implementado na fase de intervenção, que teve como público-alvo os alunos das turmas do 6º ano.

5.2. Intervenção

Após o período de investigação em que foi detectada a necessidade do contexto e identificado o público-alvo, procedemos com a elaboração do Plano de Atividades, que reuniu todas as informações necessárias sobre o Projeto, que foi aprovado sem reservas pela orientadora cooperante do estágio e pela orientadora científica. O projeto recebeu o seguinte título: Ser, Conectar e Aprender: uma trajetória guiada pela mediação escolar para a promoção do sucesso educativo a partir de uma cultura de paz. Depois, ganhou uma logomarca personalizada (Figura 2), compondo, assim, sua identidade visual, para que pudesse ser identificado em todos os materiais que fossem produzidos durante o período de intervenção:

Figura 2

Logomarca do Projeto



A logomarca foi desenhada com a intenção de representar a conexão (as cabeças estão olhando-se de frente) e o diálogo (balões de conversa), próprios da mediação. O nome do projeto vem logo abaixo do desenho, estando em destaque a “Mediação Escolar”, que é o cerne do estágio.

Abrimos um parêntese neste momento, por ser necessário, para explicar como foi organizada a etapa de intervenção do projeto que teve como público-alvo os alunos das turmas do sexto ano de escolaridade. Tendo em vista a problemática enfrentada e os objetivos perseguidos, bem como a complexidade da investigação/intervenção, percebeu-se que não era suficiente que o trabalho fosse realizado só com os alunos, pois se entende que o cerne da questão que está na base dos desafios enfrentados na escola são as relações, neste caso, as relações dos alunos com os outros atores da comunidade escolar. Desta feita, trabalhar com os alunos isoladamente não nos parecia ser a melhor opção para encontrar o que procurávamos com o projeto de investigação/intervenção que estava sendo realizado. Por isso, após uma reflexão conjunta da mediadora estagiária, da sua orientadora e da sua orientadora cooperante do estágio, decidiu-se que o trabalho iria ser realizado diretamente com os alunos, público-alvo da investigação, e indiretamente com os assistentes operacionais, diretoras de turma, equipe do GAAF, encarregados de educação e professores, que eram as pessoas que estavam próximas aos alunos, enquanto estes vivenciavam sua vida escolar.

Recordemos, por ser oportuno, os ensinamentos de Galdino (2020), a medida que o mesmo discorre sobre a importância do trabalho em rede na escola quando se trata de mediação escolar, tendo em vista que o envolvimento de toda a comunidade da instituição educativa é essencial para que os resultados de um programa de mediação realizado no contexto alcance resultados positivos, tanto para a escola, quanto para os alunos e profissionais que atuam nela.

Feito este adendo, podemos então passar para a discussão sobre as intervenções realizadas. Estas, apesar de terem sido pensadas sistemicamente e acontecerem, também, de forma sistêmica, foram organizadas ponto a ponto para melhor entendimento do leitor.

5.2.1 Mediando conflitos no Gabinete de Mediação

Desde que cheguei na escola, a orientadora cooperante do estágio já me direcionou para receber as ocorrências direcionadas ao Gabinete de Mediação. Então, no período em que estava na escola, mediava os conflitos que surgiam. Se o encaminhamento fosse por conta de indisciplina, era realizada uma escuta empática, bem como um diálogo reflexivo com o aluno. Em um momento posterior, a mediadora saiu da escola e o contexto precisou promover um concurso para uma nova contratação, o que demandou tempo. Nesse período, fiquei cuidando de todos os casos do gabinete de mediação para que os alunos não ficassem desatendidos. Como era a mediadora escolar que estava ocupando, naquele momento, essa função na escola, as mediações eram realizadas com alunos de todas as turmas presentes no contexto, no entanto, para a investigação/intervenção foram considerados apenas os processos que envolviam os alunos dos sextos anos, que eram a grande maioria.

Como já sabemos, os conflitos são processos naturais e ocorrem frequentemente nas relações humanas, tendo em vista serem a expressão de questões nos relacionamentos (profissional, de amizade, familiar, etc.) que precisam ser revistas, reorganizadas ou transformadas. Ocorre que os conflitos, para proporcionarem uma mudança positiva, capaz de manter o relacionamento afetado por eles, precisam ser trabalhados de forma construtiva. Por sua vez, as escolas são ambientes férteis para o surgimento de conflitos, tendo em vista o convívio diário de centenas de pessoas, bem diferentes umas das outras, que possuem opiniões e necessidades, muitas vezes divergentes, o que leva a desentendimentos e, não raramente, a violências físicas e verbais. Ao mesmo tempo, as escolas, por serem um espaço relacional e de aprendizado, são um espaço favorável para que crianças e adolescentes aprendam a transformar os conflitos dos quais eventualmente fazem parte, através de atitudes positivas e construtivas. Assim sendo, é essencial que aconteça no dia a dia das escolas a prevenção e a gestão do conflito escolar, bem como a resolução das controvérsias que possam eventualmente surgir, de forma que a escola seja um ambiente seguro para o aluno ser, estar e aprender efetivamente.

A mediação, como já percebemos anteriormente, é um método de resolução de conflitos em que um terceiro imparcial, o mediador, facilita o diálogo entre os conflitantes, utilizando técnicas próprias do método, de forma que essas pessoas restabeleçam o diálogo e, se possível, entrem em um acordo

no sentido de solucionar a questão controversa existente entre elas. Por suas características e potencialidades, a mediação é bastante indicada para a gestão e resolução dos conflitos escolares, podendo atuar também na prevenção destes. A mediação escolar proporciona que os alunos, que tenham entrado em conflito, se encontrem e dialoguem sobre o que ocorreu, estabelecendo um acordo e se responsabilizando pelos danos. Logo, uma vez que a mediação é indicada para a realização da gestão e resolução de conflitos na escola, naturalmente, a mediação contribui para o fortalecimento da cultura de paz neste ambiente, bem como para o bom clima escolar, potencializador do aprendizado cognitivo dos alunos e, consequentemente, do sucesso educativo desses.

Desta feita, tendo em vista a importância da mediação dentro da escola, foram realizadas sessões de mediação com os alunos que se envolveram em conflitos, bem como a realização de mediações informais, bastante úteis nos momentos em que os alunos estavam todos no pátio. As atividades desenvolvidas, no que diz respeito à gestão e resolução de conflitos durante o estágio, foram a mediação de conflitos formal, mediação de conflitos informal e a escuta empática. O propósito desta intervenção era a gestão e a solução dos conflitos escolares. De forma indireta, também conseguimos alcançar a prevenção, uma vez que o Gabinete de Mediação, com o passar de tempo, tornou-se um espaço seguro para os alunos compartilharem suas preocupações e anseios.

De facto, a escola é o espaço vivencial dos alunos, que passam quase todo o dia dentro da instituição. É onde estes alunos se socializam diariamente com diversas pessoas de diferentes idades e culturas. É natural que dessas relações advenham conflitos que precisam ser gerenciados de forma positiva e construtiva, para que se construa, ou se mantenha, o bom clima escolar, pois ele proporciona o ambiente seguro e saudável para a convivência e aprendizado dos alunos, colaborando para o seu sucesso educativo e para a diminuição da evasão escolar.

Assim, por todas as vantagens anteriormente expostas, é necessário a manutenção de um ambiente saudável e harmonioso na escola. É importante existir, à disposição dos alunos, um espaço e um profissional capacitado em mediação que pudesse auxiliá-los na gestão e resolução dos seus conflitos. Essa intervenção acontecia concomitantemente com as outras ações desenvolvidas, tendo sido colocada em prática de outubro/2023 a fevereiro/2024, às segundas, terças, quartas e sextas das 08:30 às 12:30 e às quintas-feiras das 10:00 às 14:00.

Resultados

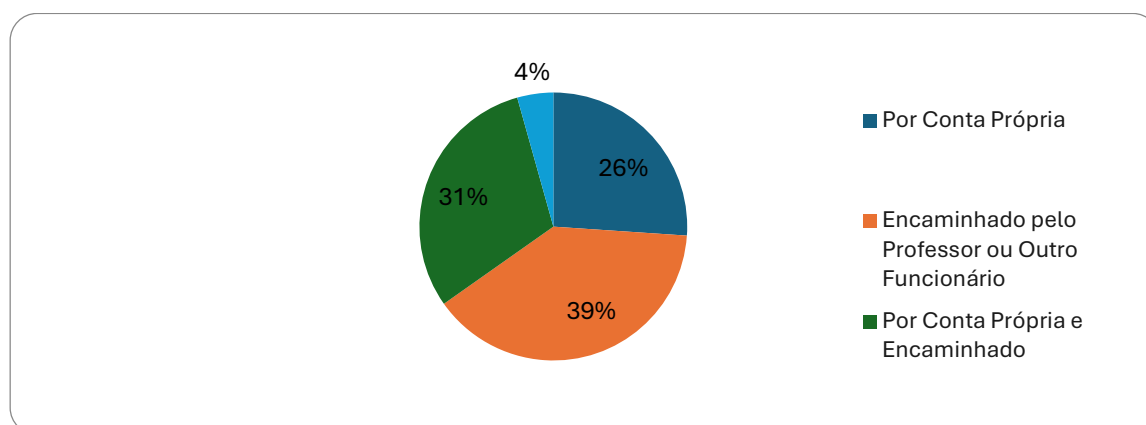
No início da atuação, os alunos não demonstravam confiança na mediadora estagiária e percebiam a mediação como forma de punição ou castigo. Com o passar do tempo, e à medida que eles foram me conhecendo, essa situação mudou. Os alunos passaram a confiar na mediadora estagiária e procuravam o Gabinete de Mediação por conta própria, seja por estarem envolvidos em algum conflito, seja porque precisavam ser escutados. Ao final do período de intervenção percebemos que muitos conflitos eram evitados ou não escalavam por conta da proximidade dos alunos com o Gabinete de Mediação, o que resultava em um bom clima escolar no contexto. Assim sendo, o Gabinete de Mediação passou a ser, para os alunos, um lugar seguro, deixando de ser sinônimo de punição ou castigo. Dessa forma, passou a prevalecer, durante as sessões de mediação, a transparência e a boa-fé dos alunos, o que facilitou o trabalho do Gabinete de Mediação no sentido de promover a boa convivência, bem como no sentido de proporcionar um clima escolar favorável à evolução educativa das crianças e adolescentes. Além disso, também foi perceptível a mudança de comportamento de alguns alunos que sempre se destacaram por indisciplinas e mau comportamento na escola. Após a intervenção da mediadora estagiária, através dos processos de mediação resolutiva e da escuta empática, os próprios alunos passaram a se esforçar para a mudança de comportamento que aconteceu de facto gradualmente.

Foi realizado um inquérito por questionário com os alunos (ver Apêndice 2, p.102) para entender como reverberou neles o trabalho desenvolvido pela mediadora estagiária no Gabinete de Mediação, no que diz respeito à mediação resolutiva e como isso influenciou o seu comportamento na escola. O questionário foi enviado para um total de 23 alunos, sendo respondido por todos eles. Os alunos eram do sexto ano e estiveram no Gabinete de Mediação, da seguinte maneira: 13 alunos por conta própria, 16 alunos encaminhados pelo professor ou por outro funcionário da escola. Apenas um aluno não respondeu como chegou ao Gabinete.

No Gráfico 1 podemos visualizar facilmente a proporção de alunos inquiridos que compareceram ao Gabinete de Mediação por conta própria e de alunos inquiridos que compareceram ao Gabinete de Mediação por encaminhamento. Essa diferenciação é importante para que possamos avaliar os resultados do inquérito realizado com base na liberalidade ou não da presença dos alunos no Gabinete de Mediação, pois esse fato nos dá a ideia da propensão dos alunos inquiridos em participar ou não de um processo de mediação ou de escuta empática. Analisemos o Gráfico 1:

Gráfico 1

Factos Geradores do Comparecimento dos Alunos ao Gabinete de Mediação



As respostas fornecidas no inquérito por questionário foram analisadas e organizadas na Tabela 2 para melhor visualização do resultado. Vejamos:

Tabela 2

Percepções dos Alunos do 6º Ano que passaram pelo Gabinete de Mediação

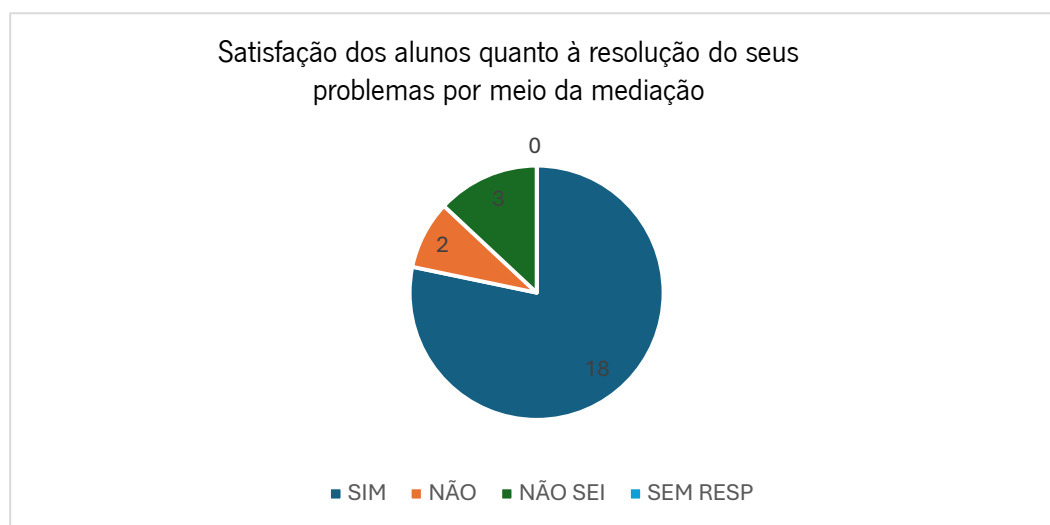
Percepções	Sim	Não	Não sei	Sem resp
01) Sentiu-se bem acolhido/a	21	1	1	0
02) Sentiu-se respeitado/a	20	0	03	0
03) Sentiu-se à vontade para falar da sua situação	18	1	4	0
04) Conseguiu dizer o que sentia	19	3	0	1
05) Sentiu que a Mediação ajudou a resolver o seu problema	18	2	3	0
06) Conseguiu entender melhor as suas preocupações	16	2	5	0
07) A mediação respondeu ao que o aluno precisava	17	0	6	0
08) O ambiente e local foram adequados	22	1	0	0
09) Sentiu-se confortável na sala de mediação	19	1	2	1
10) A mediadora o ajudou a dizer os seus pontos de vista	20	1	2	0

11) A mediadora tratou o aluno com respeito	23	0	0	0
12) A mediadora foi capaz de compreender o aluno	21	0	1	1
13) O local da mediação fica num sítio de fácil acesso	22	2	0	0
14) As sessões de mediação foram suficientes	14	3	6	0
15) As sessões de mediação ajudaram o aluno a encontrar soluções para o seu problema	15	4	4	0
16) Sentiu-se satisfeito/a com o acordo a que chegou ou com as reflexões que fez durante a mediação	17	0	6	0

Percebe-se, após o levantamento dos dados, que a grande maioria dos alunos percebeu o Gabinete de Mediação como uma experiência positiva em vários aspectos. Colacionamos alguns gráficos a seguir para comentar mais detalhadamente o item a que cada um corresponde no questionário. Destacamos que, devido ao número elevado de itens do questionário, decidimos por escolher, para analisar isoladamente, aqueles que mereciam um maior destaque, no que diz respeito à investigação realizada. Começamos pelo Gráfico 2 que mostra a quantidade de alunos que marcaram sim, não e não sei para a seguinte sentença: “senti que a mediação ajudou a resolver o meu problema”. A partir do estudo do Gráfico 2, percebe-se que a grande maioria dos alunos entendeu que a mediação os ajudou a solucionar a questão que foi tratada no Gabinete. Vejamos:

Gráfico 2

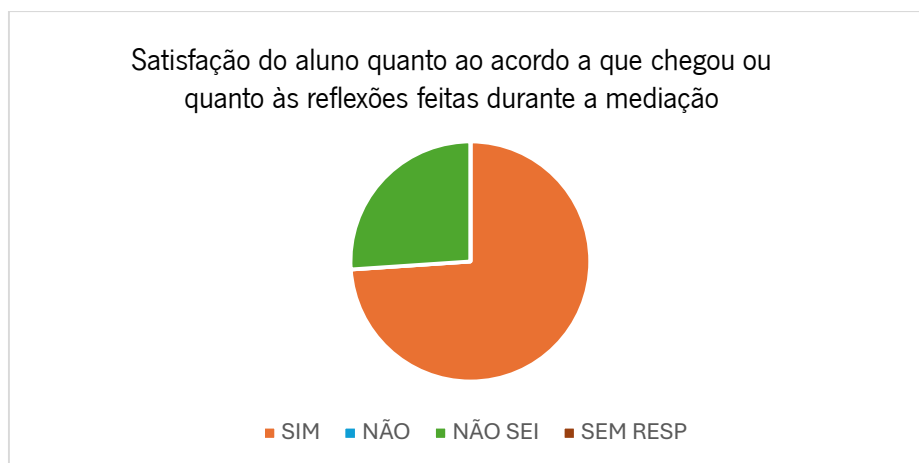
Potencialidade da Mediação



O Gráfico 3 mostra a proporção de alunos que se sentiram satisfeitos com o acordo a que chegaram ou com as reflexões que fizeram durante o momento em que estiveram no Gabinete de Mediação.

Gráfico 3

Acordo/Reflexão Feita no Gabinete de Mediação

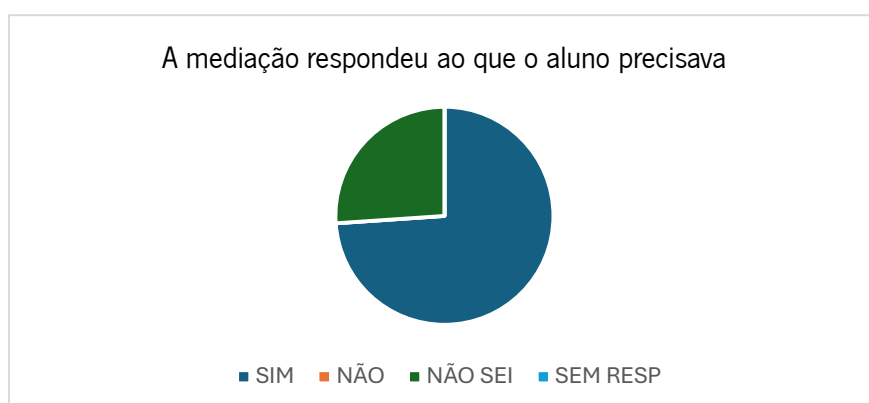


Percebemos a partir da análise do Gráfico 3 que nenhum aluno respondeu negativamente e muitos afirmaram que se sentiram satisfeitos com os acordos produzidos durante as sessões de mediação ou com as reflexões feitas durante o processo. Uma proporção bem menor respondeu que não sabia.

O Gráfico 4 representa as respostas sobre a percepção dos alunos quanto à eficácia da mediação em responder ao que eles necessitavam no momento em que estiveram no Gabinete.

Gráfico 4

Resultados do Processo de Mediação

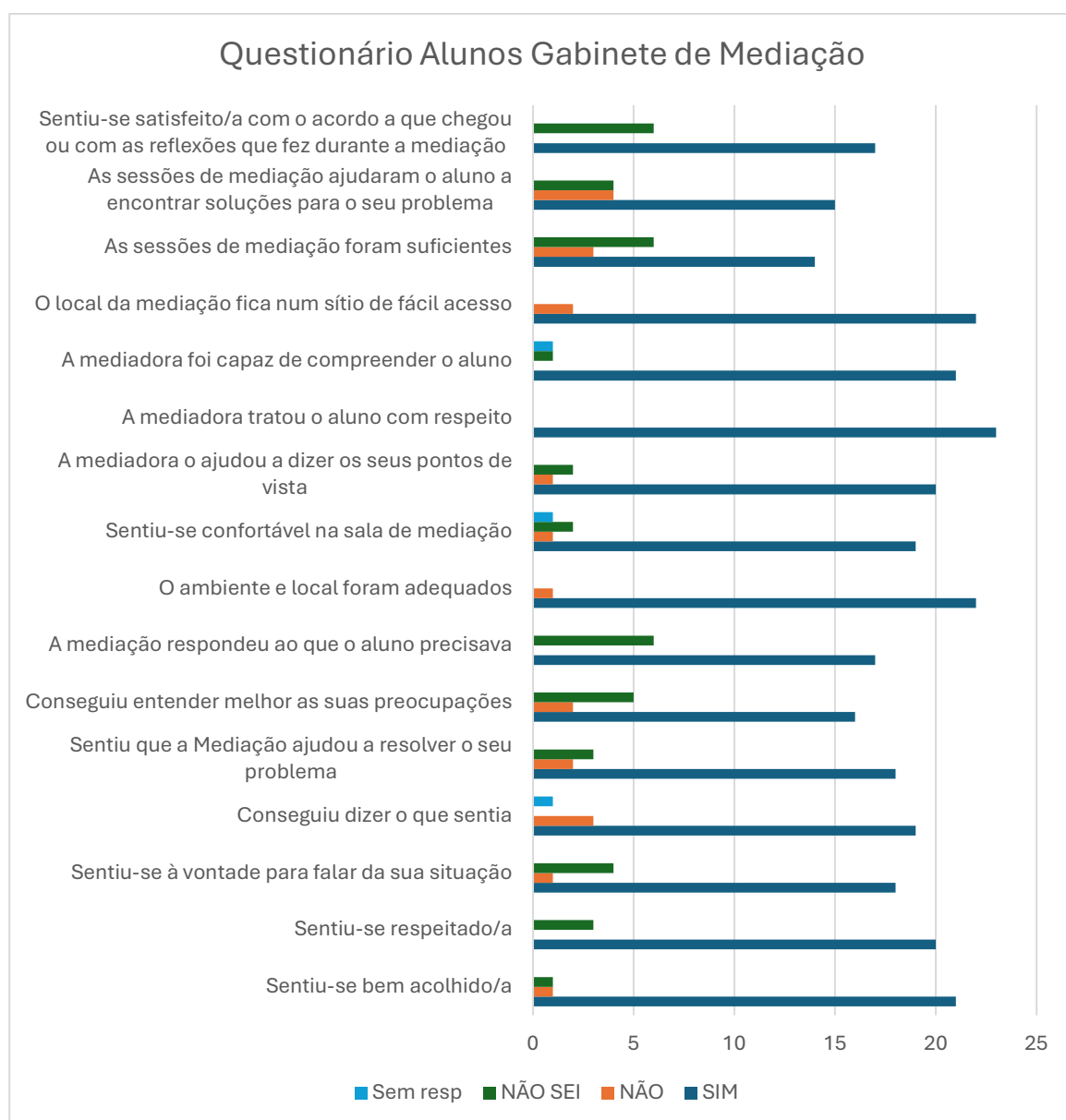


Percebemos, pela estudo do Gráfico 4, que a maior parte dos alunos atendidos entendeu que a mediação respondeu ao que eles precisavam. Novamente, neste ponto, não houve nenhuma resposta negativa. As outras respostas foram “não sei”.

Em virtude do grande número de itens do questionário, utilizaremos outro modelo de gráfico para conseguir perceber as outras respostas fornecidas pelos alunos, consequentemente, os resultados da intervenção ora estudada. Assim, o Gráfico 5 expressa as percepções que os alunos tiveram quando compareceram no Gabinete de Mediação. Vejamos:

Gráfico 5

Percepção dos Alunos do 6º Ano que Estiveram no Gabinete de Mediação



Assim, através das respostas registradas na Tabela 2 (pp. 50-51) e representadas no Gráfico 5, percebemos que a grande maioria dos alunos percebeu positivamente sua participação no Gabinete de Mediação, sentindo-se, inclusive, respeitados, acolhidos e compreendidos. Além disso, conseguiram dizer o que sentiam, bem como falar sobre a situação que os havia levado para o Gabinete. Conclui-se, pela análise feita acima, que o trabalho realizado no Gabinete de Mediação, que diz respeito às mediações de conflitos e às escutas empáticas, foi bastante positivo e teve resultados interessantes.

5.2.2 Sensibilização dos assistentes operacionais

Desde o momento que passei a estar diariamente no Gabinete de Mediação, percebi que os assistentes operacionais não conheciam quais os procedimentos do Gabinete, não sabiam o que era a mediação, nem entendiam o papel do mediador, o que se tornava ainda mais confuso pelo facto de o Gabinete de Mediação funcionar na sala multifunções. Outro facto muito importante era que o assistente operacional, na grande maioria das vezes, era a primeira pessoa com a qual o aluno se deparava em caso de conflito ou indisciplina, tendo em vista que esses profissionais tinham como uma de suas funções fiscalizar os alunos quando não estivessem em sala de aula. Muitas vezes, eram os próprios assistentes operacionais que encaminhavam os alunos para o Gabinete de Mediação, quando se deparavam com alguma deturpação da ordem ou com algum incumprimento do código de conduta (regulamento interno) da escola.

Por tudo isso, restou notório que os assistentes operacionais eram as pessoas com quem mais os alunos conviviam na escola, depois dos professores e professoras. Diante do exposto, não existiu outra alternativa que não fosse a de trabalhar com os assistentes operacionais, envolvendo-os na investigação/intervenção que estava sendo desenvolvida. Assim sendo, foi planejado um workshop para os assistentes operacionais que trabalhavam no contexto, abordando temas essenciais que os preparassem para lidar com as situações de conflito e indisciplina na escola. Outra intenção era falar durante o workshop sobre como funcionava o Gabinete de Mediação da escola. Desta feita, foi desenvolvida uma Ação de Sensibilização para os assistentes profissionais.

Ação: Ação de Sensibilização orientada para os Assistentes Operacionais

Os alunos chegam ao Gabinete de Mediação, na grande maioria das vezes, acompanhados dos assistentes operacionais, que têm, como uma de suas funções, apoiar os professores que estão em sala

de aula. Os Assistentes Operacionais são os profissionais que regulam o comportamento dos alunos e das alunas durante o horário em que os alunos estão na escola, tendo como função primordial a manutenção da ordem no espaço físico da escola. Dentre outras funções, eles também apoiam os professores enquanto estes estão em sala de aula, sendo responsáveis pelo encaminhamento dos alunos ao Gabinete de Mediação ou Direção, quando assim solicitado pelo professor. Portanto, o assistente operacional é um importante profissional para escola, uma vez que é responsável pela vigilância, segurança, apoio, limpeza, manutenção da disciplina dos alunos, etc., o mesmo é essencial para o bom funcionamento da instituição e, assim, para o sucesso do processo educativo dos alunos.

Diante de todo o exposto, percebe-se que os assistentes operacionais são profissionais próximos aos alunos, convivendo com eles diariamente, estando, inclusive, na linha de frente dos acontecimentos desvirtuados da ordem, como os conflitos e as indisciplinas. É necessário que estes profissionais estejam preparados para lidar com estas situações desafiadoras no dia a dia da escola.

Uma vez que o público-alvo da referida ação de sensibilização é formado por pessoas que trabalham com crianças e adolescentes no seu dia-a-dia, estando na linha de frente dos acontecimentos que prejudicam o bom clima e a paz na escola, como indisciplinas e conflitos entre os alunos, acredita-se ser necessário que estes funcionários dominem técnicas de comunicação que sejam eficazes no convívio com os alunos e nas abordagens necessárias aos alunos, quando estes se comportam de forma inadequada. Atentando para essa importante observação, a intervenção ora relatada foi pensada de forma a sensibilizar os assistentes profissionais para a importância da prevenção e gestão do conflito, apresentando-lhes a Comunicação Não-Violenta (CNV) como ferramenta para o diálogo com os alunos e a mediação escolar como método de prevenção e gestão dos conflitos na escola. Por fim, objetiva-se, também, informar os mesmos sobre o papel do Gabinete de Mediação em funcionamento na escola.

Acontece que, tão importante quanto a gestão dos conflitos escolares, é a prevenção dos mesmos, a qual acontece, principalmente, através de uma comunicação positiva e eficiente como, por exemplo, a CNV. Ela é um método comunicacional bastante indicado para a prevenção e resolução de conflitos, tendo em vista seus fundamentos, princípios e técnicas, que se baseiam nos sentimentos e necessidades das pessoas, abordados a partir da expressão honesta e da escuta empática. Ressalte-se que a CNV é comumente usada nas intervenções feitas pelo mediador da escola, seja na resolução, seja na prevenção dos conflitos. Portanto, a ação de sensibilização proposta, visava levar ao conhecimento dos Assistentes Operacionais a técnica da CNV, com foco na expressão honesta e na comunicação empática, de modo a facilitar ampliarem as suas habilidades comunicacionais e a aprimorar o modo como dialogam com os alunos.

Pretendeu-se, também, com este momento, abordar os conflitos escolares e a forma como estes podem ser prevenidos ou geridos pela mediação, como meio de possibilitar a sensibilização e a compreensão dos assistentes operacionais sobre esse tema. Por fim, houve a apresentação do trabalho do Gabinete de Mediação e o seu papel no dia a dia da escola.

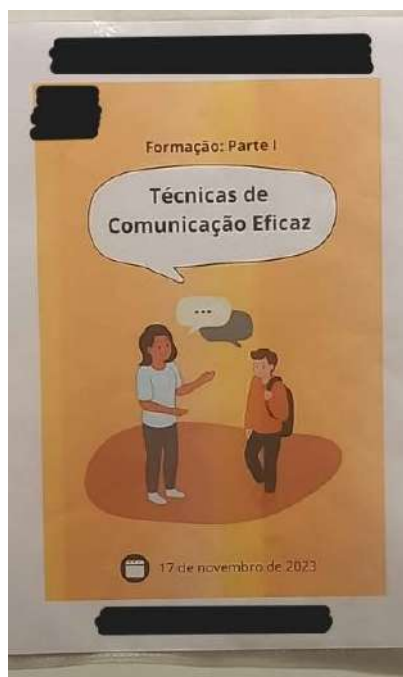
Assim sendo, o *workshop* que intitulamos de “Técnicas de Comunicação eficaz” teve como temas: CNV, prevenção e gestão do conflito escolar, mediação escolar, Gabinete de Mediação da Escola. O tempo de duração foi de 240 minutos. No que diz respeito aos objetivos da intervenção: apresentar a técnica da CNV, demonstrar a expressão honesta através dos componentes da CNV, exercitar a escuta empática, praticar o uso da paráfrase na escuta, sensibilizar sobre a importância da prevenção e da gestão do conflito escolar, apresentar a mediação escolar como método de prevenção e gestão dos conflitos na escola, tornar conhecido o papel do Gabinete de Mediação da Escola.

O grupo participava bastante, mas poucos aceitavam participar das atividades práticas. Foi necessário insistir algumas vezes para que alguém se dispusesse a participar da simulação, por exemplo. Quando o grupo se dispersava por algum motivo, demorava para se concentrar novamente. Afora isto, todos estavam muito interessados, demonstrando, inclusive, o desejo de aprofundar os temas abordados.

Colacionamos abaixo o cartaz que identificava a sala onde estava ocorrendo a Ação para os Assistentes Operacionais:

Figura 3

Cartaz da Ação Realizada para os Assistentes Operacionais



Resultados

Para avaliar os resultados da intervenção direcionada aos assistentes operacionais, optou-se por realizar o inquérito por questionário (ver Apêndice 3, p.103) alguns meses após a ação finalizada. Isto porque era necessário um período de maturação, ou seja, um período para que os assistentes operacionais pudessem processar o que haviam aprendido e aplicar no dia a dia do trabalho com os alunos, para perceber se o que tinha sido ensinado estava produzindo efeitos positivos no seu trabalho na escola. Após dois meses, o questionário foi disponibilizado para estes funcionários da escola, que prontamente o responderam gerando o seguinte resultado:

Tabela 3

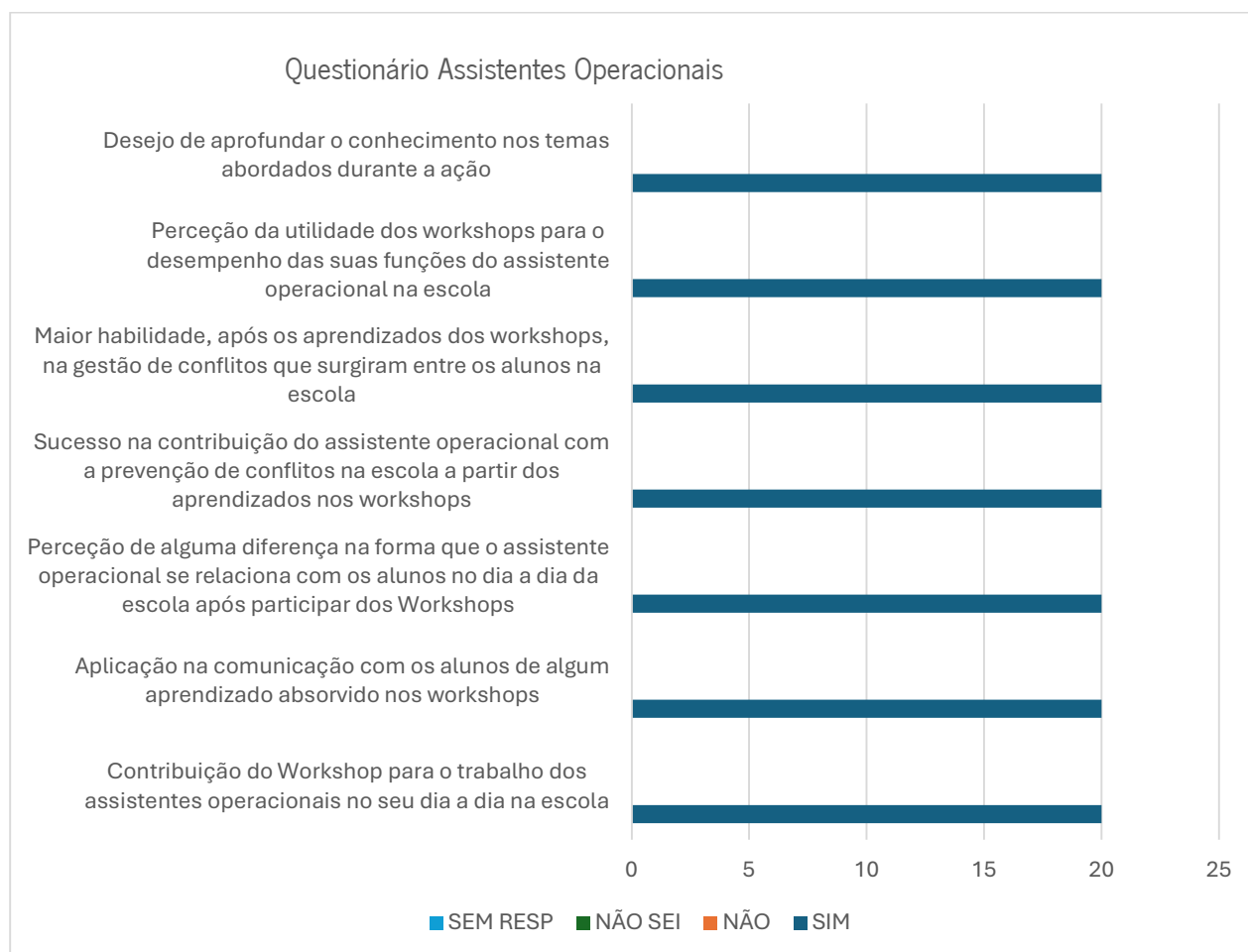
Percepções dos Assistentes Operacionais

Percepções	sim	não	não sei	sem resp
01) Contribuição do Workshop para o trabalho dos assistentes operacionais no seu dia a dia na escola	20	0	0	0
02) Aplicação na comunicação com os alunos de algum aprendizado absorvido nos workshops	20	0	0	0
03) Percepção de alguma diferença na forma que o assistente operacional se relaciona com os alunos no dia a dia da escola após participar dos Workshops	20	0	0	0
04) Sucesso na contribuição do assistente operacional com a prevenção de conflitos na escola a partir dos aprendizados nos workshops	20	0	0	0
05) Maior habilidade, após os aprendizados dos workshops, na gestão de conflitos que surgiram entre os alunos na escola	20	0	0	0
06) Percepção da utilidade dos workshops para o desempenho das suas funções do assistente operacional na escola	20	0	0	0
07) Desejo de aprofundar o conhecimento nos temas abordados durante a ação	20	0	0	0

A Tabela 3 mostra um resultado bastante positivo, com total aproveitamento, conforme também podemos atestar pela análise do Gráfico 6. Vejamos:

Gráfico 6

Percepção dos Assistentes Operacionais



Pela análise do Gráfico 6, percebemos que todos os participantes entenderam que a ação havia contribuído para o trabalho deles na escola, fazendo uso dos ensinamentos para se comunicarem com os alunos. Com o que aprenderam, segundo o inquérito, os assistentes operacionais puderam contribuir para a prevenção de conflitos na escola, bem como auxiliar na gestão dos conflitos que ocorreram quando estavam presentes. Por fim, esses profissionais afirmaram que a intervenção realizada foi útil para o desempenho das suas funções na escola e que gostariam de aprofundar os temas abordados. Perante tal percepção, concluímos que o resultado da intervenção realizada com os assistentes operacionais foi bastante positiva, gerando resultados pretendidos nos objetivos da intervenção.

5.2.3 Conectando as Diretoras de Turma ao projeto

As Diretoras de Turma eram importantes elementos para investigação/intervenção que estava sendo desenvolvida, tendo em vista que dependíamos delas para conseguir fazer a intervenção nas turmas do 6º ano da escola, que era onde estava o público-alvo nuclear do Projeto. Acontece que, no início, encontramos muita dificuldade para que essas profissionais abraçassem o projeto e se dispusessem a participar do mesmo, disponibilizando algumas aulas da turma, pela qual eram responsáveis, para que as ações fossem realizadas. Entre a primeira tentativa de contato com as Diretoras de Turma até conseguirmos agendar a primeira intervenção, qual seja, o Círculo de Construção de Paz com as próprias, durou cerca de um mês. Tendo em vista esse desafio, buscamos estratégias para que as Diretoras de Turma se interessassem pelo projeto de investigação/intervenção que estava sendo desenvolvido, conectando-se com ele e com a mediadora estagiária, para que as intervenções nas turmas pudessem acontecer. Assim sendo, elaboramos uma cartilha (ver Apêndice 4, p.104) que trazia no seu conteúdo a apresentação da mediadora estagiária, da mediação escolar e da investigação/intervenção em si. Enviamos, primeiramente, por Email, mas poucas visualizaram, então resolvemos entregar em mãos, uma versão impressa da cartilha para cada. Na Figura 4 colacionamos, a título exemplificativo, a capa e uma das páginas da cartilha confeccionada. Vejamos:

Figura 4

Capa e Página da Cartilha Oferecida às Diretoras de Turma



Essa primeira ação surtiu resultado, pois, ao entregar a cartilha em mãos, com o auxílio da orientadora cooperante do estágio, foi possível conversar com as Diretoras de Turma para conseguir agendar a data do Círculo de Construção de Paz, que ficou apenas para o início de janeiro, integrando, assim, o rol de atividades sugeridas para a etapa de intervenção/investigação do Projeto.

A atividade foi proposta para acontecer antes do início das intervenções, pois tinha como objetivo conectar as Diretoras de Turma responsáveis pelas turmas do 6º ano, público-alvo nuclear, ao Projeto, bem como possibilitar a aproximação destas profissionais com a Mediadora Estagiária. Acreditava-se que a realização do Círculo de Construção de Paz proporcionaria o ambiente favorável e o bom clima para a realização das intervenções futuras planejadas, uma vez que as Diretoras de Turma eram as pessoas diretamente responsáveis pelos alunos e pela gestão da turma, sendo, por isso, as profissionais com as quais a Mediadora Estagiária teria de se relacionar para o desenvolvimento das atividades referentes ao mesmo. Por isto, foi proposto um Círculo de Construção de Paz não conflitivo, qual seja, Círculo de Construção de Equipe de Trabalho, o qual foi pensando e formatado com o intuito de promover conexão, de fortalecer relacionamentos e de fortalecer o sentimento de objetivo compartilhado com a equipe.

Ação: Círculo de Construção de Paz com as Diretoras de Turma do 6º ano

O Círculo de Construção de Paz é uma prática circular profunda de diálogo, capaz de criar relacionamentos significativos, aproximando as pessoas, umas das outras. Os círculos podem ser utilizados dentro da sala de aula, em casa, em conferências de família, encontros de equipes de trabalho, etc. É um método estruturado de forma a organizar a comunicação entre os participantes, com objetivos tais como construir relacionamentos, para que seja tomada uma decisão por um grupo ou para resolver conflitos de forma eficiente e construtiva. Carolyn Boyes-Watson e Kay Pranis (2010), neste âmbito, ensinam que:

O círculo de construção de paz é, acima de tudo, um lugar para criar relacionamentos. É um espaço em que os participantes podem se conectar uns com os outros. Essa conectividade inclui não só a ligação com o facilitador ou a pessoa que trabalha com o jovem (professor, conselheiro, etc), mas também com os outros participantes. O círculo pode ajudar a fortalecer a família, dando a seus membros a chance de reconhecer seus próprios recursos. Também pode ajudar a redirecionar uma cultura de jovens para uma direção positiva, criando a oportunidade dos jovens serem uma fonte de apoio e sabedoria um para com o outro. O círculo de construção de

paz é um lugar para se adquirir habilidades e hábitos para formar relacionamentos saudáveis, não só dentro do círculo, mas também fora dele. (p.16)

A filosofia e estrutura do Círculo fazem com que este seja um espaço seguro para conversas, tanto leves quanto difíceis. É um espaço intencional que proporciona a conexão entre os participantes, mesmo em face de diferenças naturalmente existentes. Conforme referem Boyes-Watson Pranis (2010), de acordo com os ensinamentos dos povos indígenas, criadores desta prática circular de diálogo, o círculo é uma metáfora da visão que devemos ter do mundo e da percepção sobre como ele funciona. De acordo com estes povos, existem alguns ensinamentos que são parte integral, tanto da visão de mundo, como do espaço criado pelo círculo, quais sejam: “tudo está interconectado; embora tudo esteja conectado, há partes distintas, e é importante que estejam em equilíbrio; cada parte do universo contribui para o todo e é igualmente valiosa” (Boyes-Watson & Pranis, 2010, p.37).

Foi proposto a realização de um Círculo de Construção de Paz com as Diretoras de Turma do 6º ano, como forma de promover a conexão entre essas profissionais e a Mediadora Estagiária, a fim de proporcionar um bom clima para o início das intervenções planejadas. Na Figura 5 colacionamos duas imagens do Círculo de Construção de Paz direcionado para as Diretoras de Turma. A primeira mostra a configuração do Círculo e a segunda exibe o mesmo acontecendo. Vejamos:

Figura 5

Momentos do Círculo de Construção de Paz Direcionado para as Diretoras de Turma



Os temas abordados no Círculo foram: conexão de equipe de trabalho, fortalecimento de relacionamento e fortalecimento do sentimento de objetivo compartilhado com a equipe. Os objetivos eram: promover a conexão das Diretoras de Turma do 6º ano com o projeto, promover a conexão entre

a mediadora estagiária (desenvolvedora do projeto) e as Diretoras de Turma e proporcionar um bom clima para início das intervenções nas turmas do 6º ano. O tempo de duração foi de 90 minutos. O planejamento do Círculo (ver Apêndice 5, p.106) é uma das etapas necessárias que o facilitador deve cumprir ao preparar um Círculo de Construção de Paz. O Círculo ora relatado aconteceu no dia 05 de janeiro de 2024 às 14:30 e teve sete participantes, além da mediadora estagiária.

Resultados

Ao final da intervenção foi realizado um inquérito por questionário com as Diretoras de Turma (ver Apêndice 6, p.107), a fim de percebermos o impacto que o Círculo de Construção de Paz realizado gerou nessas profissionais. A Tabela 4 exibe a contagem das respostas fornecidas no questionário. Vejamos:

Tabela 4

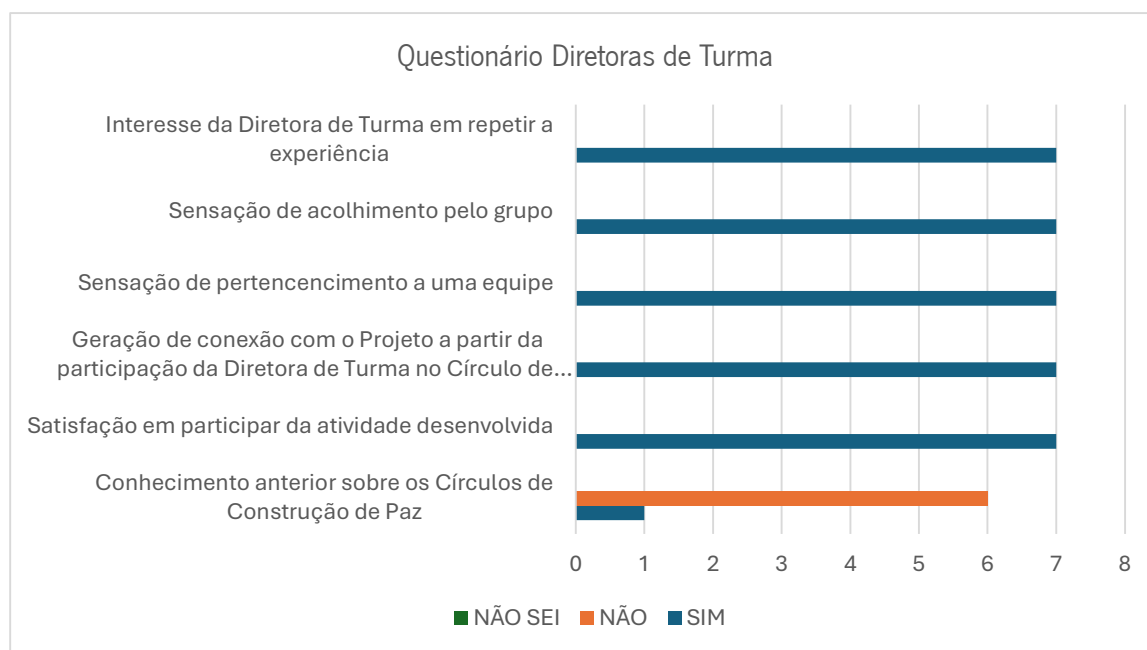
Percepções das Diretoras de Turma

Percepções	Sim	Não	Não sei	Sem resp
01) Conhecimento anterior sobre os Círculos de Construção de Paz	1	6	0	0
02) Satisfação em participar da atividade desenvolvida	7	0	0	0
03) Geração de conexão com o Projeto a partir da participação da Diretora de Turma no Círculo de Construção de Paz	7	0	0	0
04) Sensação de pertencimento a uma equipe	7	0	0	0
05) Sensação de acolhimento pelo grupo	7	0	0	0
06) Interesse da Diretora de Turma em repetir a experiência	7	0	0	0

Ao realizar a análise dos dados coletados por meio do questionário, percebemos que o resultado da intervenção foi bastante positivo, uma vez que, com exceção da primeira pergunta, que tinha caráter exploratório, todas as outras foram respondidas de forma positiva, conforme podemos atestar a partir da leitura do Gráfico 7:

Gráfico 7

Percepções das Diretoras de Turma



Assim sendo, percebemos que houve elevado aproveitamento da atividade proposta, o que nos permite inferir que os objetivos perseguidos com essa intervenção fossem atingidos em sua integralidade. De facto, houve uma maior abertura por parte das Diretoras de Turma, que a partir deste ponto, demonstraram uma maior colaboração com o projeto que estava sendo desenvolvido, o que proporcionou uma maior tranquilidade para o início das intervenções a serem realizadas nas turmas do 6º ano.

5.2.4 Ação para pais e encarregados de educação dos alunos

A comunidade escolar é composta por vários atores, dentre eles, os pais e os encarregados de educação dos alunos, que acompanham a vida escolar do seu educando, dentro e fora dos muros da escola. De acordo com o artigo 43º, da Lei nº 51/2012 (Estatuto do Aluno e Ética Escolar), que trata da responsabilidade dos pais ou encarregados de educação, refere que, a estes, incunbe um conjunto de

responsabilidades, “(...) incumbe uma especial responsabilidade, inerente ao seu poder-dever de dirigirem a educação dos seus filhos e educandos no interesse destes e de promoverem ativamente o desenvolvimento físico, intelectual e cívico dos mesmos”. No que diz respeito à responsabilidade referida, os pais ou encarregados de educação devem, além de outras obrigações, realizar o que dispõe as alíneas f), g) e h) do artigo 43º da Lei retromencionada, os quais são transcritos abaixo:

Artigo 43.º

Responsabilidade dos pais ou encarregados de educação

2 - Nos termos da responsabilidade referida no número anterior, deve cada um dos pais ou encarregados de educação, em especial:

(...)

f) Reconhecer e respeitar a autoridade dos professores no exercício da sua profissão e **incutir nos seus filhos ou educandos o dever de respeito para com os professores, o pessoal não docente e os colegas da escola, contribuindo para a preservação da disciplina e harmonia da comunidade educativa;**

(...)

g) Contribuir para o correto apuramento dos factos em procedimento de índole disciplinar instaurado ao seu educando, participando nos atos e procedimentos para os quais for notificado e, sendo aplicada a este medida corretiva ou medida disciplinar sancionatória, **diligenciar para que a mesma prossiga os objetivos de reforço da sua formação cívica, do desenvolvimento equilibrado da sua personalidade, da sua capacidade de se relacionar com os outros, da sua plena integração na comunidade educativa e do seu sentido de responsabilidade;**

h) **Contribuir para a preservação da segurança e integridade física e psicológica de todos os que participam na vida da escola.** (Lei n.º 51/2012, 2012)

Afora isto, o contexto estabelece algumas obrigações que devem ser cumpridas pelos pais e pelos encarregados de educação dos alunos da escola. Trascrevemos abaixo, com grifos nossos, algumas alíneas do artigo 203º, retirado do Regulamento Interno da Escola (2023/2026), o qual prevê os “Deveres dos Pais e Encarregados de Educação” dos alunos. Vejamos:

Artigo 203º - Deveres dos Pais e Encarregados de Educação

1. Para além do cumprimento dos deveres comuns a outros elementos da comunidade escolar, **os Pais e Encarregados de Educação dos alunos das Escolas que integram o**

Agrupamento, têm o dever de acompanhar ativamente a vida escolar do seu educando, nomeadamente:

...

e. Responsabilizar-se conjuntamente com o seu educando pelo **cumprimento dos deveres de frequência, assiduidade, pontualidade e disciplina;**

...

g. Contribuir para a formação integral do seu educando, **incutindo-lhe atitudes de respeito pela comunidade educativa;**

...

q. Cooperar com todos os elementos da comunidade educativa no **desenvolvimento de uma cultura de cidadania, nomeadamente através da promoção de regras de convivência na Escola;**

r. **Contribuir para a preservação da disciplina nas Escolas do Agrupamento e para a harmonia da comunidade educativa,** em especial quando para tal forem solicitados;

s. Contribuir para o correto apuramento dos factos em procedimento de índole disciplinar instaurado ao seu educando participando nos atos e procedimentos para os quais for notificado e, sendo aplicada a este medida corretiva ou medida disciplinar sancionatória, **diligenciar para que a mesma prossiga os objetivos de reforço da sua formação cívica, do desenvolvimento equilibrado da sua personalidade, da sua capacidade de se relacionar com os outros, da sua plena integração na comunidade educativa e do seu sentido de responsabilidade;**

t. **Contribuir para a preservação da segurança e integridade física e moral de todos os que participam na vida do Agrupamento;**

Daqui se depreende que os pais e encarregados de educação também são corresponsáveis pelo bom clima escolar e pela segurança na escola, à medida que possuem o dever de orientar os seus educandos para respeitar os outros atores da comunidade escolar, bem como incitá-los a manterem a disciplina. Afora isso, pais e encarregados de educação devem, ainda, zelar pela integração do seu educando na comunidade educativa e auxiliar na promoção do senso de responsabilidade deles. Assim, diante do protagonismo que os pais e encarregados de educação exercem na vida escolar dos seus educandos, sendo responsáveis, inclusive, pela disciplina e pelo bom comportamento deles na escola, evidenciou-se importante que fossem sensibilizados quanto à importância da prevenção e da gestão do

conflito no ambiente escolar e tivessem conhecimento sobre o papel do Gabinete de Mediação da escola nesses objetivos. Diante disso, foi proposta uma exposição que visava abordar os conflitos escolares e a forma que esses podem ser prevenidos ou geridos pela mediação, como meio de possibilitar a sensibilização e a compreensão dos pais e encarregados de educação sobre os temas abordados.

Ação: A prevenção e gestão dos conflitos escolares através do Gabinete de Mediação na Escola

Embora os conflitos sejam processos naturais e frequentes nas relações humanas, tendo em vista serem a expressão de questões nos relacionamentos (profissional, de amizade, familiar, etc) que precisam ser revistas, reorganizadas ou transformadas, são capazes de proporcionar uma mudança positiva, tornando possível a manutenção do relacionamento afetado por eles, precisando, para isso, serem trabalhados de forma construtiva. Uma das formas de tratar os conflitos positivamente é utilizar a mediação de conflitos, que, como vimos, é um método de resolução de conflitos em que um terceiro imparcial (o mediador) facilita o diálogo entre os conflitantes, para auxiliá-los a restabelecer a comunicação e, se possível, encontrar uma solução para o conflito em questão, que é concretizada por um acordo. A mediação escolar é um método que abrange tanto a prevenção quanto a gestão e resolução de conflitos nas escolas, proporcionando, ainda, um espaço de escuta e reflexão sobre indisciplinas geradoras de desconforto para toda a comunidade escolar. Desta feita, é uma prática essencial para os ambientes escolares, que precisam manter o bom clima escolar em prol do desenvolvimento emocional e cognitivo dos seus alunos.

Tendo em vista a importância do tema, foi realizada uma exposição de cartazes para pais e encarregados de educação, como forma de informá-los e sensibilizá-los sobre: 1. A importância da prevenção e gestão dos conflitos na escola; 2. O papel dos pais e encarregados de educação no que diz respeito à orientação do seu(s) educando(s) quanto à importância da disciplina no contexto escolar; 3. O trabalho que o Gabinete de Mediação desenvolve na escola.

Os cartazes foram muito bem recebidos pelo contexto, tanto que nos foi requisitada a permissão para deixá-los expostos permanentemente na sala multifunções, onde funcionava o Gabinete de Mediação, de forma a que os alunos também pudessem ter acesso às informações expostas no dia em que a intervenção foi realizada. Após a autorização do Diretor do Agrupamento e do protocolo necessário, os cartazes foram expostos na parede de vidro da sala, em frente a biblioteca. Esse local foi escolhido estrategicamente por ser um corredor de grande fluxo de alunos todos os dias. A Figura 6 colaciona os

cartazes que foram confeccionados para a intervenção ora relatada e que depois ficaram expostos permanentemente na escola. Vejamos:

Figura 6

Cartazes da Ação de Sensibilização Direcionada aos Pais e Encarregados de Educação dos Alunos Envolvidos no Projeto



A exposição de cartazes tratavam dos seguintes pontos: sensibilização sobre prevenção e gestão de conflitos escolares, informações sobre o Gabinete de Mediação, sensibilização quanto ao papel dos pais e encarregados de educação na orientação de seus educandos sobre a importância da disciplina na escola. Além da exposição dos cartazes, foram distribuídos folders informativos sobre os mesmos temas.

A ação foi realizada no dia da entrega das notas dos alunos do 6º ano e teve, dirigida aos pais e encarregados de educação desses alunos. Os objetivos dessa intervenção foram: sensibilizar sobre a importância da prevenção e gestão do conflito escolar, divulgar a existência do Gabinete de Mediação da Escola, sensibilizar pais e encarregados de educação sobre seus deveres no que diz respeito à orientação dos seus filhos e educandos sobre a importância da disciplina na escola. Na Figura 7 podemos observar a frente e o verso do folheto que foi distribuído para os pais e encarregados de educação dos alunos. Vejamos:

Figura 7

Panfletos oferecidos aos Pais e Encarregados de Educação dos Alunos Envolvidos no Projeto



Resultados

A percepção isolada dos resultados dessa intervenção foi mais difícil de se tornar real, tendo em vista a impossibilidade de realizar algum tipo de contato com os encarregados de educação e com os pais após a ação realizada. Assim sendo, a avaliação que temos sobre a intervenção realizada é resultado apenas das escutas informais realizadas no momento da entrega dos folders. Transcrevemos do diário de bordo do dia 15 de janeiro de 2024 os trechos que mostram retratos expressivos que os pais e encarregados de educação dos alunos manifestaram no dia da Exposição:

- Alguns pais perguntavam do que se tratava e outros aprofundavam mais a pergunta, perguntando sobre o gabinete propriamente dito.

- Percebemos que conseguimos comunicar com os pais e encarregados de educação dos alunos, por exemplo, quando um ou outro achou a proposta interessante após explicarmos sobre o gabinete de mediação da escola.

Desta feita, diante do exposto, acreditamos que a intervenção teve um resultado muito positivo.

5.2.5 Ações para os alunos das turmas do 6º ano

A escola é o espaço vivencial dos alunos que passam quase todo o dia dentro da instituição. É onde estes alunos se socializam diariamente com diversas pessoas de diferentes idades, nacionalidades e culturas. É natural que dessas relações advenham conflitos que precisam ser gerenciados de forma positiva e construtiva, de modo a que não aconteça o seu escalonamento. Sabe-se que a gestão dos conflitos escolares deve ser de responsabilidade de toda a comunidade escolar, no entanto, os alunos têm um papel primordial nesta missão, tendo em vista serem, na maioria das vezes, os próprios conflitantes, uma vez que estão presentes em maior número nos contextos escolares. Assim sendo, é necessário desenvolver nestes alunos o senso de responsabilidade, colaboração e empatia, bem como, dotá-los de habilidades comunicacionais e socioemocionais que os capacitem para a gestão e resolução dos conflitos escolares. Além disso, é essencial que seja realizado um trabalho, com esses alunos, que os sensibilize para a importância do tema e para a possibilidade de prevenção do conflito, de forma a que possa ser gerado na escola o que se chama de “bom clima escolar”. O bom clima escolar proporciona o ambiente seguro e saudável para a convivência e aprendizado destes alunos, colaborando para o seu sucesso educativo, assim como para a diminuição da evasão escolar. Desta feita, percebe-se ser essencial que aconteça no dia a dia das escolas a prevenção e a gestão do conflito escolar, bem como a resolução das controvérsias que possam eventualmente surgir, de forma que a escola seja um ambiente seguro para o aluno ser, estar e aprender efetivamente.

Tendo em vista a importância do tema, propôs-se, para os alunos do sexto ano, a realização das intervenções abaixo detalhadas, com foco na prevenção e gestão do conflito escolar. Ressalte-se que foram selecionados os alunos deste ano de escolaridade após o período de investigação, que indicou a necessidade de uma maior atenção em relação às turmas do sexto ano, no que diz respeito à conflituosidade e à indisciplina.

Ação: Juntos, nós podemos! A paz na escola depende de nós!

Inicialmente, foi necessário externar que, para trabalhar com os alunos, um público sensível, se afiguravam importantes duas sessões para todas as turmas e, uma terceira, apenas para as turmas que mostrassem uma maior necessidade. Essa estratégia foi pensada juntamente com a orientadora cooperante do estágio, por conta da dificuldade inicial de conseguir disponibilidade de aulas com as Diretoras de Turma. Mas, desde já, esclarecemos que as duas primeiras sessões foram tão aceitas por essas profissionais que todas permitiram a realização da terceira sessão.

A intervenção nas turmas do sexto ano aconteceu em três encontros, sendo cada encontro uma sessão de 50 minutos. Essa intervenção, composta por três etapas, tinha os seguintes objetivos: sensibilizar os alunos sobre a importância e necessidade da prevenção e gestão do conflito escolar, conscientizar os alunos do seu papel na prevenção e na gestão do conflito escolar, desenvolver competências socioemocionais e comunicacionais nos alunos, divulgar a existência do Gabinete de Mediação da escola como espaço de escuta dos alunos e, por fim, divulgar a existência do Gabinete de Mediação da escola como aliado dos alunos na prevenção e gestão do conflito escolar. Para tanto, foram abordados os seguintes temas: formas e modalidades de violência, conflitos escolares, prevenção e gestão dos conflitos nas escolas e funções do gabinete de mediação da escola. Esses temas foram distribuídos em três sessões.

A **primeira sessão**, dividida em dois momentos, onde foi abordado como tema o conflito escolar. Os objetivos a serem alcançados com a sessão eram: conhecer o conflito positivo, diferenciar conflito positivo de conflito negativo, perceber o conflito como uma experiência construtiva e transitória, conceituar o conflito, entender a escalada do conflito e conscientizar sobre a necessidade da gestão do conflito através da cooperação e da colaboração. Os seguintes conteúdos foram abordados: teoria do conflito, conflito positivo *versus* conflito negativo, conceito de conflito, escalada do conflito e formas de tratar o conflito. No primeiro momento foi distribuída uma atividade¹ para os alunos (ver Apêndice 8, p.109), que funcionou como tema gerador para discussão em grupo, possibilitando a construção do conhecimento pelos próprios alunos. No segundo momento foi realizada uma comunicação sobre o conflito como forma de sintetizar o que havia sido discutido e elaborado no momento da realização da atividade. A comunicação foi feita com o recurso visual, qual seja, *slides* que foram projetados para os alunos em sala de aula (ver Apêndice 9, p.110). Foi confeccionado o planejamento da primeira sessão

¹ Atividade adaptada de: Nunes, A. O. (2011). *Como restaurar a paz nas escolas: um guia para educadores*. Contexto. p. 18

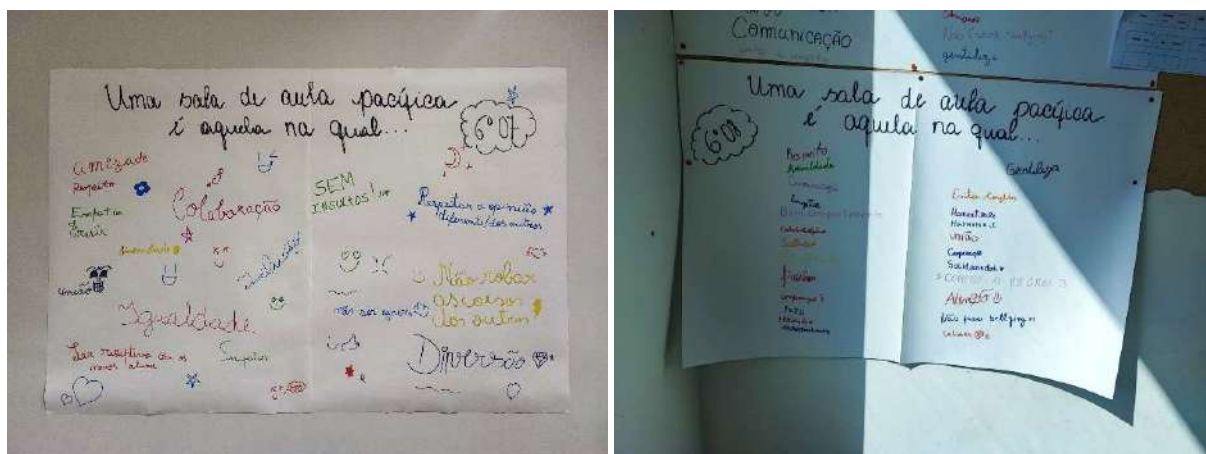
(ver Apêndice 7, p.108), criado para servir como guia, mas utilizado sempre com o cuidado de não provocar o enrijecimento da sessão, que evoluía de acordo com o que era apresentado pelos alunos.

A **segunda sessão** foi dividida em três momentos, onde foi abordado como temas: prevenção e gestão do conflito escolar, mediação de conflitos e o Gabinete de Mediação da escola. Os objetivos a serem alcançados com a sessão foram: sensibilizar os alunos sobre a importância da prevenção e da gestão do conflito escolar, perceber a importância da prevenção e da gestão do conflito escolar, conhecer a mediação de conflitos, conhecer o gabinete de mediação da escola e compreender a função do mediador escolar. Para tanto, foi abordado o seguinte conteúdo: formas de prevenção do conflito (comunicação e empatia), importância da gestão do conflito (evitar a escalada do conflito), conceito de mediação de conflitos, funções do Gabinete de Mediação da escola (escuta ativa, prevenção e gestão do conflito), função do mediador escolar. No primeiro momento foi passado para os alunos um vídeo curto sobre mediação de conflitos na escola, para que eles respondessem a algumas perguntas sobre o vídeo. O vídeo, juntamente com o exercício, funcionou como tema gerador para a construção do conhecimento pelos próprios alunos, que seria integrado com a comunicação que foi feita logo em seguida (segundo momento). A comunicação foi feita com o recurso visual, qual seja, *slides* que foram projetados para os alunos em sala de aula. (ver Apêndice 11, p.113). Foram abordados os seguintes temas: prevenção e gestão do conflito escolar, mediação de conflitos e Gabinete de Mediação da Escola. No terceiro momento, foi realizada uma atividade (ver Apêndice 12, p.115). como a primeira, no entanto, com um vídeo diferente, para ajudar os alunos a perceber, com outro recurso, o que havíamos conversado nos outros dois momentos. O plano de aula da segunda sessão (ver Apêndice 10, p.112). também foi confeccionado. Ressalte-se que o mesmo foi criado para servir como guia, utilizado sempre com o cuidado de não provocar o enrijecimento da sessão, que evoluía de acordo com o que era apresentado pelos alunos.

Finalmente, a **terceira sessão** foi a mais dinâmica de todas e representou o fechamento do trabalho desenvolvido com as turmas. O tema abordado foi: Acordo de convivência para um ambiente pacífico em sala de aula. Os objetivos a serem alcançados com a sessão foram: constatar os comportamentos necessários para uma sala de aula pacífica, autorresponsabilizando-se por eles, refletir sobre a paz, reconhecer que a paz começa em sala de aula e é responsabilidade de todos, listar os requisitos necessários para uma sala de aula pacífica, construir um painel com um acordo de convivência da turma (ver Apêndice 14, p.117). Após a comunicação feita com a apresentação de slides (ver Apêndice 15, p.118) para recapitular o que havia sido conversado nas sessões anteriores, cada turma confeccionou um cartaz com o acordo de convivência feito pelos próprios alunos. Colacionamos a seguir

Cartazes Criados pelos Alunos com o Acordo de Convivência Elaborado pelos Próprios em Sala de Aula





Para tanto, foi abordado o conteúdo paz na sala de aula e construção do acordo de convivência da turma, o que foi feito em dois momentos. No primeiro momento, toda a turma junta refletia, com auxílio de perguntas geradoras, sobre o que era necessário para ser criado um ambiente pacífico em sala de aula. No segundo momento, a turma elaborava um acordo de convivência para uma sala de aula pacífica. Esse acordo era construído pelos próprios alunos a partir de palavras que eles citavam como ações importantes para a paz na sala de aula². Essas palavras foram registradas em um cartaz que ficou exposto na sala de aula de cada turma. Na Figura 8 colocamos os cartazes produzidos pelos alunos das turmas do 6º ano do contexto. Vejamos.

Resultados

A intervenção realizada com os alunos das turmas do 6º ano foi a mais complexa e a que durou mais tempo, tendo em vista que esse era o público-alvo direto da investigação/intervenção ora relatada. Por outro lado, também era importante que a investigação dos resultados obtidos, com as sessões acima descritas, fosse mais detalhada para podermos perceber o impacto que as atividades realizadas provocaram nos alunos.

Foram realizados dois inquéritos por questionário: o primeiro (ver Apêndice 13, p.116), ao fim das duas primeiras sessões, e, o segundo (ver Apêndice 16, p.119), ao fim da terceira, que, propositadamente, levou um tempo para acontecer. Para melhor estudar os dados obtidos, iremos analisar cada questionário por vez. Quanto ao primeiro, que se encontra na Tabela 5, chamamos de

² Atividade adaptada de Nunes, A. O. (2011). *Como restaurar a paz nas escolas: um guia para educadores*. Contexto. p. 69

questionário avaliação turmas 1, percebemos, nas respostas dos alunos, uma grande receptividade às atividades propostas. Analisemos as informações apresentadas na Tabela 5:

Tabela 5

Avaliação Turmas 1

Percepções dos alunos	Sim	Não	Não sei	Sem resp
1) As sessões contribuíram para a compreensão da dinâmica do conflito	128	4	21	0
2) Conseguiu perceber como e o que fazer para evitar o conflito	147	1	4	1
3) Conseguiu perceber como fazer para tratar o conflito de forma construtiva	128	4	21	0
4) Conseguiu perceber como fazer para solucionar o conflito	133	4	16	0
5) Conseguiu perceber a importância do bom convívio na escola	134	3	15	1
6) Percebeu que pode recorrer à mediadora para ajudar-lhe a encontrar soluções para o seu problema na escola	132	5	15	1
7) Conseguiu entender como pode contribuir para o bom convívio escolar	139	3	11	0
8) Achou o tema abordado nas sessões importante	141	3	10	1

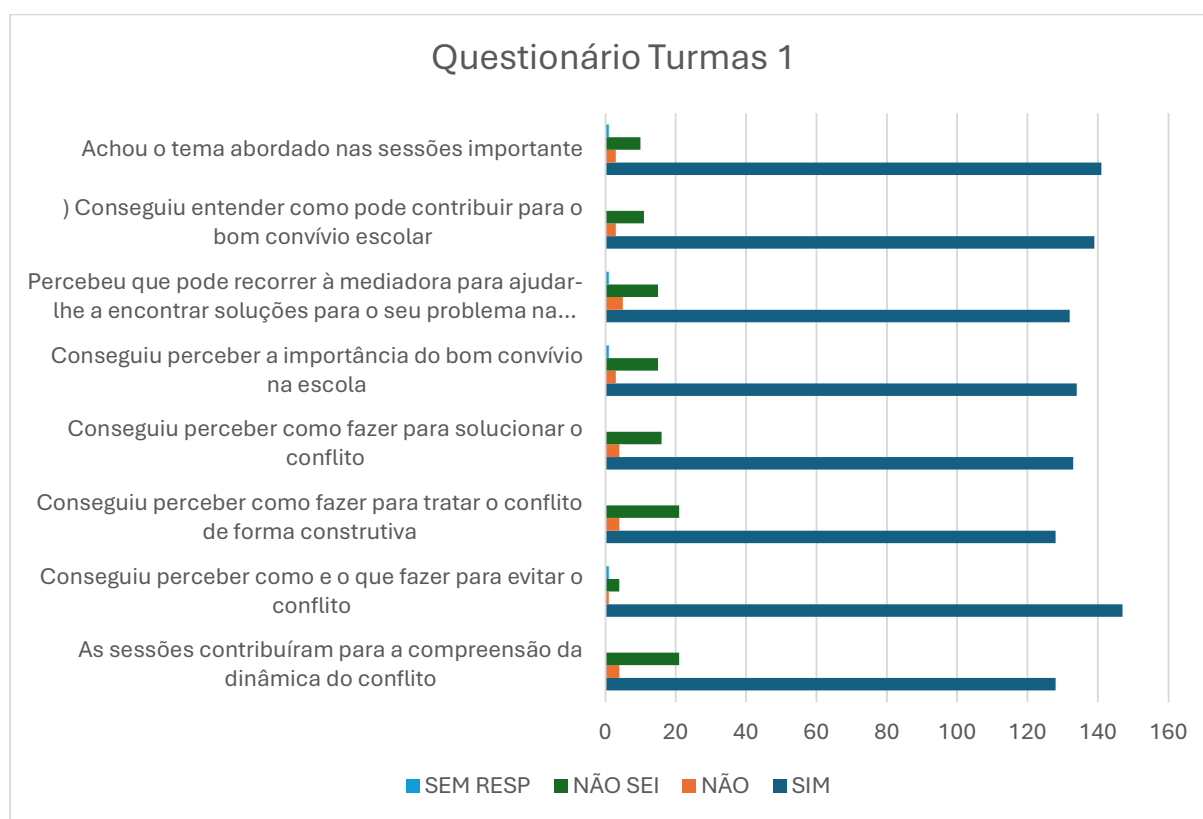
Interpretamos, pela grande quantidade de respostas afirmativas, que a grande maioria dos alunos conseguiu apreender os ensinamentos trabalhados nas ações e, também, os que foram construídos por eles próprios. Alguns, poucos, realmente não lograram êxito e, outra quantidade maior, não soube o que responder nas perguntas. Recordemos que nas turmas existiam grupos de alunos estrangeiros que totalizavam um número expressivo, quando contabilizávamos todas as turmas e, realmente, muitos deles não entendiam ainda o português, nem na forma escrita, nem na forma falada. Então, certamente, uma grande parte das respostas, marcadas como “não sei”, foram escolhidas por

esses alunos, que tiveram a ajuda das professoras na hora de responder aos questionários, assim como as que não estavam respondidas.

Representamos no Gráfico 8 as respostas apresentadas na Tabela 5 para que possamos ter uma melhor visualização dos resultados. Após a análise do mesmo, percebemos que a a quantidade de respostas “sim” foi em quantidade expressivelmente superior às respostas “não” e “não sei”. Vejamos o Gráfico 8:

Gráfico 8

Avaliação Turmas 1

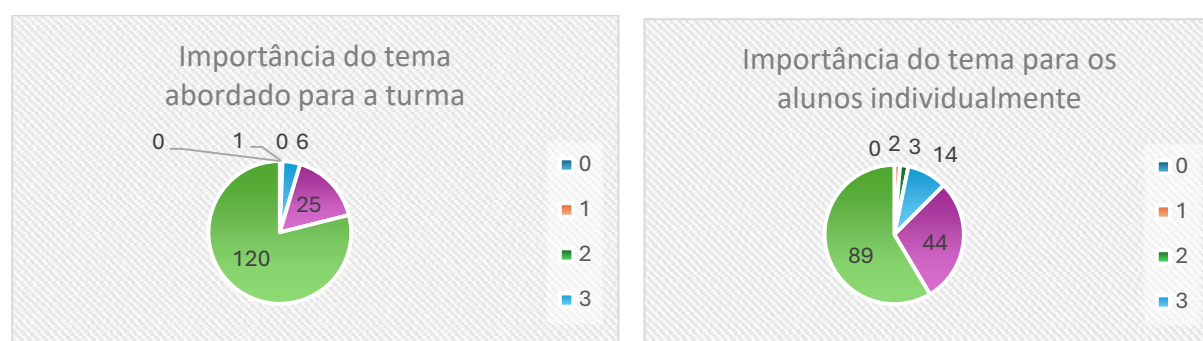


Quanto ao segundo questionário, o qual chamamos Avaliação turmas 2, optamos por fazer a exploração por meio da análise de classificação para proporcionar aos alunos outra forma de avaliação. Destaque-se que 153 alunos responderam ao primeiro questionário e 152 alunos responderam ao segundo questionário. Essa diferença de 1 aluno aconteceu devido à ausência no dia que o questionário foi aplicado. A Tabela 6 mostra as respostas fornecidas pelos alunos de todas as turmas do 6º ano da escola:

Tabela 6*Avaliação Turmas 2*

Percepções dos Alunos	0	1	2	3	4	5
O assunto abordado na sessão é importante para o aluno	0	2	3	14	44	89
O assunto abordado na sessão é importante para a turma	0	1	0	6	25	120
A elaboração do acordo de convivência foi importante	1	1	1	21	48	80
O aluno pretende cumprir o acordo de convivência construído com seus colegas de turma durante a sessão	0	1	3	15	39	94

Percebemos uma grande variedade nas escolhas dentre as opções existentes na escala proposta no questionário, mas é muito satisfatório perceber que houve pouquíssimas respostas 0, 1 e 2, o que representa que os alunos ficaram bastante satisfeitos com a sessão realizada. A partir deste ponto iremos analisar, com o auxílio dos gráficos, cada item do questionário. O Gráfico 9 ilustra a proporção das pontuações indicadas no que diz respeito à importância da sessão para a turma e para o próprio aluno. Vejamos.

Gráfico 9*Importância do Tema Abordado para os Alunos e para a Turma*

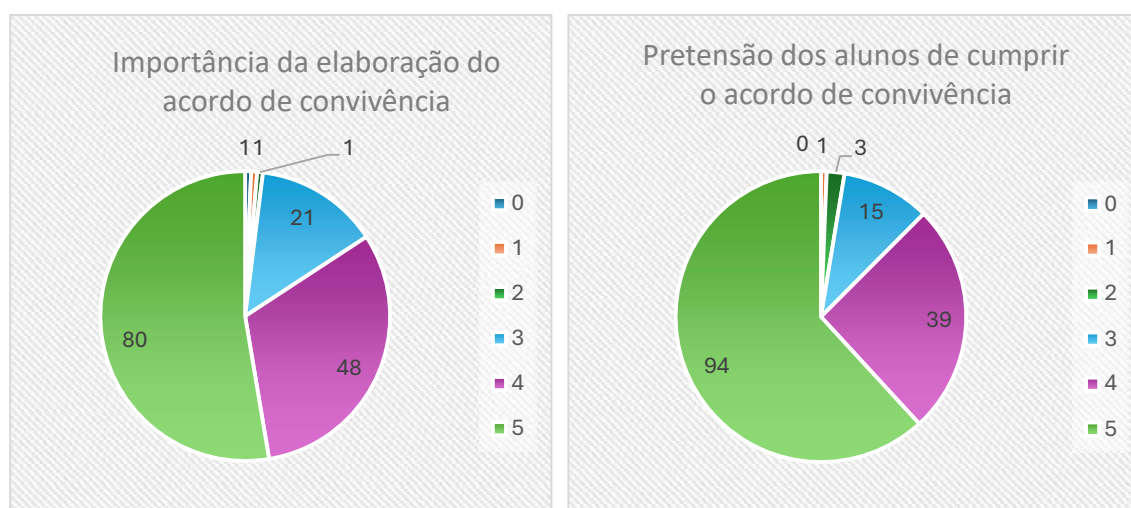
Notamos, pela escala optada, que os temas abordados nas sessões eram realmente importantes para 89 alunos. No entanto, consideramos alta a quantidade de alunos que escolheram as posições 3 e

4, demonstrando que o assunto não era tão importante assim. Talvez essas repostas se devam à dificuldade individual de compreensão. No entanto, quando a mesma pergunta é feita sobre a turma, a quantidade de registros na opção alta foi bem maior. Esse achado é muito interessante, uma vez que se observa a mudança de valor que os alunos possuem quando pensam nos mesmos temas, só que direcionados ao grupo.

O Gráfico 10 ilustra as respostas sobre a importância da elaboração do acordo de convivência e a pretensão de cumpri-lo. É o que vemos abaixo:

Gráfico 10

Importância da Elaboração do Acordo de Convivência e a Pretensão de Cumpri-Lo



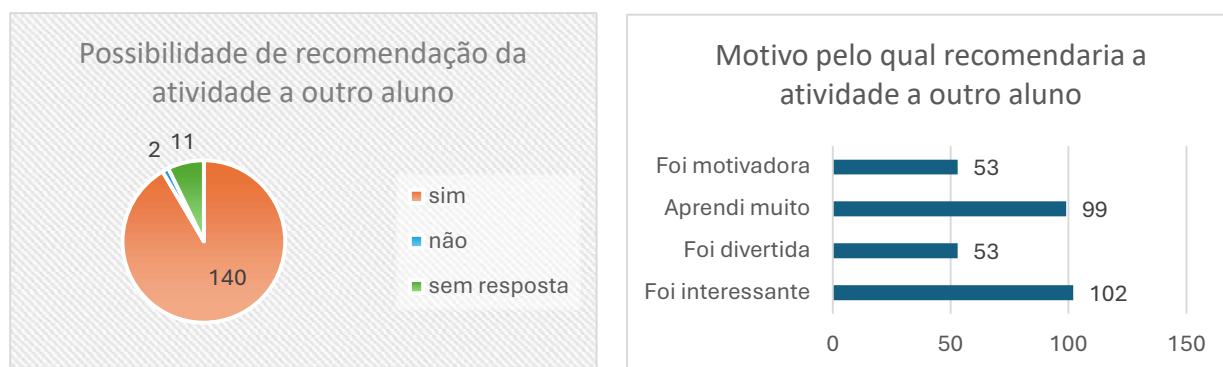
Para nossa surpresa, ao serem questionados sobre a importância do acordo de convivência construído na última sessão, apenas 80 alunos escolheram a maior pontuação possível, mas 48 escolheram a segunda melhor, o que diminui a preocupação no sentido da valorização que os alunos das turmas do 6º ano têm em manter um clima pacífico em sala de aula. Apesar da surpresa anterior, esse novo gráfico nos mostra que a imensa maioria dos alunos pretende cumprir o acordo elaborado, tendo 94 alunos escolhido a pontuação 5 e 39 escolhido a pontuação 4. Essas respostas nos dão esperanças de que os alunos consigam manter o clima de paz em sala de aula e a convivência saudável entre eles.

O Gráfico 11 colaciona dois gráficos que, inclusive, são de diferentes tipos. Para o primeiro foi escolhido o gráfico de setores, porque precisávamos perceber a diferença do número de respostas “sim” para a quantidade de respostas “não” e esse é o tipo de gráfico mais favorável para esse intuito. O segundo traz o gráfico de barras por nos interessa perceber a quantidade de respostas para cada quesito

disponível, uma vez que a pergunta/item não era de múltipla escolha e os alunos poderiam escolher mais de uma resposta e, até mesmo, todas as que estavam disponíveis. Logo, o Gráfico 11 ilustra a possibilidade de recomendação da atividade para outro aluno, bem como o motivo pelo qual faria a recomendação. Analisemos a seguir:

Gráfico 11

Recomendação da Atividade



Destaque-se que ao serem perguntados se recomendariam a participação na atividade, apenas dois alunos responderam que “não”, o que é um número irrisório perante a quantidade total de alunos inquiridos, qual seja, 152 alunos. Esse dado revela-nos que a maioria dos alunos, de alguma forma, considerou positivamente a atividade. É importante registrar que a última pergunta, que era de múltipla escolha, podia ter mais de uma resposta. Assim sendo, inferimos que a sessão realizada foi agradável e que eles aprenderam bastante com a mesma.

Diante de todo o exposto, pensamos que a atividade alcançou grande parte dos alunos com os quais trabalhamos, o que nos leva a crer que os objetivos da intervenção proposta foram, de forma muito significativa, alcançados.

5.2.6 Círculo de construção de paz com a equipe do GAAF

O Círculo de Construção de Paz direcionado para a equipe do Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família (GAAF), a princípio, não integrava o rol de atividades sugeridas para a etapa de intervenção. A ideia de realizá-lo veio por uma demanda de algumas pessoas que compunham a equipe do GAAF e que não conseguiram estar presentes no Círculo de Construção de Paz realizado para as Diretoras de Turma do 6º ano. Essas profissionais pediram outra oportunidade de participar desta metodologia durante o

desenvolvimento do projeto na escola, após escutarem a partilha sobre a experiência que as psicólogas, que puderam participar, fizeram. A solução encontrada para suprir essa necessidade da equipa do GAAF foi realizar um círculo de celebração para encerrar a fase da intervenção presencial do projeto. O círculo de construção de paz com a temática da celebração foi construído de forma a que fosse a atividade de fechamento a ser realizada quando fosse finalizada a intervenção nas turmas do 6º ano, que foram as últimas ações presenciais realizadas.

A atividade foi proposta para acontecer no fim das intervenções presenciais, que coincidem com o término das atividades realizadas com as turmas do 6º ano. Teve como destinatários a equipa do GAAF, uma vez que foram as pessoas que mais tiveram contato com o desenvolvimento do Projeto, acompanhando a evolução das atividades planejada.

Ação: Círculo de Construção de Paz com profissionais da Equipa do GAAF

Sabemos que o círculo de construção de paz é uma prática circular de diálogo estruturada. É um método estruturado de forma a organizar a comunicação entre os participantes, com objetivos como construir relacionamentos, para que seja tomada uma decisão por um grupo ou para resolver conflitos de forma eficiente e construtiva (Boyes-Watson & Pranis, 2010).

A pretensão era que a realização do círculo de construção de paz proporcionasse um momento de fechamento, conforme intencionado, ou seja, com a análise do impacto do projeto, tanto para a escola quanto para o GAAF, mas também proporcionando um momento desejado de celebração do encerramento das atividades presenciais no contexto. Por isso, se propôs um círculo de construção de paz não conflitivo, qual seja, círculo de celebração, o qual foi pensando e formatado com o intuito de promover conexão e de fortalecer relacionamentos na equipa, bem como de celebrar o momento de término já referido anteriormente. Os objetivos contemplados foram: intensificar a conexão entre os membros da equipa, fortalecer o vínculo entre eles, perceber os impactos do projeto, “Ser, conectar e aprender: um caminho guiado pela mediação escolar para a promoção do sucesso educativo a partir de uma cultura de paz”, na escola até então, atestar os benefícios sentidos pelo GAAF com a execução do projeto e celebrar o término de uma etapa do desenvolvimento do projeto. A Figura 9 exibe a preparação do Círculo de Construção de Paz direcionado à Equipe do GAAF. Podemos ver na primeira imagem o Círculo já montado para receber os participantes e na segunda o centro do círculo destacado onde podemos observar os elementos escolhidos para compor o mesmo:

Figura 9

Preparação do Círculo de Construção de Paz Direcionado para a Equipe do GAAF



Foram abordados os seguintes temas no círculo: conexão de equipe de trabalho, fortalecimento de relacionamento, fortalecimento do sentimento de objetivo compartilhado com a equipe, celebração e, por fim, o projeto. Essa intervenção foi dirigida à equipe de profissionais que compunham o Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família, naquele momento, incluindo os estagiários. Aconteceu no final de fevereiro e teve a duração de 120 minutos. Na Figura 10 podemos observar o preparo de uma das etapas do Círculo planejado:

Figura 10

Preparação de Uma das Etapas do Círculo de Construção de Paz Direcionado Para a Equipe do GAAF



Foi confeccionado o Planejamento do Círculo de Construção de Paz direcionado à equipe do GAAF (ver Apêndice 17, p.120). Ressalte-se que esse planejamento é próprio da metodologia e sempre

é feito quando o facilitador se prepara para facilitar um Círculo de Construção de Paz, no entanto, apesar de haver um planejamento, não há rigidez na condução do círculo. O facilitador pode adaptar o que fora planejado às necessidades que se apresentam no momento. Na Figura 11 podemos ver a foto de um dos momentos do Círculo ora relatado:

Figura 11

Momento do Círculo de Construção de Paz com a Equipe do GAAF



Resultados

Para realizar a avaliação da intervenção ora apresentada recorreremos novamente ao inquérito por questionário (ver Apêndice 18, p.123), que foi respondido pelas participantes do círculo de construção de paz ao término do nosso encontro. Na Tabela 7 podemos visualizar as respostas fornecidas no questionário, as quais foram contabilizadas:

Tabela 7

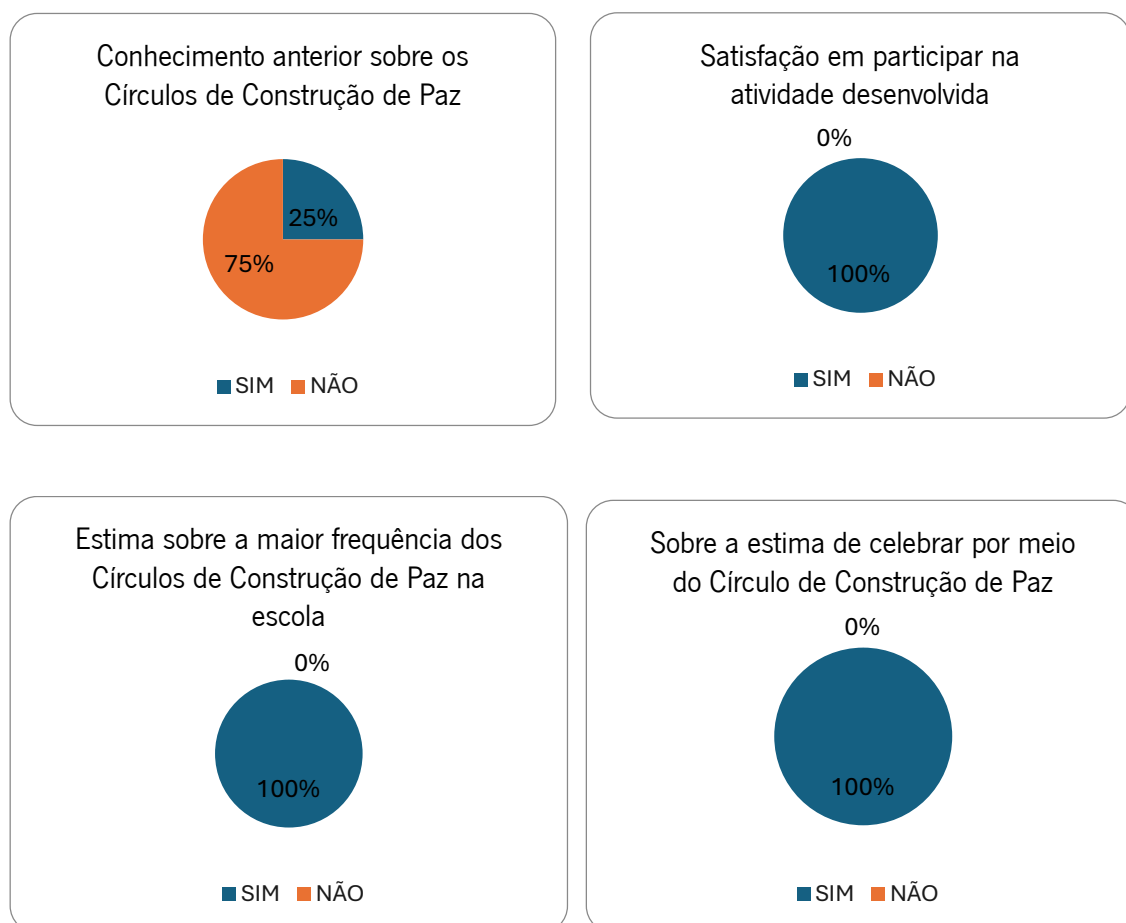
Percepções da Equipe do GAAF

Percepções	Sim	Não
1) Conhecimento anterior sobre os Círculos de Construção de Paz	2	6
2) Satisfação de participar da atividade desenvolvida	8	0
3) Desejo de que a atividade aconteça com maior frequência na escola	8	0
4) A profissional da equipe do GAAF apreciou o Círculo de Construção de Paz como uma forma de celebração	8	0

Percebe-se que, com exceção da primeira pergunta, que procura saber se as pessoas que participaram da intervenção já conheciam a metodologia utilizada, todas as outras perguntas foram respondidas de forma positiva. Ao analisar o último item, atestamos que o objetivo de celebração foi atingido. Quanto à intenção de utilizar o círculo de construção de paz promovido para avaliar o impacto do projeto na escola e no GAAF, podemos considerar, pelas informações alcançadas durante o diálogo, que o desenvolvimento do projeto foi muito positivo, tanto para o contexto quanto para o GAAF que se viu mais “desafogado”, no que diz respeito aos conflitos escolares que normalmente aconteciam. Ao analisar a última pergunta, atestamos que o objetivo de celebração foi atingido. O Gráfico 12 reúne gráficos correspondentes a cada item do questionário. Assim foi feito para uma melhor percepção dos resultados. Vejamos:

Gráfico 12

Percepções da Equipe do GAAF



A partir da análise do Gráfico 12, percebemos que, com exceção do primeiro item que tem caráter exploratório, todos os outros tiveram como resposta o sim, por unanimidade, ou seja, todos os participantes gostaram da atividade, gostariam que a mesma acontecesse mais vezes na escola e gostaram do Círculo Como uma forma de celebração.

Além disso, no diário de bordo que registra as impressões desta intervenção (ver Apêndice 19, p.124), encontramos anotações que fortalecem os achados percebidos por meio da análise do gráfico. Abaixo transcrevemos alguns fragmentos do Diário de Bordo para uma melhor visualização:

- Pretendia-se que o Círculo fosse de celebração pelo fim das atividades presenciais no contexto. Deu muito certo, pois todas trouxeram os pontos positivos do projeto na escola.
- Também, pela fala do Grupo, pude notar que o projeto fez diferença na escola quanto à diminuição dos conflitos entre alunos, alunos e professores e indisciplinas.
- As participantes do círculo também afirmaram sobre o quanto o GAAF ficou desafogado durante o desenvolvimento do Projeto, pois o Gabinete não estava mais precisando atuar na linha de frente.

Assim, diante do exposto, concluímos que os objetivos da intervenção realizada foram explorados de forma significativa e a mesma alcançou o sucesso esperado.

5.2.7 Ação de curta duração para professores e professoras

Os professores e as professoras são os atores da comunidade escolar que estão diariamente com os alunos, sendo os responsáveis diretos pela construção do saber das crianças e dos adolescentes. São os profissionais que estão mais próximos dos alunos e, por isso, os mais indicados para perceber quando algo está correndo mal com algum deles ou com a turma como um todo. São os professores e as professoras, também, que mais lidam com os atos de indisciplina na escola, uma vez que são os profissionais que atuam em sala de aula e passam mais tempo com os alunos, sendo responsáveis pela contenção de distúrbios de comportamento, conflitos e violências. Percebeu-se, então, a necessidade de aparelhar os professores com técnicas de comunicação e técnicas próprias da mediação escolar, de forma que esses profissionais tivessem ferramentas para lidar com os atos de indisciplina e com os conflitos que ocorrem diariamente na escola, inclusive, durante suas aulas.

A formação proposta visava ressaltar, para os professores, a importância dos temas abordados, assim como sensibilizá-los para a prevenção, gestão e resolução de conflitos escolares através da mediação e de técnicas de comunicação.

Ação: Workshop para professores sobre conflito e mediação escolar com foco na comunicação não-violenta

Diante da necessidade constatada, de que os professores e professoras tivessem ferramentas para lidar com os atos de indisciplina e com os conflitos que ocorrem diariamente na escola, foi que se pensou em um workshop dirigido a esses profissionais. Pretendia-se com esta intervenção que os professores conhecessem mais sobre o conflito e aprendessem tanto técnicas de comunicação como técnicas próprias da mediação escolar. Para isso, os temas pensados para serem abordados foram: conflito, comunicação não-violenta, mediação de conflitos, mediação escolar e Gabinete de Mediação na escola. Esses temas seriam abordados com os seguintes objetivos: sensibilizar os professores sobre a importância da prevenção e gestão do conflito escolar, desenvolver competências comunicacionais, informar sobre a mediação escolar e, por fim, difundir o papel do Gabinete de Mediação da escola. Pretendia-se que as sessões fossem realizadas virtualmente e que a ação tivesse ao todo a duração de 180 minutos, que seriam divididos igualmente em dois dias diferentes.

Ocorre que, após apresentada a proposta para a escola, surgiu a possibilidade de realizar o workshop no formato de Ação de Curta Duração, o que, inclusive, seria uma forma de conseguir maior adesão dos professores, que se sentem mais estimulados a participar de qualquer formação quando essa lhe proporciona um certificado que lhe atribui horas de formação no seu currículo. O setor responsável do contexto teve uma ótima receptividade à ideia, que passou então a ser trabalhada pela mediadora estagiária, que precisou adequar a proposta inicial às exigências protocolares do formato de ação de curta duração, tendo em vista que é necessário todo um trâmite para a aprovação da formação pelo Centro de Formação responsável pelo agrupamento.

Para este processo, foi necessário bastante tempo, tendo em vista que a estagiária mediadora precisou conhecer todo o processo e providenciar os documentos exigidos para a proposição do Workshop, o que é definido pelo Centro de Formação. Para nossa infelicidade, quando o material necessário estava finalizado, o calendário escolar não nos permitia mais propor a Ação de Curta Duração planejada, o que acarretou alguma frustração durante o desenvolvimento do Projeto. No entanto, apesar de não ter se concretizado e por isso não termos resultados, neste âmbito, para analisar, uma vez que a proposta ficou preparada e foi manifestado interesse em realizá-la, a mesma pode vir a se tornar realidade em um futuro próximo.

5.3 Avaliação Global

Uma vez que todas as intervenções haviam sido realizadas, com exceção da ação de curta duração para os professores, que ficou sem efeito para aquele tempo, é importante refletir em torno dos impactos que o desenvolvimento do projeto teve para os participantes do estudo, bem como os resultados das intervenções efetivadas, de acordo com os objetivos elencados inicialmente. Para isso, foi elaborado um questionário dirigido às Diretoras de Turma das turmas do 6º ano. Optou-se por direcionar a avaliação global para as Diretoras de Turma porque estas profissionais são as pessoas responsáveis por cada turma que participou das intervenções e, por isso, as maiores conhecedoras dos alunos e das dinâmicas dos grupos em sala de aula. Passados alguns meses do fim das intervenções, pedimos que cada Diretora de Turma que respondesse a um questionário (ver Apêndice 20, p.125) para que pudéssemos avaliar o resultado do impacto da intervenção pelo projeto. Os resultados são apresentados na Tabela 8:

Tabela 8

Avaliação Global Sobre o Impacto do Projeto – Percepções das Diretoras de Turma

Percepções	Sim	Não	Pontuação
1. Consideração da Diretora de Turma quanto à disciplina da sua turma em uma escala de 0 a 5, sendo 0 o grau mínimo e 5 o grau máximo	-	-	4 (8 respostas)
2. Percepção da Diretora de Turma quanto à melhoria dos alunos, no que diz respeito à disciplina, do início do ano letivo para a atualidade	7	1	-
3. Consideração da Diretora de Turma quanto à conflituosidade da sua turma em uma escala de 0 a 5, sendo 0 o grau mínimo e 5 o grau máximo	-	-	4 (3respostas) 3 (3 respostas) 1 (1 resposta) 2 (1 resposta)
4. Percepção da Diretora de Turma quanto à melhoria dos alunos, no que diz respeito à conflituosidade, do início do ano letivo para a atualidade	7	1	-

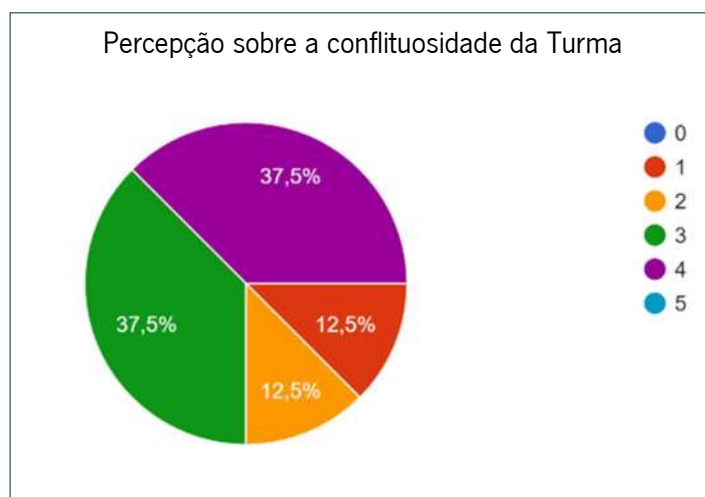
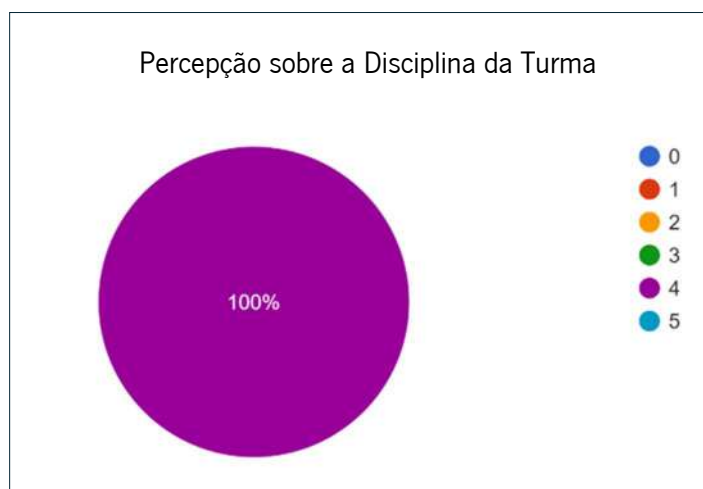
5. Perceção da Diretora de Turma quanto à mudança de comportamento dos alunos, após os três encontros realizados no contexto do Projeto	6	2	-
6. Perceção da Diretora de Turma quanto à melhoria no clima escolar em sala de aula, após os três encontros realizados no contexto do Projeto	6	2	-
7. Perceção da Diretora de Turma quanto à melhoria no que diz respeito ao sucesso educativo dos alunos, tendo em consideração o sucesso educativo de forma abrangente (auto-regulação, habilidades sociais/relacional e resultados escolares)?	7	1	-
8. Perceção das Diretoras de Turma sobre a promoção de benefícios para os alunos e alunas da sua turma, por meio das intervenções realizadas no âmbito do projeto (mediações, escuta empática, encontros em sala de aula, etc)	7	1	-

A partir da análise da Tabela 8, podemos perceber que o desenvolvimento do Projeto como um todo, ou seja, tanto as atividades promovidas para os alunos quanto as ações realizadas com os outros atores da comunidade escolar, geraram um resultado satisfatório. De facto, se atentarmos para o facto que, ao todo, eram oito turma do 6º ano e apenas em uma ou duas turmas não houve melhoria ou mudança positiva, percebemos que o projeto logrou êxito, impactando positivamente o contexto. Analisaremos agora, com o auxílio dos gráficos, ponto a ponto dos dados coletados a partir do inquérito realizado.

Observemos, primeiramente, o Gráfico 13, que traz a percepção das Diretoras de Turma sobre a disciplina e a conflituosidade de sua turma. Vejamos:

Gráfico 13

Disciplina e Conflituosidade da Turma

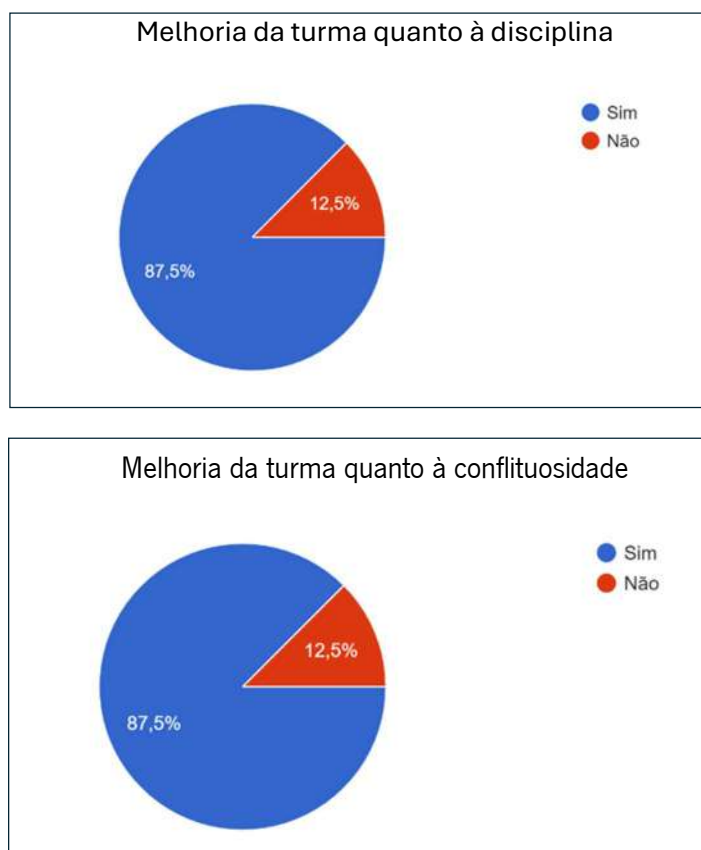


A primeira pergunta foi feita para podermos ter um padrão individual de avaliação. No entanto, a partir da análise do Gráfico 13, percebemos que as próprias respostas fornecidas homogeneizaram todas as turmas no mesmo patamar. Contudo, as respostas fornecidas na segunda pergunta já revelam uma maior diversidade quanto ao grau de conflituosidade das turmas, revelando haver diferenças entre elas.

Sobre a melhoria da disciplina dos alunos, interpretamos que houve quase total de aproveitamento quanto ao que foi proposto. Esse dado nos mostra que, nesse aspecto, o projeto gerou um resultado bastante satisfatório. É o que podemos perceber a partir da análise do Gráfico 14. Vejamos:

Gráfico 14

Melhoria da Disciplina e Conflituosidade da Turma

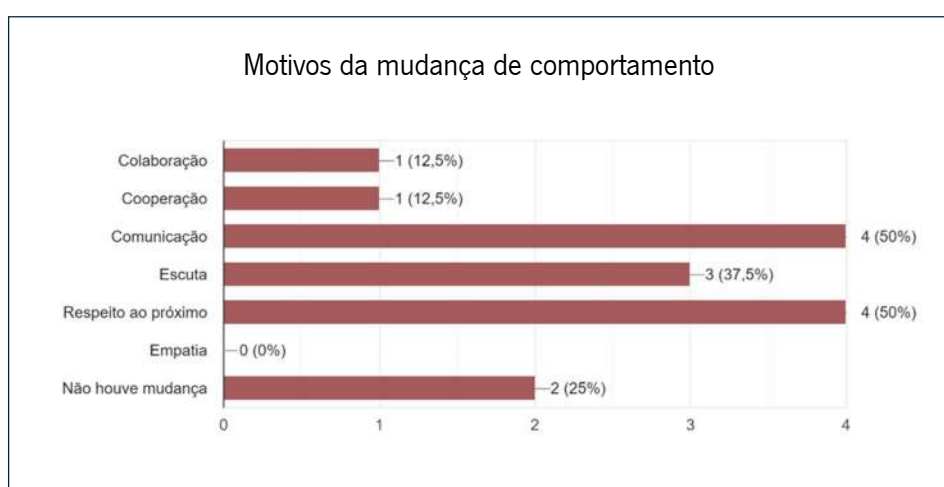
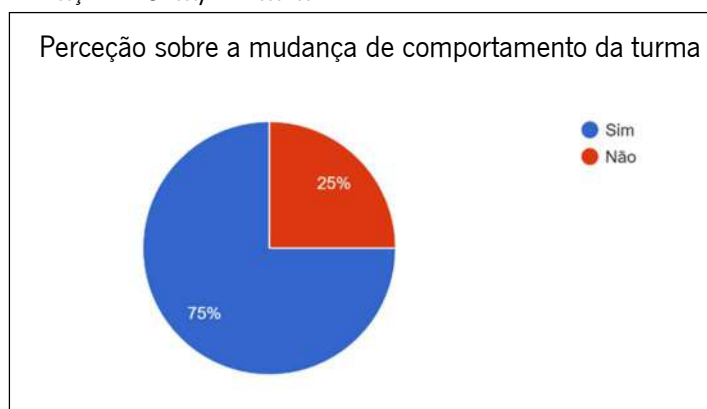


Quanto à conflituosidade do grupo, segundo o Gráfico 14, também tivemos muito bom resultado, tendo em vista que, com exceção de uma turma, todas melhoram em relação ao acontecimento de conflitos.

O Gráfico 15 colaciona dois tipos de gráficos. O primeiro, organizado em gráfico de setores, nos revela a proporção de alunos que, segundo a percepção das Diretoras de Turma, apresentaram alguma ou nenhuma mudança de comportamento. O segundo, que é um gráfico de barras, nos mostra a avaliação sobre quais os motivos que foram responsáveis por estas mudanças, se elas tiverem ocorrido. Analisemos o Gráfico 15:

Gráfico 15

Mudança de Comportamento



No que diz respeito à mudança de comportamento dos alunos, houve uma diferença maior: em duas turmas não se notou mudança de comportamento dos alunos. No entanto, é de notar que, se houve alguma mudança de comportamento sutil, que não foi percebida, tendo em vista a melhoria quanto à disciplina e a conflituosidade percebida e demonstrada nos gráficos anteriores. Naquelas turmas onde foi notada a mudança de comportamento, a comunicação e o respeito ao próximo foram os aspectos que mais se destacaram. Em seguida foi a escuta. A colaboração e a cooperação também foram percebidas. Contudo, para nossa surpresa, a empatia, que foi bastante trabalhada, não entrou no rol de mudanças comportamentais vistas, talvez por ser mais difícil de ser exercitada.

O Gráfico 16 ilustra a percepção que as Diretoras de Turma tiveram a respeito do clima escolar em sala de aula após as intervenções realizadas, se houve ou não alguma melhoria nesta característica da turma. Vejamos.

Gráfico 16

Clima Escolar



Quanto ao clima escolar, a partir da análise do Gráfico 16, percebemos também um resultado satisfatório, uma vez que, das oito turmas trabalhadas, sete apresentaram melhoria no que diz respeito ao clima escolar em sala de aula. Os dados apresentados até então são bem coerentes, pois mostram números que fazem sentido quando levamos em conta que a melhora do comportamento, da conflituosidade e disciplina têm como consequência natural a melhoria do clima escolar.

O Gráfico 17 ilustra a percepção das Diretoras de Turma sobre a possibilidade de as intervenções realizadas durante o desenvolvimento do projeto terem promovido benefícios para os alunos e para as alunas do 6º ano do contexto. Vejamos as informações que o Gráfico 17 nos apresenta.

Gráfico 17

Benefícios das Intervenções para os Alunos

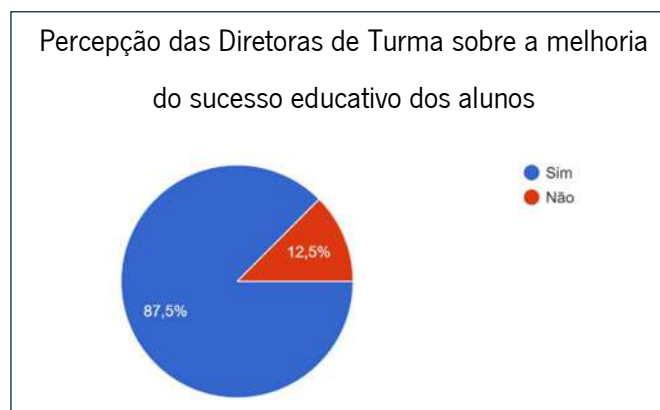


A partir da análise do Gráfico 17, concluímos que as Diretoras de Turma acreditam que as intervenções realizadas contribuíram para as mudanças notadas no alunos e avaliadas nos quesitos anteriores do questionário, o que nos faz concluir que o projeto, através das atividades desenvolvidas, realmente contribuiu para a melhoria do clima escolar nas salas de aula. Logo, pelas respostas apresentadas, podemos, positivamente, anuir que o projeto gerou um impacto significativo nos alunos, público-alvo do mesmo.

A pergunta de número 7 do questionário, a qual o Gráfico 18 corresponde, nos fornece a informação que faltava para percebermos se foi respondida a problemática da investigação/intervenção. Analisemos o Gráfico 18 para entender melhor essa afirmação.

Gráfico 18

Sucesso Educativo



O Gráfico 18 nos mostra que sete das oito turmas do 6º ano com a qual trabalhamos apresentaram melhoria no que diz respeito ao sucesso educativo dos alunos, o que, juntamente com as outras descobertas apresentadas acima, respondem às perguntas da problemática levantada: 1) O impacto da mediação escolar é bastante positivo, pois contribuiu para a redução da conflituosidade dos alunos, consequentemente, para a prevenção, gestão e resolução de conflitos na escola; 2) A mediação proporciona um bom clima escolar, o que contribui para o sucesso educativo dos alunos.

Por fim, fizemos a seguinte pergunta para as Diretoras de Turma: “A Diretora de Turma deseja acrescentar algum comentário sobre o trabalho desenvolvido no âmbito do Projeto “Ser, Conectar e Aprender: uma trajetória guiada pela mediação escolar para a promoção do sucesso educativo a partir de uma cultura de paz?”, ao passo que recebemos as seguintes respostas:

- 1) A turma em questão tem alunos que, infelizmente, nestes dois anos pouco progrediram no âmbito do respeito pelo outro, pelas regras estabelecidas, do saber estar e das competências sociais. Os restantes fizeram um percurso de evolução dentro das atitudes/comportamentos típicos da idade.*
- 2) Este projeto teria mais impacto se fosse desenvolvido ao longo de todo o ano letivo, ou se fossem desenvolvidas mais sessões.*
- 3) Este trabalho deveria ser com pelo menos uma sessão por mês. Penso que nestas idades tem que haver um relembrar constante de como devemos agir e de como devemos reagir quando temos qualquer conflito.*
- 4) O Projeto é bastante útil e pode contribuir para a melhoria das relações entre os alunos, mas precisava de ser implementado mais cedo.*
- 5) Não, acho que o projeto teve muito sucesso.*
- 6) Acho que a turma veio melhorando ao longo do projeto.*

Podemos depreender, a partir dos comentários transcritos acima, que as Diretoras de Turma acharam muito válido o projeto, além de bastante útil, e que o mesmo contribuiu para a evolução do “ser, estar e aprender” dos alunos. Também percebemos o desejo da continuidade do projeto que, inclusive, segundo, uma das Diretoras de Turma, deveria ser implementando desde cedo na escola. As Diretoras de Turma, no geral, ficaram satisfeitas com o que foi desenvolvido e construído ao longo da investigação/intervenção realizada o que nos deixou com sensação de dever cumprido.

Cumpre-nos registrar que, em toda a trajetória da investigação/intervenção, recorremos ao arcabouço reunido e registrado no referencial teórico do relatório. A intenção era a realização de uma investigação/intervenção responsável e dotada de credibilidade científica. Por isso, se faz necessário alguns destaques nesse sentido. O trabalho realizado durante o projeto teve como fundamento os ensinamentos de Lederach (2012) sobre a transformação do conflito e a potencialidade do mesmo, quando visto positivamente e trabalhado construtivamente. Para o planejamento das intervenções, recorremos aos ensinamentos de Crispino (2007), do qual absorvemos as especificidades do conflito escolar, e os ensinamentos de Torremorell (2021), com quem aprendemos sobre o trabalho preventivo e resolutivo de conflitos, que é possível ser feito através da mediação escolar, não esquecendo o que Elisabete Pinto da Costa ensina sobre o benefício da mediação na melhora da qualidade de vida nas escolas, bem como no ensino-aprendizagem. Com Jares (2002) conseguimos entender a contribuição da mediação escolar para a construção/fortalecimento da cultura de paz em um contexto educativo e a necessidade de que a mediação aconteça de forma contínua e permanente, tendo em vista ser a

mediação escolar também um processo educativo. Galdino (2020) nos chamou a atenção para a necessidade da intervenção ser realizada em rede. Por fim, Silva (2010) revela-nos que os programas de mediação nos contextos educativos vão além da prevenção e resolução de conflitos, contribuindo, através do seu carácter formador, com a educação para a responsabilidade, para a cidadania e para a paz.

Capítulo VI - Considerações finais

O presente relatório trouxe todo o histórico da investigação/intervenção relativa ao Projeto “Ser, conectar e aprender: uma trajetória guiada pela mediação escolar para o sucesso educativo a partir de uma cultura de paz”. Descrevemos como foi desenvolvida a investigação até encontrarmos os achados que nos direcionaram a realização da intervenção, de forma que pudessemos suprir as necessidades verificadas no contexto. Discorremos sobre o público-alvo e as atividades desenvolvidas na intervenção, perpassando pela investigação sobre os resultados produzidos, para então perceber se os objetivos planejados a partir da problemática estabelecida no início haviam sido alcançados.

O percurso foi árduo e minucioso, por vezes desafiador, devido à intenção de realizar um trabalho sistêmico com o público-alvo eleito, para que pudessemos aumentar as chances de resultados positivos e duradouros. Percebemos, após a conclusão do projeto, que o esforço valeu a pena, uma vez que conseguimos realizar a intervenção de forma abrangente como se pretendia, com exceção da intervenção direcionada para os professores, uma vez que ficamos impossibilitados de concretizá-la, por conta do calendário escolar. Apesar de esse fato ter gerado bastante angústia para a mediadora estagiária, não acreditamos que tenha gerado prejuízo para o projeto.

Desde o primeiro dia em que estive na escola, onde a investigação/intervenção teve morada, busquei aproveitar todas as oportunidades para compreender a dinâmica das pessoas que ocupavam aquele espaço e, também, o comportamento dos alunos; primeiro, para desvendar as necessidades do contexto e, segundo, para planejar as atividades que seriam realizadas. Uma vez que as necessidades haviam sido mapeadas e a problemática e o público-alvo haviam sido definidos, busquei conexão com aqueles que iriam participar indiretamente ou diretamente do projeto: assistentes operacionais, diretoras de turma, alunos, professores, psicólogas e assistentes sociais do GAAF. Por isso, passei por vários espaços do contexto e aproveitei cada convite que me fizeram para participar de algum momento na escola, o que foi engrandecedor, não só para a evolução da investigação/intervenção, como também para a formação profissional da mediadora estagiária como mediadora escolar, o que também foi possível pela maneira solidária e acolhedora com a qual os profissionais do contexto receberam a mediadora estagiária em suas dependências físicas.

Quanto à investigação/intervenção em si, consideramos que ela transcorreu sem grandes problemas e que foi bastante satisfatória. Começando pelo mapeamento das necessidades do contexto que gerou resultados que fizeram bastante sentido para a orientadora cooperante e que foram ao encontro do que havia sido percebido anteriormente pelos profissionais da escola. No que diz respeito à

intervenção, o sucesso constatado deve-se ao alcance da finalidade do projeto, bem como ao cumprimento de vários objetivos delineados no mesmo. Concluímos esse fato através dos inquéritos realizados após as intervenções, bem como através da avaliação global, que foi respondida pelas Diretoras de Turma dos alunos, integrantes do público-alvo do projeto.

Percebemos, então, que, apesar de o projeto não ter conseguido alcançar a totalidade dos alunos do 6º ano, o que seria quase impossível diante da diversidade existente, através das intervenções conseguimos que a imensa maioria compreendesse os conceitos apresentados e adotassem comportamentos que estão de acordo com a cultura de paz, o que gerou uma diminuição dos conflitos e indisciplinas, trazendo, como consequência, uma melhora do clima escolar e das relações dentro da escola, culminando na evolução do sucesso educativo dos alunos do 6º ano, que integraram o público-alvo do projeto.

Consideramos que o projeto logrou êxito e pode ser considerado um sucesso, apesar de algumas ressalvas, que podem ser aperfeiçoadas, para o caso de replicação do mesmo como um programa de mediação escolar, conforme se pretendia no início da investigação/intervenção. Uma mudança que poderia ser feita seria a periodicidade das atividades com os alunos, necessidade trazida em uma das falas das Diretoras de Turma, quando inqueridas por questionário para a avaliação global. Dessa forma, seria possível a realização de uma maior variedade de atividades com as turmas de alunos. Por fim, a realização de atividades permanentemente também com os professores, para capacitá-los com técnicas de comunicação e mediação, de forma que pudessem utilizar durante as suas aulas, além de atividades que dessem suporte emocional para os mesmos praticarem a docência de forma saudável. Para o caso de replicação do projeto com a criação de um Programa de Mediação que abrangesse toda a escola, seria necessário ampliar a equipe de profissionais do Gabinete de Mediação, tendo em vista que apenas um ou dois mediadores é pouco para conseguir atender toda a escola.

A realização desse Projeto foi um sonho realizado, que trouxe inúmeros aprendizados reais para a mediadora estagiária, que teve a oportunidade de experienciar como é dedicar-se exclusivamente para o desenvolvimento/fortalecimento da cultura de paz em uma instituição educacional, através da mediação escolar. Perceber a diferença que a mediação pode fazer na vida de crianças e adolescentes, por meio do desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais, habilidades comunicacionais e de resolução de conflitos; por meio do desenvolvimento da cidadania e de atitudes democráticas, dentre outros aprendizados, é fortalecedor para a continuidade do trabalho de prevenção e resolução de conflitos através da mediação. Compreender que o sucesso educativo pode ser mais facilmente alcançado se os alunos e as alunas se sentirem seguros, felizes e pertencentes à escola e que a mediação escolar tem o

condão de tornar isso uma realidade, faz com que o Projeto “Ser, conectar e aprender: uma trajetória guiada pela mediação escolar para a promoção do sucesso educativo a partir de uma cultura de paz” seja uma sementinha a ser plantada mundo afora. Tudo isso nos leva a crer que a investigação/intervenção cumpriu com a missão a que se pretendia, bem como, a mediadora estagiária autora do mesmo.

Referências Bibliográficas

- Almeida, T. (2016). *Caixa de ferramentas na mediação aportes práticos e teóricos*. Dash Mediação.
- Braga Neto, A. (2021). A mediação de conflitos no contexto escolar – Breves reflexões. In A. C. G. da Cruz, Â. M. Soares, & S. C. Felipetto (Orgs.), *Tratado de mediação de conflitos escolares*. Wak Editora.
- Chrispino, Á. (2007). Gestão do conflito escolar: da classificação dos conflitos aos modelos de mediação. *Revista Ensaio: Avaliação E Políticas Públicas Em Educação*, 11–28.
<https://doi.org/10.1590/S0104-40362007000100002>
- Correia, T. (2022). *Laboratório de Emoções*. Oficina do Livro.
- Costa & Almeida, M. M. (Coord.). (2022). *25 anos do Programa TEIP em Portugal*. REDESCOLA - Instituto de Educação da Universidade de Lisboa.
- Costa, E. P. D., Torrego, J. C., & Martins, A. M. de O. (2016). Gabinetes de Mediação de Conflitos: Estruturas de Pacificação, Dinâmicas e Resultados. *Sustentabilidade Da Mediação Social: Processos E Práticas*, 107–118.
- Costa, E. P. da. (2010). *Novos Espaços de Intervenção: A Mediação de Conflitos em Contexto Escola*. 1–12.
https://recil.ensinolusofona.pt/bitstream/10437/8429/1/Media%C3%A7%C3%A3o_Novos_Espa%C3%A7os_De_Interven%C3%A7%C3%A3o_2010.pdf
- Costa, E. P. da , Torrego, J. C., & Martins, A. de O. (2018). Mediação escolar: a análise qualitativa da dimensão interpessoal/ social de um projeto de intervenção numa escola TEIP. *Revista Lusófona de Educação*, 111–126.
<https://recil.ensinolusofona.pt/bitstream/10437/9320/1/Media%C3%A7%C3%A3o%20escolar.pdf>

- Costa, E. P. da, Juan Carlos Torrego Seijo, & Martins, A. de O. (2015). O projeto de mediação de conflitos como dispositivo de melhoria da escola. *Educação, Território E Desenvolvimento Humano. Atas Do I Seminário Internacional, II*, 334–345.
- https://recil.ensinolusofona.pt/jspui/bitstream/10437/8438/2/Projeto_Media%C3%A7%C3%A3o_Escolar_Melhoria_de_Escola.pdf
- Costa, E. P. da, & Santos, J. de A. (2017). Diversidade cultural, convivência, conflito e mediação. *Revista Da UIIPS - Unidade de Investigação Do Instituto Politécnico de Santarém, 5, N.º 4*, 45–46. <http://ojs.ipsantarem.pt/index.php/REVUIIPS>
- Costa, M. E. G. P. da. (2016). *Mediação de Conflitos: Construção de um Projeto de Melhoria de Escola*. <http://hdl.handle.net/10437/7473>
- Cunha, P., & Monteiro, A. P. (2019). *Gestão de Conflitos na Escola*. Pactor.
- Despacho Normativo n.º 20/2012, de 3 de outubro. (2012). Disponível em <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/despacho-normativo/20-2012-1520843>
- Direção-Geral da Educação. (2024, setembro). *Rede de escolas para educação intercultural*. www.dge.mec.pt/rede-de-escolas-para-educacao-intercultural
- Evans, K., & Vaandering, D. (2018). *Justiça Restaurativa na Educação Promover Responsabilidade, Cura e Esperança nas Escolas*. Palas Athenas.
- Galdino, R. de C. A. (2020). Mediação de Conflitos na Escola: Pontos e Contrapontos. *Revista Educação, 15, n.1*, 158–163. <http://dx.doi.org/10.33947/1980-6469-v15n1>
- Jares, X. R. (2008). *Pedagogia da convivência*. Palas Athena.
- Jares, X. R., Fátima Murad, & Pedro, I. (2002). *Educação para a paz: sua teoria e sua prática*. Artmed.
- Jean-Louis Lascoux. (2009). *A prática da mediação um método alternativo de resolução de conflitos*. RAPN.
- Lederach, J. P. (2012). *Transformação de Conflitos*. Palas Athena.

- Maldonado, M. T. (2008). *O bom conflito: Juntos buscaremos a solução* (2. ed.). Integrare Editora.
- Martins, A. M., Reis, D., Araújo, J., Figueiredo, M., Silva, A. M. C. e, & Viana, I. C. (2021). Mediação Transformativa em Contextos Educativos. *Formação, Mediação E Supervisão Desafios, Desigualdades, Emergências E Respostas Em Tempo de COVID-19*, 205–228.
<https://hdl.handle.net/1822/77377>
- Mediação e(m) educação: discursos e práticas. (2011). *Revista Intersaberes. Ano 6. N. 12*, 249–265.
Recuperado de:
<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/15409/1/Media%c3%a7%c3%a3o%20e%28m%29%20Educa%c3%a7%c3%a3o.pdf>
- Moreira, A., Sá, P., & Costa, A. P. (Eds.). (2021). *Reflexões em torno de metodologias de investigação: Métodos (Vol. 1)*. UA Editora. <https://doi.org/10.34624/hmtj-qg49>
- Mullet, J. H., & Amstutz, L. S. (2012). *Disciplina restaurativa para escolas*. Palas Athena.
- Nascimento, D. (2013). *Clube Mediação Transformar Sonhos em Realidade*. Chiado.
- Nascimento, D. M. M. do. (2014). Mediação de Conflitos na Escola Projeto Aplicado na Infância com Integração de Idosos. *Mediação Familiar, Infância, Idoso E Gênero*, 100–115.
- Nunes, A. C. O. (2018). *Diálogos e Práticas Restaurativas nas Escolas Guia Prático para Educadores*. Secretaria de Educação do Estado de São Paulo.
- Paulo Freire. (2014). *Pedagogia da autonomia : saberes necessários à prática educativa*. Paz & Terra.
- Portugal. (2012). Lei n.º 51/2012, de 5 de setembro. *Estatuto do aluno e ética escolar*. Diário da República, 1.ª série, n.º 171, pp. 5103-5119. Disponível em
<https://www.diariodarepublica.pt/legis/2021-01-01/lei-n-51-2012>
- Reis, C. de S. (2021). A importância da mediação escolar como promotora de uma cultura de paz. *J - Jornal Jurídico*, 4, Nº 1, 61–76. <https://doi.org/10.29073/j2.v4i1.348>
- Rosenberg, M. (2019a). *A linguagem da paz em um mundo de conflitos*. Palas Athena Editora.

- Rosenberg, M. (2019b). *Vivendo a comunicação não violenta*. Sextante.
- Rosenberg, M. (2021). *Educação para uma vida mais plena*. Palas Athena.
- Rosenberg, M. B., & Mário Vilela. (2006). *Comunicação não-violenta : técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais*. Ágora.
- Schirch, L., & Kato, D. (2019). *Construção estratégica de paz*. Palas Athena.
- Silva, A. M. C. e, & Munuera, P. (2020). A mediação enquanto ramo do conhecimento e disciplina científica. *Revista Da Federação Nacional de Mediação de Conflitos*, 01-11.
<https://fmcgeral2018.wixsite.com/federacao>
- Silva, A. M. C. E. (2010). Conflito(s) e mediação em contextos educativos. *Revista Galego-Portuguesa de Psicoloxía E Educación*, 18, 07-18.
- Silva, A. M. C. E., Fernandes, S., & Flores, M. A. (2019). *Contextos de Mediação e de Desenvolvimento Profissional*. Amazon Digital Services LLC - KDP Print US.
- Tartuce, F. (2018). *Mediação nos conflitos civis*. Grupo Gen - Editora Método Ltda.
- Torremorell, M. C. B. (2008). *Cultura de Mediação e Mudança Social*. Porto Editora.
- Torremorell, M. C. B. (2021). *Mediação de conflitos na escola: Modelos, estratégias e práticas*. Summus Editorial.
- Vasconcelos, C. E. (2023). *Mediação de conflitos e práticas restaurativas* (8. ed.). Método.

Documentos internos consultados e outros materiais:

- Projeto Educativo (2018/2022);
- Regulamento interno (2023/2026);
- Website da instituição (2023/2024).

APÊNDICE 1 – ENTREVISTA COM MEDIADORA DA ESCOLA

Entrevista - Projeto de Investigação-Intervenção

Entrevistado(a): (Mediadora)

Dia: 31/10/2023

1. Como funciona o Gabinete de Mediação da Escola?

Atualmente o Gabinete de Mediação funciona na sala onde decorrem todas as Atividades de Apoio ao Aluno. É dinamizado por um grupo de professores e por uma Técnica Especializada do PDPSC – Plano de Desenvolvimento Pessoal Social e Comunitário. Este Gabinete realiza apenas uma mediação resolutiva.

2. Quais as funções que o Mediador desenvolve na Escola?

É função do mediador a prevenção e resolução pacífica dos conflitos e todas situações desarmónicas que ponham em causa a convivência saudável e o bem estar dos alunos, essencialmente, e de todos os agentes escolares.

3. Existe algum programa de mediação escolar na Instituição?

Não. Existem apenas atividades em grupo/turma a serem dinamizadas pela Técnica Especializada no âmbito da mediação preventiva e do desenvolvimento de competências pessoais e sociais.

4. Como os alunos percebem o Gabinete de Mediação da Escola?

Creio que, uma vez que o Gabinete de Mediação se encontra no mesmo espaço físico que outras atividades/respostas de apoio aos alunos, não é facilmente perceptível para os mesmos o funcionamento e o objetivo do Gabinete de Mediação.

5. Como os professores percebem o Gabinete de Mediação da Escola?

Infelizmente, uma parte dos professores ainda vê o Gabinete de Mediação como um espaço de “castigo”, tendo em conta o comportamento do aluno.

6. Há muitos encaminhamentos de alunos para a mediação pelos professores?

Sim.

7. Quais os resultados percebidos com a implementação da mediação na escola?

A Mediação, para além de atuar na resolução e prevenção do conflito, é um espaço que dá voz aos alunos.

8. Quais os maiores desafios para o pleno funcionamento do Gabinete de Mediação.

A indefinição do processo de mediação resolutiva e a falta de conhecimento relativo à mediação educacional, por parte dos professores pertencentes ao Gabinete.

APÊNDICE 2 – QUESTIONÁRIO DE SATISFAÇÃO DIRECIONADO AOS ALUNOS QUE ESTIVERAM NO GABINETE DE MEDIAÇÃO

Questionário de Satisfação

Agradecemos o preenchimento do seguinte formulário. As respostas são anônimas e confidenciais.

1. Estive no Gabinete de Mediação...

☐ por conta própria ☐ encaminhado/a pelo professor ou outro funcionário

2. Nas sessões de mediação... (Marque com X sua opinião)		SIM	NÃO	NÃO SEI
1.	Senti-me bem acolhido/a			
2.	Senti-me respeitado/a			
3.	Senti-me à vontade para falar da minha situação			
4.	Consegui dizer o que sentia			
5.	Senti que a mediação ajudou a resolver o meu problema			
6.	Consegui entender melhor as minhas preocupações			
7.	A mediação respondeu ao que eu precisava			
8.	O ambiente e local foram adequados			
9.	Senti-me confortável na sala de mediação			
10.	A mediadora ajudou-me a dizer os meus pontos de vista			
11.	A mediadora tratou-me com respeito			
12.	A mediadora foi capaz de me compreender			
13.	O local da mediação fica num sítio de fácil acesso			
14.	As sessões de mediação foram suficientes			
15.	As sessões de mediação ajudaram-me a encontrar soluções para o meu problema			
16.	Sinto-me satisfeito/a com o acordo a que cheguei ou com as reflexões que eu fiz durante a mediação			

APÊNDICE 3 – QUESTIONÁRIO DIRECIONADO AOS ASSISTENTES OPERACIONAIS

Título do Projeto: Ser, Conectar e Aprender: uma trajetória guiada pela mediação escolar para a promoção do sucesso educativo a partir de uma cultura de paz.

Objetivos nucleares do Projeto: Prevenir e gerir conflitos escolares, fortalecer a cultura de paz na escola e construir estratégias facilitadoras do sucesso escolar.

Contexto de Formação: Estágio de natureza Profissionalizante_Mediação Educacional.

Contexto do Projeto: [REDACTED]

Responsável do Projeto: Cláudia Weyne Melo de Castro

Orientadora Científica do Projeto: Doutora Isabel Maria Torre Carvalho Viana

Orientadora Cooperante do Projeto: [REDACTED]



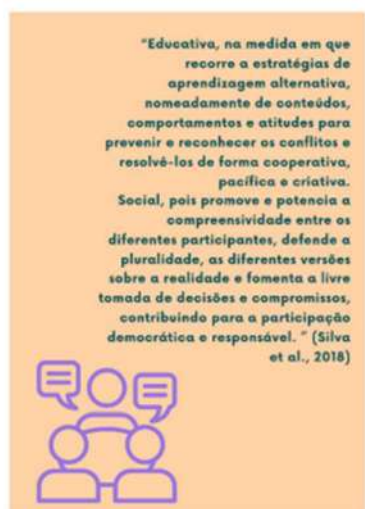
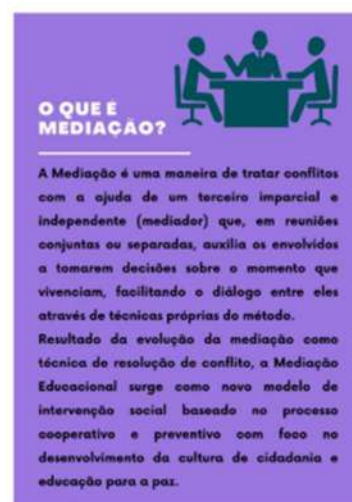
Universidade do Minho
Instituto de Educação

Questionário sobre os Workshops “Comunicação Não Violenta” e “Prevenção e gestão do conflito através da comunicação e da mediação escolar” direcionado aos Assistentes Operacionais da Escola [REDACTED].

Sobre os Workshops “Comunicação Não Violenta” e “Prevenção e gestão do conflito através da comunicação e da mediação escolar” que fizeram parte da Ação Técnicas de Comunicação Eficaz voltada para aos Assistentes Operacionais da Escola [REDACTED], por favor, preencha o questionário marcando um **X** nos espaços correspondentes à sua opinião quanto às questões indagadas.

	SIM	NÃO	NÃO SEI
Você acha que os workshops mencionados acima, facilitados pela Dra. Cláudia Weyne, contribuíram de alguma forma para o seu trabalho no dia a dia na escola?			
Você conseguiu aplicar algum aprendizado absorvido nos workshops na comunicação com os alunos?			
Você percebeu alguma diferença na forma que se relaciona com os alunos no dia a dia da escola após participar dos Workshops?			
Com os aprendizados dos workshops, você conseguiu de alguma forma contribuir para a prevenção de conflitos na escola?			
Com os aprendizados dos workshops você percebeu uma maior habilidade sua na gestão de conflitos que surgiram entre os alunos da escola?			
Você achou que os workshops foram úteis para o desempenho das suas funções na escola?			
Você gostaria de aprofundar o conhecimento nos temas abordados durante as oficinas?			

APÊNDICE 4 – CARTILHA DISTRIBUÍDA PARA AS DIRETORAS DE TURMA DAS TURMAS DO 6º ANO



BENEFÍCIOS DA MEDIAÇÃO ESCOLAR

A mediação escolar tem como objetivo não só a resolução de conflitos, mas também a prevenção de situações de risco, a promoção de ações de integração e inclusão, o desenvolvimento pessoal e social do aluno e o desenvolvimento nas jovens da capacidade de fazer escolhas conscientes e tomar decisões.

- | | |
|--|---|
| 01.
OPÇÕES DE RESOLUÇÃO DE CONFLITOS | 02.
MEDIAÇÃO EM OUTRAS SITUAÇÕES NA ESCOLA |
| 03.
MELHORIA DAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS | 04.
DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES SOCIOEMOCIONAIS |
| 05.
DESENVOLVIMENTO DA AUTONOMIA DOS ALUNOS | 06.
PREVENÇÃO DE CONFLITOS |
| 07.
DEMOCRATIZAÇÃO DA ESCOLA | 08.
DESENVOLVIMENTO SOCIAL E PESSOAL DO ALUNO |

ATIVIDADES A SEREM REALIZADAS com alunos e professores das turmas do 6º ano

PROJETO DE INVESTIGAÇÃO-INTERVENÇÃO A SER DESENVOLVIDO NA ESCOLA DR. FRANCISCO SANCHES NO ÂMBITO DO ESTÁGIO DO MESTRADO EM EDUCAÇÃO ÁREA DE ESPECIALIZAÇÃO MEDIAÇÃO EDUCACIONAL

Uma vez realizado o diagnóstico das necessidades da Escola Dr. Francisco Sanches no que diz respeito aos conflitos intrapessoais, interrelacionais e interpessoais presentes no dia-a-dia da instituição, a estagiária, autora do projeto, elegu as turmas do 6º ano para realizar a intervenção a seguir pormenorizada.

1
Principalmente uma intervenção universal a ser realizada durante dois encontros com os alunos.

PROPÕE-SE QUE A INTERVENÇÃO SEJA REALIZADA DA SEGUINTE FORMA:

2
O primeiro encontro com o objetivo de trabalhar a conexão e o segundo com a intenção de sensibilizá-los no que diz respeito à prevenção de conflitos.

3
Após, uma intervenção seletiva nas turmas do 6º ano que necessitem de maior atenção.



4
Workshops com os professores sobre CNV e Mediação, no intuito de aparelhá-los com técnicas para contribuir com a relação professor-aluno e com a prevenção e gestão dos conflitos na escola.

RESULTADOS ESPERADOS

ao fim da fase de intervenção

PROJETO DE INVESTIGAÇÃO-INTERVENÇÃO A SER DESENVOLVIDO NA ESCOLA DR. FRANCISCO SANCHES NO ÂMBITO DO ESTÁGIO DO MESTRADO EM EDUCAÇÃO ÁREA DE ESPECIALIZAÇÃO MEDIAÇÃO EDUCACIONAL

Objetiva-se que ao final da intervenção:

- 1) os alunos estejam sensibilizados para a prevenção dos conflitos;
- 2) os professores estejam aptos para reconhecer os conflitos emergentes e aparelhados com as técnicas de comunicação e os conhecimentos da mediação, de modo que possam atuar na prevenção e na gestão dos conflitos escolares;

Ferreiras, S., Flores, M.A. & Silva, A.M.C. 2018. Contextos e abordagens de mediação, formação e desenvolvimento profissional. Contextos de Mediação e Desenvolvimento profissional. De facto editores.
Nascimento, M. M. Dulce. 2013. Clube Mediação - Transformar sonhos em realidade. Chédis Editora.
Pacheco, F.M.C. 2006. A gestão de conflitos na escola: a mediação como alternativa. Dissertação de Mestrado em Administração e Gestão Educacional. Lisboa.
Reis, Cristiano de Sousa. 2020. A importância da mediação escolar como promotora de uma cultura de paz. Jornal Jurídico.
Torresmorel, Maria C.B. 2008. Cultura de Mediação e Mudança Social. Tradução de António Mota. Porto Editora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CLAUDIA WEYNE

Estagiária do Mestrado em Educação
Área de Especialização Mediação
Educativa da Universidade de Mérida

E-mail para contato:
claudiaweyne.adve@gmail.com

APÊNDICE 5 – PLANEJAMENTO DO CÍRCULO DE CONSTRUÇÃO DE PAZ DIRECIONADO ÀS DIRETORAS DE TURMA

Título do Projeto: Ser, Conectar e Aprender: uma trajetória guiada pela mediação escolar para a promoção do sucesso educativo a partir de uma cultura de paz
Objetivos nucleares do Projeto: Prevenir e gerir conflitos escolares, fortalecer a cultura de paz na escola e construir estratégias facilitadoras do sucesso escolar.
Contexto de Formação: Estágio de natureza Profissionalizante – Mediação Educacional
Conteúdo do Projeto: [REDACTED]
Responsável do Projeto: Cláudia Weyne Melo de Castro
Orientadora Científica do Projeto: Doutora Isabel Maria Torre Carvalho Viana
Orientadora Cooperante do Projeto: [REDACTED]



Prática Circular

Tipo de Círculo	Círculo de Construção de Equipe de Trabalho Apresentar o Círculo, centro do círculo e bastão da fala/objeto da palavra
Facilitador	Cláudia Weyne
Participantes do Círculo	[REDACTED]
Data / Hora	05/01/2024 às 14:30
Local	[REDACTED]
Centro do Círculo e Bastão da Fala	Toalha redonda, jarro de flores (feminino), livreto do projeto (projeto), caderno e lápis (escola), livro de mediação de conflitos na escola (mediação escolar), coração de pelúcia (amor, conexão), girafa e chagal (cnv/comunicação)
Objeto da Palavra	Coração de metal
Cerimônia de Abertura	Depende de Nós (Ivan Lins) https://youtu.be/DakhfZXwSAE?si=Fgou6DhoWjem6VBY

Título do Projeto: Ser, Conectar e Aprender: uma trajetória guiada pela mediação escolar para a promoção do sucesso educativo a partir de uma cultura de paz
Objetivos nucleares do Projeto: Prevenir e gerir conflitos escolares, fortalecer a cultura de paz na escola e construir estratégias facilitadoras do sucesso escolar.
Contexto de Formação: Estágio de natureza Profissionalizante – Mediação Educacional
Conteúdo do Projeto: [REDACTED]
Responsável do Projeto: Cláudia Weyne Melo de Castro
Orientadora Científica do Projeto: Doutora Isabel Maria Torre Carvalho Viana
Orientadora Cooperante do Projeto: [REDACTED]



Rodada de Apresentações/Check-in	Diga o seu nome e como você chega ao Círculo hoje.
Norteadores do Grupo: valores e comportamentos compartilhados	Escreva no papel, uma atitude/comportamento/sentimento que você espera do grupo e outra que você deseja oferecer ao grupo.
Perguntas norteadoras ou atividade principal	1. Compartilhe com o grupo um momento feliz que você já teve na escola [REDACTED] 2. Que parte do trabalho que você desenvolve na escola é mais difícil para você? 3. Que tipo de apoio você gostaria de receber para auxiliar a realizar seu trabalho? 4. Qual a sua expectativa em relação ao Projeto Ser, Conectar e Aprender: uma trajetória guiada pela mediação escolar para a promoção do sucesso educativo a partir de uma cultura de paz.?
Check-out	Diga, em uma palavra, como você está saindo do círculo hoje.
Cerimônia de encerramento	Poema Caminhante de Antônio Machado (poeta espanhol) "Caminhante, são tuas pegadas o caminho e nada mais; caminhante, não há caminho, se faz caminho ao andar"

Título do Projeto: Ser, Conectar e Aprender: uma trajetória guiada pela mediação escolar para a promoção do sucesso educativo a partir de uma cultura de paz
Objetivos nucleares do Projeto: Prevenir e gerir conflitos escolares, fortalecer a cultura de paz na escola e construir estratégias facilitadoras do sucesso escolar.
Contexto de Formação: Estágio de natureza Profissionalizante – Mediação Educacional
Conteúdo do Projeto: [REDACTED]
Responsável do Projeto: Cláudia Weyne Melo de Castro
Orientadora Científica do Projeto: Doutora Isabel Maria Torre Carvalho Viana
Orientadora Cooperante do Projeto: [REDACTED]



*Material produzido no âmbito do Estágio do Mestrado em Educação Área de Especialização Mediação Educacional da Universidade do Minho

**Bibliografia: Boyes-Watson, C. & Pranis, K. No coração da esperança: guia de práticas circulares: o uso de círculos de construção da paz para desenvolver a inteligência emocional, promover a cura e construir relacionamentos saudáveis. Trad. Fatima Bastiani. Porto Alegre: Tribunal de Justiça do Estado do Rio Grande do Sul, Departamento de Artes Gráficas, 2011

APÊNDICE 6 – QUESTIONÁRIO DIRECIONADO ÀS DIRETORAS DE TURMA

Título do Projeto: Ser, Conectar e Aprender: uma trajetória guiada pela mediação escolar para a promoção do sucesso educativo a partir de uma cultura de paz.

Objetivos nucleares do Projeto: Prevenir e gerir conflitos escolares, fortalecer a cultura de paz na escola e construir estratégias facilitadoras do sucesso escolar.

Contexto de Formação: Estágio de natureza Profissionalizante, Mediação Educacional.

Contexto do Projeto: [REDACTED]

Responsável do Projeto: Cláudia Weyne Melo de Castro

Orientadora Científica do Projeto: Doutora Isabel Maria Torre Carvalho Viana

Orientadora Cooperante do Projeto: [REDACTED]




Questionário sobre o Círculo de Construção de Paz direcionado às Diretoras de Turma dos alunos do 6º ano da Escola [REDACTED]

Sobre o Círculo de Construção de Paz voltado para as Diretoras de Turma dos alunos do 6º ano da Escola [REDACTED], por favor, preencha o questionário marcando um **X** nos espaços correspondentes à sua opinião quanto às questões indagadas.

	SIM	NÃO	NÃO SEI
Você já conhecia os Círculos de Construção de Paz?			
Você gostou de participar da atividade desenvolvida?			
Você se sentiu conectada com o Projeto "Ser, Conectar e Aprender: uma trajetória guiada pela mediação escolar para a promoção do sucesso educativo a partir de uma cultura de paz" durante a sua participação no Círculo de Construção de Paz?			
Você se sentiu pertencente a uma equipe?			
Você se sentiu acolhida pelo grupo?			
Tem interesse em repetir a experiência?			

APÊNDICE 7 – PLANEJAMENTO DA PRIMEIRA SESSÃO NAS TURMAS DO SEXTO ANO

Título do Projeto: Ser, Conectar e Aprender: uma trajetória guiada pela mediação escolar para a promoção do sucesso educativo a partir de uma cultura de paz. Objetivos gerais do Projeto: Promover a paz e resolver conflitos escolares, fortalecer a cultura de paz na escola e construir estratégias facilitadoras do sucesso escolar. Contexto da Formação: Ensino de ciências Profissionais/Ensino – Mediação Educacional Conteúdo do Projeto: [Redigido] Responsável do Projeto: Cláudia Weyne Melo de Castro Orientadora Científica do Projeto: Doutora Isabel Maria Torres Carvalho Viana Orientadora Cooperante do Projeto: [Redigido]		Título do Projeto: Ser, Conectar e Aprender: uma trajetória guiada pela mediação escolar para a promoção do sucesso educativo a partir de uma cultura de paz. Objetivos gerais do Projeto: Promover a paz e resolver conflitos escolares, fortalecer a cultura de paz na escola e construir estratégias facilitadoras do sucesso escolar. Contexto da Formação: Ensino de ciências Profissionais/Ensino – Mediação Educacional Conteúdo do Projeto: [Redigido] Responsável do Projeto: Cláudia Weyne Melo de Castro Orientadora Científica do Projeto: Doutora Isabel Maria Torres Carvalho Viana Orientadora Cooperante do Projeto: [Redigido]	
Plano de Aula: Percebendo o Conflito Escolar de forma positiva Data: 01/2023 Hora: Tempo de duração: 50 minutos Dados de Identificação: Professor (a): Cláudia Weyne Melo de Castro Disciplina: Tutoria Turma: 6º 01 Encontro: Primeiro Tema: - Conflito escolar Objetivos: Objetivo geral: Conhecer o conflito positivo. Objetivos específicos: Diferenciar conflito positivo de conflito negativo, perceber o conflito como uma experiência construtiva e transitória, conceituar o conflito, entender a escalada do conflito, conscientizar sobre a necessidade da gestão do conflito através da cooperação e colaboração. Conteúdo: 1. Teoria do conflito 2. Conflito positivo x conflito negativo 3. Conceito de conflito 4. Escalada do conflito 5. Formas de tratar o conflito Recursos didáticos: Projetor, quadro branco, caneta para quadro branco, atividade impressa Avaliação: Questionário Bibliografia: Cunha, P. & Monteiro, A. P. (2019). Gestão de Conflitos na Escola. Pactor. Nunes, A. C. O. (2014). Diálogos e Mediação de Conflitos nas Escolas Guia Prático para Educadores. Contexto. p. 18		Educadores: Conselho Nacional do Ministério Público. Nunes, A. O. (2011). Como restaurar a paz nas escolas: um guia para educadores. Contexto. Vinyamata, E. (2001) apud Cunha, P. & Monteiro, A. P. (2019). Gestão de Conflitos na Escola. Pactor. p. 41. Planejamento da aula a ser ministrada: Atividade 1: Troca de experiências sobre o que é um conflito. (30 min) Objetivos: Com base em experiências e percepções pessoais os alunos desenvolverão uma definição de conflito, podendo comparar diversos tipos de conflitos interpessoais e concluir que existem conflitos diferentes e por causas diferentes. Analisar as causas do conflito e o que a família, a escola e a comunidade podem fazer para trabalhá-los de forma positiva e adequada. Melhorar a habilidade dos alunos para a comunicação interpessoal. Fase 1: Primeiramente passar as seguintes questões para os alunos, para que respondam individualmente, em dez minutos: 1. O que é um conflito? Descreva uma situação de conflito que você teve com alguém no passado. O que você fez? Como o conflito foi resolvido? Ter solucionado o conflito fez você se sentir bem (ou não ter solucionado o conflito fez você se sentir mal)? 2. O conflito fez você ficar irritado e frustrado? Estes sentimentos foram ruins? Você aprendeu alguma coisa com o caso? O quê? 3. Para resolver conflitos as pessoas precisam ser capazes de falar e ouvir umas às outras. Por que você acha que isso é importante? Por quê é importante falar uma com os outros sobre seus sentimentos e não mantê-los guardados para si? Fase 2: Em seguida, cada aluno escolhe um colega da turma e sentam-se juntos. Os educados devem estimulá-los para que, em mais ou menos 5 minutos, eles discutam, em duplas, as respectivas respostas uns com os outros. Fase 3: Depois, em grupos maiores de 5 ou 8 alunos, o educador pedirá para que eles façam uma lista de motivos pelos quais os conflitos que eles tiveram resultaram em aspectos positivos, ou seja, deles tiraram boas lições. Cada aluno deve ficar responsável em comentar pelo menos um motivo escolhido pelo grupo. (10 minutos)	

Título do Projeto: Ser, Conectar e Aprender: uma trajetória guiada pela mediação escolar para a promoção do sucesso educativo a partir de uma cultura de paz. Objetivos gerais do Projeto: Promover a paz e resolver conflitos escolares, fortalecer a cultura de paz na escola e construir estratégias facilitadoras do sucesso escolar. Contexto da Formação: Ensino de ciências Profissionais/Ensino – Mediação Educacional Conteúdo do Projeto: [Redigido] Responsável do Projeto: Cláudia Weyne Melo de Castro Orientadora Científica do Projeto: Doutora Isabel Maria Torres Carvalho Viana Orientadora Cooperante do Projeto: [Redigido]
Fase 4: Em seguida, num grupo em forma de "u" e com o educador sentado no espaço livre, este deve pedir que cada aluno comente um motivo escolhido pelo grupo e, se possível, faça comentários sobre as razões que levaram o grupo a concluir por tal ou qual motivo. (5 minutos) Atividade adaptada de: Nunes, A. O. (2011). Como restaurar a paz nas escolas: um guia para educadores. Contexto. p. 18 Atividade 2: Comunicação sobre conflito. (15 min) - Conflito positivo x conflito negativo; - Conflito como uma experiência construtiva e transitória; - Conceito de conflito ("Luta, desacordo, incompatibilidade aparente, confrontação de interesses, percepções ou atitudes hostis entre duas ou mais partes. O conflito é natural na vida, está em relação direta com o esforço por viver. Os conflitos relacionam-se com a satisfação das necessidades, com processos de stress e sensações de medo e com o desenvolvimento de ações que podem ou não conduzir a comportamentos agressivos e violentos.") Adaptado de Vinyamata, E. (2001). Conflictologia. Ariel. P.129 ; - Escalada do conflito; - Formas de lidar com o conflito (enfrentamento, fuga, acomodação, colaboração/cooperação).

APÊNDICE 8 – ATIVIDADE DA PRIMEIRA SESSÃO DAS TURMAS DO 6º ANO



Título do Projeto: Ser, Conectar e Aprender: uma trajetória guiada pela mediação escolar para a promoção do sucesso educativo a partir de uma cultura de paz
Objetivos nucleares do Projeto: Prevenir e gerir conflitos escolares, fortalecer a cultura de paz na escola e construir estratégias facilitadoras do sucesso escolar.
Contexto de Formação: Estágio de natureza Profissionalizante _ Mediação Educacional
Contexto do Projeto: [REDACTED]
Responsável do Projeto: Cláudia Weyne Melo de Castro
Orientadora Científica do Projeto: Doutora Isabel Maria Torre Carvalho Viana
Orientadora Cooperante do Projeto: [REDACTED]



Aluno: _____

Turma: _____ Data: _____

1) Reflita e responda as questões abaixo:

a) O que é um conflito? Descreva uma situação de conflito que você teve com alguém no passado. O que você fez? Como o conflito foi resolvido? Ter solucionado o conflito fez você se sentir bem (ou não ter solucionado o conflito fez você se sentir mal?)

b) O conflito fez você ficar irritado e frustrado? Estes sentimentos foram ruins? Você aprendeu alguma coisa com o caso? O quê?

c) Para resolver conflitos as pessoas precisam ser capazes de falar e escutar umas às outras. Por que você acha que isso é importante? Por quê é importante falar uns com os outros sobre seus sentimentos e não mantê-los guardados para si?

2) Em seguida, escolha um colega da turma e discutam, em dupla, as respectivas respostas um com o outro.

3) Depois, em grupos maiores de 5 ou 6 alunos, façam uma lista de motivos pelos quais os conflitos que vocês tiveram resultaram em aspectos positivos, ou seja, deles tiraram boas lições.



APÊNDICE 9 – APRESENTAÇÃO DA PRIMEIRA SESSÃO NAS TURMAS DO SEXTO ANO



1



2



3



4



5



6

FORMAS DE TRATAR O CONFLITO

1 EVITAR / FUGIR	3 FORÇAR	5 COLABORAR COOPERAR GANHA-GANHA
2 ACOMODAR	4 CONCEDER	



REGISTAR O PROJETO TAMBÉM NA PLATAFORMA
BRASIL 2025: O PAÍS DO FUTURO. ACESSAR EM: [BRASIL2025.GOV.BR](http://brasil2025.gov.br)

7

E AGORA, o quê fazer?



Colaboração
Criatividade
Responsabilidade
Comunicação
Empatia
Transição



REGISTAR O PROJETO TAMBÉM NA PLATAFORMA
BRASIL 2025: O PAÍS DO FUTURO. ACESSAR EM: [BRASIL2025.GOV.BR](http://brasil2025.gov.br)

8

OBRIGADA
Até breve!



REGISTAR O PROJETO TAMBÉM NA PLATAFORMA
BRASIL 2025: O PAÍS DO FUTURO. ACESSAR EM: [BRASIL2025.GOV.BR](http://brasil2025.gov.br)

9

APÊNDICE 10 – PLANEJAMENTO DA SEGUNDA SESSÃO NAS TURMAS DO SEXTO ANO



Título do Projeto: Ser, Conectar e Aprender: uma trajetória guiada pela mediação escolar para a promoção do sucesso educativo a partir de uma cultura de paz
Objetivos acadêmicos do Projeto: Prevenir e gerir conflitos escolares, fortalecer a cultura de paz na escola e construir estratégias facilitadoras do sucesso escolar.
Contexto de Formação: Ensino de Formação Profissionalizante – Mediação Educacional
Contexto do Projeto: [Redacted]
Responsável do Projeto: Cláudia Weyne Melo de Castro
Orientadora Científica do Projeto: Doutora Isabel Maria Torre Carvalho Viana
Orientadora Cooperante do Projeto: [Redacted]



Piano de Aula: Prevenção e gestão do conflito escolar (Gabinete de Mediação) Data: 01/2023 Hora: Tempo de duração: 50 minutos
Dados de Identificação: Professor (a): Cláudia Weyne Melo de Castro Disciplina: Tutoria Turma: 6º 01 Encontro: Segundo
Tema: - Prevenção e gestão do conflito escolar - Mediação de conflitos - Gabinete de Mediação da Escola
Objetivos: Objetivo geral: Sensibilizar os alunos sobre a importância da prevenção e da gestão do conflito escolar Objetivos específicos: Perceber a importância da prevenção e da gestão do conflito escolar, entender a mediação de conflitos, conhecer o gabinete de mediação da escola e compreender a função do mediador escolar.
Conteúdo: 1. Formas de prevenção do conflito (comunicação e empatia) 2. Importância da gestão do conflito (evitar a escalada do conflito) 3. Conceito de mediação de conflitos 4. Funções do Gabinete de Mediação da escola (escuta ativa, prevenção e gestão do conflito) 5. Função do mediador escolar
Recursos didáticos: Projetor, quadro branco, caneta para quadro branco
Avaliação: Questionário
Bibliografia:



Título do Projeto: Ser, Conectar e Aprender: uma trajetória guiada pela mediação escolar para a promoção do sucesso educativo a partir de uma cultura de paz
Objetivos acadêmicos do Projeto: Prevenir e gerir conflitos escolares, fortalecer a cultura de paz na escola e construir estratégias facilitadoras do sucesso escolar.
Contexto de Formação: Ensino de Formação Profissionalizante – Mediação Educacional
Contexto do Projeto: [Redacted]
Responsável do Projeto: Cláudia Weyne Melo de Castro
Orientadora Científica do Projeto: Doutora Isabel Maria Torre Carvalho Viana
Orientadora Cooperante do Projeto: [Redacted]



Cunha, P. & Monteiro, A. P. (2019). Gestão de Conflitos na Escola. Pacto.
 O Mundo de Karma. (2023, 23 de dezembro). Resolução de conflitos na escola Temporada 3 | O Mundo de Karma | Netflix [Vídeo]. Youtube. <https://www.youtube.com/watch?v=BvkrWQSYIGg>

Planejamento da aula a ser ministrada:

Atividade 1: Vídeo Mediação de conflitos na escola e análise pelos alunos (10min) https://youtu.be/5vkvWQSYIGg?list=PLNa2XkVj886T5wQ0 Primeiro Trecho (até 2min58seg): Gestão de Conflitos / Escala do conflito 1) Qual o conflito do vídeo? 2) Quem estava envolvido no conflito? 3) O conflito tornou-se maior ou foi resolvido? 4) O que evitou que o conflito se agravasse? (comunicação/diálogo) Partilha.
Atividade 2: Comunicação com apresentação do canva (20 min)
Atividade 3: Vídeo Mediação de conflitos na escola com análise depois pelos alunos (15 min) https://youtu.be/5vkvWQSYIGg?list=PLNa2XkVj886T5wQ0 Segundo Trecho (de 5min59seg até 8min58seg): Prevenção de Conflitos / Empatia 1) Houve algum conflito na história que assistimos? 2) Como a personagem tentou resolver o conflito? 3) O que fez com que Karma (a personagem) mudasse de ideia quanto ao se plano? (empatia) 4) Como as personagens solucionaram o conflito entre elas? (comunicação/diálogo) Partilha



APÊNDICE 11 – APRESENTAÇÃO DA SEGUNDA SESSÃO NAS TURMAS DO SEXTO ANO



1



2



3



4



5



6

MEDIADOR ESCOLAR



- Terceiro imparcial
- Facilitação do diálogo
- Guardião do processo de mediação
- Apoio às mudanças na interação
- Uso de técnicas apropriadas
- Prevenção do conflito
- Escuta ativa e empática

Registado no Registo Nacional de Atividades
Desenvolvido e implementado no âmbito do Projeto de Intervenção em
Educação, Registo nº 10/2019

7

GABINETE DE MEDIAÇÃO



- PREVENÇÃO DE CONFLITOS
- MEDIAÇÃO DE CONFLITOS
- ESCUITA ATIVA E EMPÁTICA
- PREVENIR E GERIR SITUAÇÕES DE INDISCIPLINAS

Registado no Registo Nacional de Atividades
Desenvolvido e implementado no âmbito do Projeto de Intervenção em
Educação, Registo nº 10/2019

8

PREVENÇÃO E GESTÃO DE CONFLITOS NA PRÁTICA

Vamos assistir a um vídeo e conversar sobre o conflito e o que aprendemos sobre ele no encontro de hoje?

VIDEO:
GESTÃO DE CONFLITOS NA ESCOLA

Registado no Registo Nacional de Atividades
Desenvolvido e implementado no âmbito do Projeto de Intervenção em
Educação, Registo nº 10/2019

9

PARTILHA SOBRE A REFLEXÃO

- 1) Houve algum conflito na história que assistimos?
- 2) Como a personagem tentou resolver o conflito?
- 3) O que fez com que Karma (a personagem) mudasse de ideia quanto ao seu plano?
- 4) Como as personagens solucionaram o conflito entre si?

Registado no Registo Nacional de Atividades
Desenvolvido e implementado no âmbito do Projeto de Intervenção em
Educação, Registo nº 10/2019

10

obrigada

FACILITADORA: CLÁUDIA WEYNE

Registado no Registo Nacional de Atividades
Desenvolvido e implementado no âmbito do Projeto de Intervenção em
Educação, Registo nº 10/2019

11

APÊNDICE 12 – ATIVIDADE DA SEGUNDA SESSÃO DAS TURMAS DO 6º ANO



Título do Projeto: Ser, Conectar e Aprender: uma trajetória guiada pela mediação escolar

para a promoção do sucesso educativo a partir de uma cultura de paz

Objetivos nucleares do Projeto: Prevenir e gerir conflitos escolares, fortalecer a cultura de paz na escola e construir estratégias facilitadoras do sucesso escolar.

Contexto de Formação: Estágio de natureza Profissionalizante _ Mediação Educacional

Contexto do Projeto: [Redacted]

Responsável do Projeto: Cláudia Weyne Melo de Castro

Orientadora Científica do Projeto: Doutora Isabel Maria Torre Carvalho Viana

Orientadora Cooperante do Projeto: [Redacted]



Aluno: _____

Turma: _____ Data: _____

1) Após assistir o vídeo, reflita e responda:

- a) Qual o conflito do vídeo?
- b) Quem estava envolvido no conflito?
- c) O conflito tornou-se maior ou foi resolvido?
- d) O que evitou que o conflito se agravasse?

2) Após assistir o segundo vídeo, reflita e responda:

- a) Houve algum conflito na história que assistimos?
- b) Como a personagem tentou resolver o conflito?
- c) O que fez com que Karma (a personagem) mudasse de ideia quanto ao seu plano?
- d) Como as personagens solucionaram o conflito entre elas?



APÊNDICE 13 – PRIMEIRO QUESTIONÁRIO DIRECIONADO AOS ALUNOS DAS TURMAS DO 6º ANO

INQUÉRITO DE AVALIAÇÃO

Para que possamos avaliar o nosso trabalho e melhorar se possível, pedimos-te agora uma avaliação geral.

Usando a avaliação sugerida na tabela abaixo, ou seja, sim, não e não sei, assinala com um X, a resposta a atribuir, tendo em conta os objetivos dos encontros:

1. Diferenciar conflito positivo de conflito negativo, perceber o conflito como uma experiência construtiva e transitória.
2. Sensibilizar os alunos sobre a importância da prevenção e da gestão do conflito escolar.

Agradecemos o preenchimento do seguinte formulário. As respostas são anónimas e confidenciais.

1. Nas sessões em sala de aula... (Marque com X sua opinião)		SIM	NÃO	NÃO SEI
1.	As sessões contribuíram para a compreensão da dinâmica do conflito.			
2.	Consegui perceber como e o que fazer para evitar o conflito.			
3.	Consegui perceber como fazer para tratar o conflito de forma construtiva.			
4.	Consegui perceber como fazer para solucionar o conflito.			
5.	Consegui perceber a importância do bom convívio na escola.			
6.	Percebi que posso recorrer à mediadora para ajudar-me a encontrar soluções para o meu problema na escola.			
7.	Consegui entender como posso contribuir para o bom convívio escolar.			
8.	Achei o tema abordado nas sessões importante.			

2. Recomendaria a outro aluno a participação na actividade?	3. Se sim, porquê? (Podes escolher mais de uma opção)?
☐ SIM ☐ NÃO	☐ Foi interessante ☐ Foi divertida ☐ Aprendi muito ☐ Foi motivadora

APÊNDICE 14 – PLANEJAMENTO DA TERCEIRA SESSÃO NAS TURMAS DO SEXTO ANO



Título do Projeto: Ser, Conectar e Aprender: uma trajetória guiada pela mediação escolar para a promoção do sucesso educativo a partir de uma cultura de paz
Objetivos nucleares do Projeto: Prevenir e gerir conflitos escolares, fortalecer a cultura de paz na escola e construir estratégias facilitadoras do sucesso escolar.
Contexto de Formação: Estágio de natureza Profissionalizante _ Mediação Educacional
Contexto do Projeto: [Redacted]
Responsável do Projeto: Cláudia Weyne Melo de Castro
Orientadora Científica do Projeto: Doutora Isabel Maria Torre Carvalho Viana
Orientadora Cooperante do Projeto: [Redacted]



Plano de Aula: Construção de Acordo de Convivência da Turma
Data: 02/2023
Hora:
Tempo de duração: 50 minutos
Dados de Identificação:
Professor (a): Cláudia Weyne Melo de Castro
Disciplina: Tutoria
Turma: 6º 01
Encontro: Terceiro
Tema:
- Acordo de convivência para um ambiente pacífico em sala de aula
Objetivos:
Objetivo geral: Constatar os comportamentos necessários para uma sala de aula pacífica autogerenciando-se por eles.
Objetivos específicos: Refletir sobre a paz, reconhecer que a paz começa em sala de aula e é responsabilidade de todos, listar os requisitos necessários para uma sala de aula pacífica, construir um painel com um acordo de convivência da turma.
Conteúdo: Paz na sala de aula e construção do acordo de convivência da turma.
Recursos didáticos: Cartolina e Caneta Pilot
Avaliação:
Questionário
Bibliografia:
Nunes, A. C. O. (2014). <i>Diálogos e Mediação de Conflitos nas Escolas Guia Prático para Educadores</i> . Conselho Nacional do Ministério Público.
Nunes, A. O. (2011). <i>Como restaurar a paz nas escolas: um guia para educadores</i> . Contexto.



Título do Projeto: Ser, Conectar e Aprender: uma trajetória guiada pela mediação escolar para a promoção do sucesso educativo a partir de uma cultura de paz
Objetivos nucleares do Projeto: Prevenir e gerir conflitos escolares, fortalecer a cultura de paz na escola e construir estratégias facilitadoras do sucesso escolar.
Contexto de Formação: Estágio de natureza Profissionalizante _ Mediação Educacional
Contexto do Projeto: [Redacted]
Responsável do Projeto: Cláudia Weyne Melo de Castro
Orientadora Científica do Projeto: Doutora Isabel Maria Torre Carvalho Viana
Orientadora Cooperante do Projeto: [Redacted]



Planejamento da aula a ser ministrada:

Fase 1:
Com os alunos sentados em círculo, provocar reflexão sobre a paz e a necessidade de um ambiente pacífico em sala de aula.
Enfatizar a necessidade de cada aluno assumir a responsabilidade pela criação de um ambiente pacífico em sala de aula. Colocar em debate o que o aluno entende por "assumir a responsabilidade".
PERGUNTAS GERADORAS:
- Como vocês gostariam que fosse o ambiente em classe durante o ano letivo?
- Como deve ser a forma de tratamento de uns com os outros?
- Qual é o ambiente pacífico ideal? (colaboração, cooperação, gestão dos conflitos)
- O que seria uma sala de aula não pacífica?
- Vocês aceitam fazer um pacto de uma sala de aula pacífica e de um ambiente de cooperação?
- Alguém não concorda com o ambiente de paz sugerido? Por quê? (Estas perguntas é uma forma de repassar a todos a responsabilidade pelo propósito de paz)
Fase 2:
Depois da discussão, o educador colocará num cartaz em branco, com a ajuda dos alunos, os requisitos discutidos pelos alunos para a existência de um ambiente pacífico em sala de aula. O educador escreve: "Uma sala de aula pacífica é aquela na qual..." e os alunos vão ditando para o professor os requisitos que eles entenderem necessários para uma sala de aula pacífica (p. Ex. Respeito ao próximo, não falar aos gritos, ser atencioso com o colega, não xingar, não dar cachinhos, não fazer brincadeira de mal gosto...)
Fase 3:
Após perguntar ao alunos se eles concordam em fazer tudo o que está no primeiro cartaz para que possam ter uma sala de aula pacífica. Explicar que o cartaz ficará como um guia a ser consultado durante todo o ano. Indague se algum deles terá dificuldades em cumprir as regras que estão no cartaz.



Título do Projeto: Ser, Conectar e Aprender: uma trajetória guiada pela mediação escolar para a promoção do sucesso educativo a partir de uma cultura de paz
Objetivos nucleares do Projeto: Prevenir e gerir conflitos escolares, fortalecer a cultura de paz na escola e construir estratégias facilitadoras do sucesso escolar.
Contexto de Formação: Estágio de natureza Profissionalizante _ Mediação Educacional
Contexto do Projeto: [Redacted]
Responsável do Projeto: Cláudia Weyne Melo de Castro
Orientadora Científica do Projeto: Doutora Isabel Maria Torre Carvalho Viana
Orientadora Cooperante do Projeto: [Redacted]



Atividade adaptada de: Nunes, A. O. (2011). *Como restaurar a paz nas escolas: um guia para educadores*. Contexto. p. 69

APÊNDICE 15 – APRESENTAÇÃO DA TERCEIRA SESSÃO NAS TURMAS DO SEXTO ANO



1



2



3



4



APÊNDICE 16 – SEGUNDO QUESTIONÁRIO DIRECIONADO PARA AS TURMAS DO SEXTO ANO

INQUÉRITO DE AVALIAÇÃO

Para que possamos avaliar o nosso trabalho e melhorar se possível, pedimos-te agora uma avaliação geral.

Usando a escala de 0 a 5, onde 0 indica nada satisfeito e 5 indica muito satisfeito, assinala com um X, a resposta a atribuir, tendo em conta o objetivo do nosso último encontro:

1. Compreender a importância de um bom clima na sala de aula e a convivência harmônica entre os colegas de turma;
2. Construir um acordo de convivência da turma.

Agradecemos o preenchimento do seguinte formulário. As respostas são anônimas e confidenciais.

1. Sobre a última sessão em sala de aula... (Marque com X sua opinião)		0	1	2	3	4	5
1.	O assunto abordado na sessão é importante para mim.						
2.	O assunto abordado na sessão é importante para a turma.						
3.	A elaboração do acordo de convivência foi interessante.						
4.	Eu pretendo cumprir o acordo de convivência construído com meus colegas de turma durante a sessão.						

APÊNDICE 17 – PLANEJAMENTO DO CÍRCULO DE CONSTRUÇÃO DE PAZ

DIRECIONADO À EQUIPE DO GAAF

Título do Projeto: Ser, Conectar e Aprender: uma trajetória guiada pela mediação escolar para a promoção do sucesso educativo a partir de uma cultura de paz
Objetivos nucleares do Projeto: Prevenir e gerir conflitos escolares, fortalecer a cultura de paz na escola e construir estratégias facilitadoras do sucesso escolar.
Contexto de Formação: Estágio de natureza Profissionalizante – Mediação Educacional
Contexto do Projeto: [REDACTED]
Responsável do Projeto: Cláudia Weyne Melo de Castro
Orientadora Científica do Projeto: Doutora Isabel Maria Torre Carvalho Viana
Orientadora Cooperante do Projeto: [REDACTED]



Planejamento da Prática Circular

Tipo de Círculo	Círculo de Celebração Apresentar o Círculo, centro do círculo e bastão da fala/objeto da palavra
Facilitador	Cláudia Weyne
Participantes do Círculo	Equipe Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família (GAAF)
Data / Hora	27/02/2024 às 14:00
Local	[REDACTED]
Centro do Círculo e Bastão da Fala	Toalha redonda, jarro de flores (feminino), livreto do projeto (projeto), caderno e lápis (escola), coração de pelúcia (amor, conexão), algo que lembre celebração
Objeto da Palavra	Coração de metal
Cerimônia de Abertura	“E COMO ESTÃO AS CRIANÇAS?”

Título do Projeto: Ser, Conectar e Aprender: uma trajetória guiada pela mediação escolar para a promoção do sucesso educativo a partir de uma cultura de paz
Objetivos nucleares do Projeto: Prevenir e gerir conflitos escolares, fortalecer a cultura de paz na escola e construir estratégias facilitadoras do sucesso escolar.
Contexto de Formação: Estágio de natureza Profissionalizante – Mediação Educacional
Contexto do Projeto: [REDACTED]
Responsável do Projeto: Cláudia Weyne Melo de Castro
Orientadora Científica do Projeto: Doutora Isabel Maria Torre Carvalho Viana
Orientadora Cooperante do Projeto: [REDACTED]



	Dentre as tribos mais talentosas e afamadas da África, nenhuma delas tinha guerreiros tão temíveis ou mais inteligentes do que os poderosos Masai. Talvez por isso seja surpreendente saber que o cumprimento tradicional entre os guerreiros masai “Kassergian Ingera” signifique “E como estão as crianças?”. Até hoje continua sendo o cumprimento tradicional entre os Masai, reconhecendo o alto valor que este povo sempre coloca no bem-estar de suas crianças. Mesmo os guerreiros que ainda não têm filhos, sempre dão a resposta tradicional: “Todas as crianças estão bem.” Isso quer dizer que a vida é boa. Significa que as batalhas diárias da existência, mesmo para um povo pobre, não impedem o cuidado adequado para com seus jovens. Eu fico pensando: como a adoção deste cumprimento pode afetar nossa consciência do bem-estar de nossas crianças? Em nossa cultura, como nós podemos mudar se começarmos a nos cumprimentar com essa mesma pergunta e a passarmos adiante um ao outro uma dúzia de vezes por dia? Será que gradualmente faria a diferença em como pensamos nas crianças e cuidamos delas em nosso país? Eu fico imaginando se cada adulto entre nós – sendo ou não pai e mãe – sentisse a mesma responsabilidade pelo cuidado e proteção no dia a dia com todas as crianças em nossa cidade, em nosso
--	--

Título do Projeto: Ser, Conectar e Aprender: uma trajetória guiada pela mediação escolar para a promoção do sucesso educativo a partir de uma cultura de paz
Objetivos nucleares do Projeto: Prevenir e gerir conflitos escolares, fortalecer a cultura de paz na escola e construir estratégias facilitadoras do sucesso escolar.
Contexto de Formação: Estágio de natureza Profissionalizante – Mediação Educacional
Contexto do Projeto: [REDACTED]
Responsável do Projeto: Cláudia Weyne Melo de Castro
Orientadora Científica do Projeto: Doutora Isabel Maria Torre Carvalho Viana
Orientadora Cooperante do Projeto: [REDACTED]



	estado e no nosso país, será que poderíamos dizer, sem hesitar: “Sim, as crianças estão bem. Sim, todas as crianças estão bem?” Adaptado por Pat Hoerdtocfer de um trecho de um discurso feito pelo Rev. Dr. Patrick T. O’Neill
Rodada de Apresentações/Check-in	Quando os participantes chegarem à sala, já tenha à disposição uma mesa com materiais de arte variados. À medida que vão entrando, peça aos participantes que criem algo com os materiais artísticos que simbolize como eles estão se sentindo agora. Na rodada de check-in, convide-os a compartilharem suas peças e a colocá-las no centro do círculo. Eles podem passar sem fazer a peça artística, podem não compartilhá-la ou não colocar a peça no círculo. Pode ajudar se o facilitador for o primeiro, caso o grupo não se sintam muito seguro nessa atividade.
Norteadores do Grupo: valores e comportamentos compartilhados	Escreva no papel, uma atitude/comportamento/sentimento que você espera do grupo e outra que você deseja oferecer ao grupo.
Perguntas norteadoras ou atividade principal	1. O que você valoriza na comunidade escolar da qual você faz parte? Por quê? 2. Se você pudesse mudar ou melhorar duas coisas na escola, quais seriam?

Título do Projeto: Ser, Conectar e Aprender: uma trajetória guiada pela mediação escolar para a promoção do sucesso educativo a partir de uma cultura de paz
Objetivos nucleares do Projeto: Prevenir e gerir conflitos escolares, fortalecer a cultura de paz na escola e construir estratégias facilitadoras do sucesso escolar.
Contexto de Formação: Estágio de natureza Profissionalizante – Mediação Educacional
Contexto do Projeto: [REDACTED]
Responsável do Projeto: Cláudia Weyne Melo de Castro
Orientadora Científica do Projeto: Doutora Isabel Maria Torre Carvalho Viana
Orientadora Cooperante do Projeto: [REDACTED]



	3. Você acha que o “Projeto Ser, Conectar e Aprender: uma trajetória guiada pela mediação escolar para a promoção do sucesso educativo a partir de uma cultura de paz”, afetou a comunidade escolar da qual você faz parte de alguma forma? Como? 4. Como integrante do GAAF, você sentiu que a execução do “Projeto Ser, Conectar e Aprender: uma trajetória guiada pela mediação escolar para a promoção do sucesso educativo a partir de uma cultura de paz” contribuiu de alguma forma o trabalho desenvolvido no Gabinete? Se sim, como?
Check-out	Em círculo, um dos participantes, segurando um rolo de barbante, falará o que deseja para um dos participantes do círculo. Segurando a ponta do barbante, jogará o rolo para o participante que citou, que também deverá falar e, assim, sucessivamente até que se forme uma “teia”, que propiciará uma visualização das relações escolares e comunitárias.
Cerimônia de encerramento	Poema: EU SONHO COM UM MUNDO

Título do Projeto: Ser, Conectar e Aprender: uma trajetória guiada pela mediação escolar para a promoção do sucesso educativo a partir de uma cultura de paz
Objetivos nucleares do Projeto: Prevenir e gerir conflitos escolares, fortalecer a cultura de paz na escola e construir estratégias facilitadoras do sucesso escolar.
Contexto de Formação: Estágio de natureza Profissionalizante – Mediação Educacional
Contexto do Projeto: [REDACTED]
Responsável do Projeto: Cláudia Weyne Melo de Castro
Orientadora Científica do Projeto: Doutora Isabel Maria Torre Carvalho Viana
Orientadora Cooperante do Projeto: [REDACTED]



	Eu sonho com um mundo em que um homem A nenhum outro homem desprezará, No qual o amor abençoará a terra E a paz seu caminho adornará. Eu sonho com um mundo no qual todos Conhecerão o doce caminho da liberdade, No qual a ganância não mais desgastará a alma Nem a avareza desvirtuará nosso dia. Um mundo que eu sonho no qual preto ou branco, Qualquer que seja sua raça, Compartilhará as bênçãos da terra E no qual todo homem será livre, Onde a desventura será banida E a alegria, tal qual uma pérola, Assistirá as necessidades de toda a humanidade. Com isso eu sonho, meu mundo! Langston Hughes
--	---

*Material produzido no âmbito do Estágio do Mestrado em Educação Área de Especialização Mediação Educacional da Universidade do Minho

**Bibliografia: Boyes-Watson, C. & Pranis, K. No coração da esperança: guia de práticas circulares: o uso de círculos de construção da paz para desenvolver a inteligência emocional, promover a cura e construir relacionamentos saudáveis. Trad. Fatima Bastiani. Porto Alegre: Tribunal de Justiça do Estado do Rio Grande do Sul, Departamento de Artes Gráfica, 2011.

APÊNDICE 18 – QUESTIONÁRIO DIRECIONADO PARA AS PROFISSIONAIS DA EQUIPE DO GAAP

Título do Projeto: Ser, Conectar e Aprender: uma trajetória guiada pela mediação escolar para a promoção do sucesso educativo a partir de uma cultura de paz.

Objetivos nucleares do Projeto: Prevenir e gerir conflitos escolares, fortalecer a cultura de paz na escola e construir estratégias facilitadoras do sucesso escolar.

Contexto de Formação: Estágio de natureza Profissionalizante_Mediação Educacional.

Contexto do Projeto: [REDACTED]

Responsável do Projeto: Claudia Weyne Melo de Castro

Orientadora Científica do Projeto: Doutora Isabel Maria Torre Carvalho Viana

Orientadora Cooperante do Projeto: [REDACTED]





**Questionário sobre o Círculo de Construção de Paz direcionado à
Equipa do Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família da Escola
Básica [REDACTED]**

Sobre o Círculo de Construção de Paz voltado para a Equipa do Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família da Escola Básica [REDACTED] por favor, preencha o questionário marcando um **X** nos espaços correspondentes à sua resposta quanto às questões indagadas.

	SIM	NÃO
Você já conhecia os Círculos de Construção de Paz?	☐	☐
Você gostou de participar da atividade desenvolvida?	☐	☐
Você gostaria que essa atividade acontecesse com maior frequência na escola?	☐	☐
Você gostou do Círculo de Construção de Paz como uma forma de celebração?	☐	☐

APÊNDICE 19 – DIÁRIO DE BORDO DO CÍRCULO DE CONSTRUÇÃO DE PAZ DIRECIONADO PARA AS PROFISSIONAIS DA EQUIPE DO GAAF

Título do Projeto: Ser, Conectar e Aprender: uma trajetória guiada pela mediação escolar para a promoção do sucesso educativo a partir de uma cultura de paz
Objetivos nucleares do Projeto: Prevenir e gerir conflitos escolares, fortalecer a cultura de paz na escola e construir estratégias facilitadoras do sucesso escolar.
Contexto de Formação: Estágio de natureza Profissionalizante – Mediação Educacional
Contexto do Projeto: [REDACTED]
Responsável do Projeto: Cláudia Weyne Melo de Castro
Orientadora Científica do Projeto: Doutora Isabel Maria Torre Carvalho Viana
Orientadora Cooperante do Projeto: [REDACTED]



DIÁRIO DE BORDO

DATA: 27/02/2024

AÇÃO DO DIA: Círculo de Celebração com Equipe do GAAF

OBJETIVOS	DESCRIÇÃO
- Celebrar o encerramento das atividades presenciais do Projeto na Escola - Perceber o impacto do Projeto para o Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família - Constatar de forma qualitativa o resultado do projeto a curto prazo. - Compartilhar com a Equipe do GAAF a experiência do Círculo de Construção de Paz, uma vez que nem todas as pessoas que fazem parte do Gabinete puderam participar na outra oportunidade apesar de estarem muito interessadas de o integrarem.	- A atividade foi proposta para ser a última intervenção presencial a ser realizada. Isso porque ela tinha como proposta celebrar esse momento de encerramento desta fase do projeto (intervenções presenciais). - Foi planeado um Círculo de Construção de Paz não conflitivo, qual seja, Círculo de Celebração, o qual foi pensado e formatado com o intuito de marcar este momento e confraternizar com as pessoas mais envolvidas diretamente no Projeto. Teve como intuito tentar perceber o impacto já proporcionado pelo Projeto tanto para o GAAF quanto para a própria Escola. - Este Círculo de Construção de Paz não estava inicialmente planeado. No entanto no decorrer das atividades percebi a necessidade de o fazê-lo porque algumas pessoas que compõem a equipe do GAAF ficaram frustradas por não ter conseguido participar da experiência anterior e pediram por outra atividade neste formato. Então utilizei o Círculo de Construção de Paz como forma de encerramento e de avaliação da percepção dos resultados do Projeto pela Equipe do GAAF.

Título do Projeto: Ser, Conectar e Aprender: uma trajetória guiada pela mediação escolar para a promoção do sucesso educativo a partir de uma cultura de paz
Objetivos nucleares do Projeto: Prevenir e gerir conflitos escolares, fortalecer a cultura de paz na escola e construir estratégias facilitadoras do sucesso escolar.
Contexto de Formação: Estágio de natureza Profissionalizante – Mediação Educacional
Contexto do Projeto: [REDACTED]
Responsável do Projeto: Cláudia Weyne Melo de Castro
Orientadora Científica do Projeto: Doutora Isabel Maria Torre Carvalho Viana
Orientadora Cooperante do Projeto: [REDACTED]

POTENCIALIDADES	CONSTRANGIMENTOS
- Adesão do Grupo à proposta do Círculo - A ideia era que o Círculo fosse de celebração pelo fim das atividades presenciais no contexto. Deu muito certo pois todas trouxeram os pontos positivos do projeto na escola. - Também pela fala do Grupo pude notar que o projeto fez diferença na escola quando à diminuição dos conflitos entre alunos, alunos e professores e indisciplinas. - As participantes do círculo também afirmaram sobre o quanto o GAAF ficou desafiado durante o desenvolvimento do Projeto pois o Gabinete não estava mais precisando atuar na linha de frente.	- Não levei lenços descartáveis. Algumas participantes do Círculo se emocionaram e começaram a chorar. Eu não tinha lenços para dá-las no momento. Uma das pessoas tinha e pegou na bolsa. - Em um momento duas pessoas discordaram sobre um tema falado.
INFERÊNCIAS	
- Eu estava bem preocupada com o tempo por conta da atividade de arte que foi preparada para o momento do check-in. Mas no final deu certo, apesar de eu só ter feito na atividade principal duas perguntas que, no entanto, foram suficientes para o objetivo do círculo. - Todas gostaram muito da experiência e pediram que eu a repetisse nas oportunidades em que eu estivesse de volta à cidade de Braga.	
OBSERVAÇÃO CRÍTICA	
- Fiquei um pouco nervosa com a emoção que algumas participantes sentiram pois confesso que eu não esperava, uma vez que o círculo era de celebração e centrado bastante no projeto. No entanto, me surpreendi e a emoção veio à flor da pele em alguns momentos. Fiz o máximo que eu pude para me tranquilizar e estabilizar o círculo.	

APÊNDICE 20 – QUESTIONÁRIO DA AVALIAÇÃO GLOBAL

Questionário

Este é um questionário dirigido às Diretoras de Turma do 6º ano da Escola [REDACTED]

O objetivo do presente questionário é perceber a evolução comportamental e relacional com impacto na aprendizagem dos alunos, após as intervenções realizadas no contexto do Projeto de Investigação e Intervenção "Ser, Conectar e Aprender: uma trajetória guiada pela mediação escolar para a promoção do sucesso educativo a partir de uma cultura de paz".

As informações recolhidas por meio deste questionário vão nos ajudar a perceber os resultados das intervenções realizadas.

Todas as respostas serão tratadas de forma estritamente CONFIDENCIAL.

Esse questionário é anônimo, sigiloso e individual, por isso lhe pedimos que o responda com sinceridade e dizendo exatamente o que você pensa ou sente em relação ao que tem vivenciado NOS ÚLTIMOS 3 MESES.

Respondê-lo é importante porque possibilitará conhecer os resultados das intervenções realizadas.

Por favor, leia cada pergunta atentamente e assinale a(s) alternativa(s) respondendo o que tem acontecido em sua turma.

Agradecemos muito a sua colaboração!

* Indica uma pergunta obrigatória

1. Em uma escala de 0 a 5, sendo 0 o grau mínimo e 5 o grau máximo, o quanto a Diretora de Turma considera a sua turma disciplinada? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ 0
☐ 1
☐ 2
☐ 3
☐ 4
☐ 5

2. Do início do ano letivo para a atualidade, a Diretora de Turma percebeu alguma melhoria no que diz respeito à disciplina dos alunos? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim
☐ Não

3. Em uma escala de 0 a 5, sendo 0 o grau mínimo e 5 o grau máximo, o quanto a Diretora de Turma considera a sua turma conflituosa? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ 0
☐ 1
☐ 2
☐ 3
☐ 4
☐ 5

4. Do início do ano letivo para a atualidade a Diretora de Turma percebeu alguma melhoria no que diz respeito à conflituosidade da turma? *

Marcar apenas uma oval.

☐ Sim

☐ Não

5. A Diretora de Turma percebeu alguma mudança de comportamento dos alunos após os três encontros realizados no contexto do Projeto? *

Marcar apenas uma oval.

☐ Sim

☐ Não

6. Se a resposta da questão anterior for afirmativa, por favor assinale o item que indica em que aspecto houve mudança de comportamento dos alunos (mais de um item pode ser assinalado). Se a resposta for negativa, por favor, assinale o item que indica esta situação. *

Marque todas que se aplicam.

☐ Colaboração

☐ Cooperação

☐ Comunicação

☐ Escuta

☐ Respeito ao próximo

☐ Empatia

☐ Não houve mudança

7. A Diretora de Turma acredita que houve alguma melhoria no clima escolar em sala de aula? *

Marcar apenas uma oval.

☐ Sim

☐ Não

8. A Diretora de Turma percebeu alguma melhoria no que diz respeito ao sucesso educativo dos alunos, tendo em consideração o sucesso educativo de forma abrangente (auto-regulação, habilidades sociais/relacional e resultados escolares)? *

Marcar apenas uma oval.

☐ Sim

☐ Não

9. A Diretora de Turma acredita que as intervenções realizadas no âmbito do projeto (mediações, escuta empática, encontros em sala de aula, etc) trouxeram benefícios para os alunos e alunas da sua turma? *

Marcar apenas uma oval.

☐ Sim

☐ Não

10. A Diretora de Turma acredita que as intervenções realizadas no âmbito do projeto (mediações, escuta empática, encontros em sala de aula) contribuíram para a melhoria da convivência dos alunos com os professores, funcionários e outros alunos da escola? *

Marcar apenas uma oval.

☐ Sim

☐ Não

11. A Diretora de Turma deseja acrescentar algum comentário sobre o trabalho desenvolvido no âmbito do Projeto "Ser, Conectar e Aprender: uma trajetória guiada pela mediação escolar para a promoção do sucesso educativo a partir de uma cultura de paz"?
